

Acts of the Apostles
By:UPC of Brazil

ATOS DOS APÓSTOLOS

ÍNDICE

Lição		Pág.
01	O Livro Dos Atos.....	03
02	A Igreja Em Jerusalém.....	11
03	Descida Do Espírito Santo.....	19
04	Na Porta Chamada Formosa.....	27
05	Na Prisão.....	33
06	O Primeiro Ato Disciplinar Da Igreja.....	38
07	A Necessidade De Organização.....	45
08	A Igreja Na Judéia E Samaria.....	56
09	Conversão E Primeiros Labores De Saulo.....	65
10	A Obra De Pedro.....	73
11	De Volta A Jerusalém.....	82
12	A Perseguição.....	89
13	Primeira Viagem Missionária.....	95
14	Paulo E Barnabé Em Icônio, Listra E Derbe.....	102
15	Dificuldades Sobre A Circuncisão E O Concílio Em Jerusalém.....	106
16	A Segunda Viagem Missionária.....	111
17	Paulo Em Tessalônica E Atenas.....	122
18	Paulo Em Corinto	131
19	Paulo Em Efeso	138
20	Paulo Despede-Se Dos Efésios.....	145
21	Paulo Em Jerusalém.....	153
22	A Defesa De Paulo Perante Os Judeus Em Jerusalém	160
23	Paulo É Transferido Para Cesaréia.....	165
24	O Julgamento De Paulo Diante Do Governador Felix	170
25	Paulo Perante Festo.....	176
26	Paulo Perante O Rei Agripa.....	181
27	Paulo, O Náufrago.....	185
28	Paulo Em Malta E Em Roma.....	192

O LIVRO DOS ATOS

I. INTRODUÇÃO GERAL AO LIVRO DE ATOS

A. *O Nome Do Livro:*

O livro dos Atos dos Apóstolos, sem dúvida, recebeu seu título depois de sair das mãos do seu escritor – como acontecia com os livros daquele tempo. Uma leitura superficial é suficiente para descobrir que o título, Atos dos Apóstolos, é por demais abrangente; o livro faz pouca menção dos apóstolos e não se detém muito em narrar a história de qualquer um deles. O livro não é, de forma alguma, a história completa do período de que trata, sendo, antes de tudo, uma seleção de eventos, revelando a direção, as tendências, os princípios e a paixão da primeira geração do cristianismo.

Atos do Senhor, ou Atos do Espírito Santo, são títulos às vezes sugeridos como sendo mais apropriados para esse livro. Os evangelhos narram “o que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar, até o dia em que foi recebido em cima” (Atos 1:1-2). Mas o livro dos Atos relata o que Jesus continua a fazer na terra, enquanto nos céus, por intermédio de Seu Espírito, agora nos crentes.

Mateus é o evangelho do Pai; Marcos é o evangelho do Servo; Lucas é o evangelho do Filho do Homem; João é o evangelho do Filho de Deus; e Atos é o evangelho do Espírito Santo.

B. *O Nome Do Autor Do Livro:*

O autor do livro é o Espírito Santo (II Pedro 1:21).

C. *O Escritor Do Livro:*

- I. Lucas foi o escritor, tanto do Evangelho de Lucas, quanto do Livro de Atos. Ele inicia este último fazendo referência ao “Primeiro tratado”, que foi o Evangelho que leva seu nome.

Ambos os livros foram dirigidos à mesma pessoa (Atos 1:1; Lucas 1:3).

2. Ele é identificado como sendo o escritor, pelas seguintes razões:
 - a. O escritor era companheiro do Apóstolo Paulo e encontrou-se com ele em Trôade;
 - b. O pronome pessoal “nós” revela que Lucas estava na companhia de Paulo (Atos 16:10-17; 27:1-28). Pelo processo de eliminação, o escritor tem que ser Lucas, porque, ao dizer “nós”, ele menciona todos os demais companheiros de Paulo;
 - c. Além disso, é evidente que este livro foi escrito pelo mesmo escritor do Evangelho de Lucas. Ele era médico, e, portanto, metuculoso ao pesquisar e escrever;
 - d. Seu caráter e personalidade podem ser evidenciados em seus escritos e em algumas referências bíblicas a sua pessoa (Lucas 1:3; Colossenses 4:14; II Timóteo 4:11; Filemom 24);
 - e. Lucas respondeu ao chamado para a Macedônia, juntamente com Paulo, e, mais tarde, esteve à frente da igreja em Filipos, por aproximadamente seis anos. Ele estava com Paulo durante o seu segundo aprisionamento (II Timóteo 4:11);
 - f. Lucas estava apto para escrever a parte final deste livro, por causa do seu conhecimento e da sua experiência pessoal. Possivelmente, ele tenha mantido algum tipo de diário. Para o Evangelho de Lucas e para a primeira parte deste livro, ele deve ter tido acesso às informações através de Paulo, e, também, de Silas, Filipe, e outros. Mas, acima de tudo, ele foi inspirado pelo Espírito Santo, para escrever este relatório do início da Igreja.
 - g. O estilo de ambos os livros é o mesmo; cinquenta palavras comuns aos dois livros não podem ser encontradas em qualquer outra porção do Novo Testamento.

D. *Época Em Que O Livro Foi Escrito:*

1. Os eventos do Livro de Atos cobrem um período de aproximadamente 34 anos, o qual estende-se do ano 28 ou 29 até o ano 64 d.C.
2. A história confirma a opinião de que Paulo viveu e escreveu nessa época. O livro foi encerrado antes de julgamento de Paulo perante Nero. A conclusão é de que Lucas escreveu o livro durante o período de aprisionamento de Paulo em Roma, e que este começou a circular antes do julgamento do grande apóstolo. Como sabemos que o reinado de Nero se estendeu até 63-64 d.C., podemos dizer com segurança que essa foi a data provável em que o livro foi escrito.
3. O livro foi concluído por volta do ano 63 d.C. Como o livro não menciona o incêndio de Roma, no ano de 64, nem a grande perseguição aos Cristãos que se seguiu a ele, podemos presumir que foi escrito antes destes acontecimentos. A história indica que Paulo chegou a Roma no início do ano 61, e o livro termina com uma afirmação sobre os dois anos de aprisionamento de Paulo, daí podemos concluir que ele foi encerrado por volta do ano 63.

E. *Vista Geral Do Seu Conteúdo:*

Uma rápida olhada no livro identifica os seus principais movimentos. O livro divide-se, naturalmente, em duas partes. A primeira parte mostra o ministério apostólico em Jerusalém e circunvizinhança, entre o povo judeu. A segunda parte trata, principalmente, do ministério apostólico entre os gentios. Pedro é o ministro que se destaca no primeiro período, entre os judeus; Paulo é o ministro que se destaca na segunda parte, entre os gentios.

1. É a primeira história da Igreja a ser escrita.
2. Abrange trinta e quatro a trinta e cinco anos de história, em vinte e oito capítulos.
3. É um livro de inícios, tal como o livro de Gênesis, e é tão

importante quanto ele. Fala dos seguintes começos:

- a. Princípio da obra do Espírito Santo nos corações humanos como o batizador;
- b. Princípio da pregação do Evangelho Completo;
- c. Princípio da Igreja;
- d. Princípio da dispensação cristã (Dispensação da Graça), a dispensação do Espírito Santo;
- e. Princípio da salvação por meio do sangue de Jesus Cristo;
- f. Princípio da evangelização mundial. No primeiro capítulo, verso 8, temos a agenda desta evangelização mundial: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra.” (Atos I: 8).

O livro está centralizado no trabalho de dois grandes apóstolos:

- a. Pedro entre os judeus (Gálatas 2:7-10)
 - b. Paulo entre os gentios (Romanos I: 16-17)
5. O livro gira em torno de quatro grandes centros geográficos:
- a. Jerusalém
 - b. Antioquia da Síria
 - c. Éfeso
 - d. Roma
6. O livro nos permite ver a execução divina da grande comissão:

Mateus 28:18-20; Marcos 16:15-16; Lucas 24:46-47

F. *Seu Propósito E Sua Importância:*

1. O Livro dos Atos é a ponte que liga os Evangelhos e as Epístolas. Os Evangelhos registram a vida e o ministério de Jesus, enquanto esteve aqui na terra. Após a sua morte, sepultamento e ressurreição, Ele ascendeu aos céus para que

pudesse realizar o seu propósito nos corações dos homens (João 16:7). O Livro dos Atos registra o cumprimento da promessa que anunciava o nascimento da Igreja. As Epístolas que se seguem são cartas de instruções às pessoas e igrejas que nasceram na Igreja do Senhor, desde o Dia de Pentecoste.

2. O Livro dos Atos é importante, primeiramente como um comentário doutrinário sobre a maneira como qualquer pessoa pode nascer na igreja do Novo Testamento. É natural que encontremos neste livro a descrição do NOVO NASCIMENTO, pois é ele quem conta a história do nascimento da igreja. O Livro dos Atos mostra claramente como uma pessoa é salva ou nascida de novo. As Epístolas contêm instruções para aqueles que já experimentaram o Novo Nascimento. É por isso que os que ainda não o experimentaram muitas vezes rejeitam o seu conteúdo.
3. O Livro dos Atos é também um livro-texto de Evangelismo e Missões. Ele nos dá um padrão para o governo da Igreja e estabelece princípios para o Evangelismo e o trabalho missionário.
4. De maneira breve, estas páginas de inspirada história da Igreja, revelam o verdadeiro significado e missão da igreja e mostram como os homens são nascidos nesta igreja.

RESUMO DO CONTEÚDO:

1. O Livro dos Atos narra a história do nascimento e dos primeiros dias da igreja. Ele não nos conta a história completa do período que ele cobre. Porém, nos dá uma seleção dos incidentes que mostram o envolvimento e o crescimento da Igreja, desde a ascensão de Cristo até o aprisionamento de Paulo em Roma e o início de seu ministério naquela cidade.
2. O Livro descreve a primeira geração do Cristianismo. É evidente que Deus determinou que o Livro dos Atos dos Apóstolos fosse um recurso para o conhecimento e a compreensão do verdadeiro fundamento do Cristianismo. Este

livro inspirado é o divino e infalível guia para os verdadeiros cristãos e também um acurado registro histórico do início da igreja.

H. *Atos É Um Livro-Texto De Salvação E De Evangelismo:*

1. Uma introdução ao plano de salvação.

a. Os capítulos iniciais revelam o plano da salvação que Jesus Cristo veio trazer a toda a humanidade. Os evangelhos revelam Jesus como o Messias, enquanto que o Livro dos Atos abre a porta para a salvação alcançada através da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus.

b. O escritor nos dá uma clara revelação de como a salvação veio à humanidade. Atos 2: 1-4 apresenta-nos um relato inicial do nascimento da Igreja, quando o Espírito de Deus verdadeiramente entrou no coração do homem. O sermão de Pedro, que se segue ao relato do derramamento do Espírito Santo (Atos 2: 14-36), explica que este é o cumprimento da promessa de Deus de providenciar um Salvador e a salvação. Pedro não deixa dúvida sobre o significado de sua mensagem e sua aplicação prática. Ele afirma claramente que a resposta de Deus à pergunta do homem sobre a salvação tem que ser:

"Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo" (Atos 2:38).

c. Um Livro-texto de Evangelismo.

O Livro dos Atos ensina que o trabalho ou missão da Igreja é o evangelismo. A palavra chave é testemunhar. Ele mostra a obra do Espírito Santo operando através do homem, para continuar a obra do Senhor Jesus aqui na Terra. O livro inteiro ilustra Marcos 16:20 e mostra como o evangelismo tomou-se possível através do poder do Espírito Santo:

“E eles, tendo partido, pregaram em toda a parte, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a palavra por meio de sinais, que se seguiam.” (Marcos 16:20)

- d. O versículo chave do livro é Atos 1:8, que identifica o poder do Evangelismo como sendo a operação do Espírito Santo no crente, para fazer dele uma testemunha. A palavra “testemunha” aparece mais de trinta vezes no livro.

“Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia, e Samaria, e até os confins da terra” (Atos 1:8).

PENSAMENTOS SUPLEMENTARES:

As palavras “o primeiro livro” referem-se ao evangelho que apresenta, em sua glória sem par, a pessoa de Jesus Cristo, o homem perfeito, o Deus-homem - não o inverso. (I Timóteo 3: 16).

O mesmo homem começa agora um novo livro, a continuação dos Atos é ensino da mesma pessoa. Quando nós nos reunimos no dia de hoje, não o fazemos em memória de um líder morto, mas na presença de um Senhor vivo. O primeiro livro foi concemente a tudo o que Jesus “começou” a fazer e a ensinar. Este livro trata das coisas que ele continua a fazer e a ensinar.

Nos evangelhos, se vê o Cristo como Emanuel, Deus conosco; Deus manifestado na carne humana. Nos Atos, se vê a Igreja como o instrumento pelo qual o Espírito Santo se movimenta para a salvação e a vitória. A Igreja tomou-se o instrumento de sua vitória.

O corpo humano, por intermédio do qual ele começou tanto a fazer como ensinar, foi além do alcance da vista dos discípulos. Não parou de existir, mas, para benefício deles, passou da vista deles, para dar lugar ao corpo por intermédio do qual ele haveria de continuar a fazer e a ensinar, ou seja, a sua igreja.

Um fato, muito comentado por um crescente número de eruditos através dos séculos, é que o Livro dos Atos dos Apóstolos não está completo. É notável que ele não tenha conclusão, como os

demais livros. Encerra com um advérbio, na língua original, que se traduz para o português como: “sem impedimento algum”. Por quê? Sem dúvida, é porque a história da obra do Espírito Santo na terra não findou com o último versículo desse livro. Os atos de Cristo redutivo, por Seu Espírito, continuam a ser realizados!

J. *A Divisão Do Livro Dos Atos:*

Os estudiosos do assunto usam diversas maneiras para dividir o Livro de Atos, dependendo do propósito a que o estudo se destina. Usaremos o seguinte plano:

1. A Igreja em Jerusalém - Atos 1:1-7:60
2. A Igreja na Judéia e Samaria - Atos 8:1-9:43
3. O Período Intermediário, a Conversão de Saulo, de Comélio e a Fundação da Igreja em Antioquia - Atos 10:1-12:25
4. A Igreja nos Confins da Terra - Atos 13:1-28:31

“E eles, tendo partido, pregaram em toda a parte, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a palavra por meio de sinais, que se seguiam.” (Marcos 16:20)

- d. O versículo chave do livro é Atos 1:8, que identifica o poder do Evangelismo como sendo a operação do Espírito Santo no crente, para fazer dele uma testemunha. A palavra “testemunha” aparece mais de trinta vezes no livro.

“Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia, e Samaria, e até os confins da terra” (Atos 1:8).

PENSAMENTOS SUPLEMENTARES:

As palavras “o primeiro livro” referem-se ao evangelho que apresenta, em sua glória sem par, a pessoa de Jesus Cristo, o homem perfeito, o Deus-homem - não o inverso. (I Timóteo 3: 16).

O mesmo homem começa agora um novo livro, a continuação dos Atos é ensino da mesma pessoa. Quando nós nos reunimos no dia de hoje, não o fazemos em memória de um líder morto, mas na presença de um Senhor vivo. O primeiro livro foi concemente a tudo o que Jesus “começou” a fazer e a ensinar. Este livro trata das coisas que ele continua a fazer e a ensinar.

Nos evangelhos, se vê o Cristo como Emanuel, Deus conosco; Deus manifestado na carne humana. Nos Atos, se vê a Igreja como o instrumento pelo qual o Espírito Santo se movimenta para a salvação e a vitória. A Igreja tomou-se o instrumento de sua vitória.

O corpo humano, por intermédio do qual ele começou tanto a fazer como ensinar, foi além do alcance da vista dos discípulos. Não parou de existir, mas, para benefício deles, passou da vista deles, para dar lugar ao corpo por intermédio do qual ele haveria de continuar a fazer e a ensinar, ou seja, a sua igreja.

Um fato, muito comentado por um crescente número de eruditos através dos séculos, é que o Livro dos Atos dos Apóstolos não está completo. É notável que ele não tenha conclusão, como os

demais livros. Encerra com um advérbio, na língua original, que se traduz para o português como: “sem impedimento algum”. Por quê? Sem dúvida, é porque a história da obra do Espírito Santo na terra não findou com o último versículo desse livro. Os atos de Cristo redivivo, por Seu Espírito, continuam a ser realizados!

J. *A Divisão Do Livro Dos Atos:*

Os estudiosos do assunto usam diversas maneiras para dividir o Livro de Atos, dependendo do propósito a que o estudo se destina. Usaremos o seguinte plano:

1. A Igreja em Jerusalém - Atos 1:1-7:60
2. A Igreja na Judéia e Samaria - Atos 8:1-9:43
3. O Período Intermediário, a Conversão de Saulo, de Comélio e a Fundação da Igreja em Antioquia - Atos 10:1-12:25
4. A Igreja nos Confins da Terra - Atos 13:1-28:31

A IGREJA EM JERUSALÉM

Atos 1:1 a 7:60

Todos o acontecimentos dos primeiros sete capítulos podem ser reunidos sob o título: “A IGREJA EM JERUSALÉM”. Somente no capítulo oito, por ocasião da perseguição levantada por Saulo de Tarso, é que a Igreja espalhada começou a cumprir o segundo estágio de Atos 1:8.

Dentro dos muros de Jerusalém, foram destacados quatro edificios importantes. Seus nomes são:

1. O Cenáculo - Casa de debate
2. O Templo - Lugar de adoração
3. A Prisão Pública – Cárcere
4. A Sinagoga dos Libertos - Assembléia ou lugar de oração/adoração.

Dentro e ao redor desses edificios, se deram todos os acontecimentos relatados nos primeiros sete capítulos.

I. INTRODUÇÃO (1:1-5)

A. “Escrevi o primeiro livro” - O Evangelho de Lucas foi dirigido à mesma pessoa a quem é dirigido o livro de Atos, um certo Teófilo. Este é um nome grego que significa “amante de Deus”. É provável que ele tenha sido um oficial ou, no mínimo, uma pessoa culta e de alta posição. No “primeiro livro” Lucas relatou tudo o que Jesus “começou a fazer e a ensinar”. O que Jesus começou, Ele vai terminar. (Hebreus 12:2).

B. O “primeiro livro” terminou com o relato da ascensão de Jesus aos céus. Lucas 24:50-53 afirma que Jesus só foi recebido nas alturas “depois de haver dado mandamentos, por intermédio do Espírito Santo, aos apóstolos que escolhera”.

Jesus deu esses “mandamentos”, ou seja, o que nós chamamos

“a Grande Comissão”, mais de uma vez. Observe o seguinte:

1. As Instruções de Jesus durante 40 dias:
 - a. **No Evangelho de João** - A Primeira Comissão
Lugar - Jerusalém (João 20:1,19)
Ocasão - O primeiro dia da semana (João 20:22-23)
 - b. **O Evangelho de Mateus** - A Segunda Comissão
Lugar - Galiléia (Mateus 28:10)
Ocasão - Algum momento durante os 40 dias (Mateus 28:18,19)
 - c. **O Evangelho de São Marcos** (Marcos 16:7, 15, 16, 17)
 - d. **O Evangelho de Lucas** - A Terceira Comissão
Lugar - Jerusalém (Lucas 24:33)
Ocasão - Logo antes da ascensão (Lucas 24:46,47).

A conclusão é que a Grande Comissão não foi dada uma única vez.

C. “A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias.” A grande tarefa dos apóstolos seria a de dar testemunho da ressurreição de Jesus. Veja Atos 1:22; 10:39-41. “A este ressuscitou Deus no terceiro dia, e concedeu que fosse manifesto, não a todo o povo, mas às testemunhas que foram anteriormente escolhidas por Deus, isto é, a nós que comemos e bebemos com ele, depois que ressurgiu dentre os mortos.”

D. “Falando das coisas concementes ao reino de Deus.” (Veja Atos 1:3,6).

1. Natureza
2. Campo de ação
3. Caráter

Reino de Deus e reino de Jesus são a mesma coisa, pois Deus e Jesus são a mesma pessoa.

E Lucas ainda nos dá, no versículo 5, mais uma preciosa informação sobre o comentário feito em seu “primeiro livro”, quando Jesus disse “Permanecei, pois, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder” (Lucas 24:49). Agora, Lucas esclarece que essa é a promessa do Pai, que haviam ouvido dos lábios do Senhor Jesus. A promessa é também dada em João 14:16, e, para que não ficassem confundidos a respeito do que essa promessa incluía, são repetidas as palavras de João Batista, em Mateus 3:11-12 “Sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias.” (João 20:22).

II. NO MONTE DAS OLIVEIRAS (1:6 -11)

A. *A Interrogação dos Apóstolos:*

Versículo 6 – “Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?” Jesus havia falado aos onze certas coisas a respeito do reino de Deus. Eles tinham andado com Jesus, ouvindo-O, desde o primeiro dia até agora, o último de Sua permanência física na terra, e, contudo, ainda não haviam libertado suas mentes da idéia da restauração física, política, do reino de Davi a Israel. Jesus e os escritores do Novo Testamento falam de um Reino Espiritual. (I Coríntios 12:13, Colossenses 3:15, Efésios 2:11-22, com ênfase nos versículos 16-19).

Versículos 7, 8 – Jesus não os repreendeu, mas tão somente lembrou-lhes que não lhes competia saber acerca do “tempo” da vinda do reino, o que também era de importância secundária. A verdade realmente revestida de suma importância, e que não deviam esquecer, era a promessa que Ele lhes havia feito no Cenáculo, de que eles deveriam aguardar o poder do alto, e que, por meio deste poder que lhes seria proporcionado, seriam Suas Testemunhas “tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra.” Jesus queria que eles dessem importância à pregação do evangelho e não a um sistema político.

1. Promessas do Espírito Santo.

Ezequiel 11:19; 36:26-27, Joel 2:28, Mateus 3:11, João

14:16-26; 15:26.

B. *Ascensão* (9-11) (Confira com Lucas 24:50-51)

1. A visão – “E quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o de seus olhos”.
2. Os dois varões vestidos de branco - os visitantes celestiais. Em muitos dos grandes momentos de sua vida, Jesus foi visitado e ministrado pelos anjos:
 - a. No nascimento - Mateus 1, Lucas 2;
 - b. Na tentação - Marcos 1:13
 - c. No Jardim de Getsêmani - Lucas 22:43;
 - d. Na ascensão - Atos 1:10-11
3. A pergunta, “Por que estais olhando para o céu?” Estavam fora da cidade. Atos 1:4; Lucas 24:49-50.
4. A promessa – “Este mesmo Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir, assim como para o céu o vistes ir.” Esta é a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo.” (Tito 2:13).

III. NO CENÁCULO (1:12-26)

A. *O Retorno a Jerusalém:*

Ao ler Lucas 24:52-54, observa-se que os onze voltaram para Jerusalém “tomados de grande júbilo” e que estavam sempre no templo, “louvando a Deus”. Por estas palavras, podemos concluir que eles passavam todo seu tempo aguardando o batismo do Espírito Santo, ou no Templo, ou no Cenáculo. O monte chamado das Oliveiras (ou Olival) fica cerca de mil e quinhentos metros a leste de Jerusalém. Essa é a distância chamada de “jomada de um sábado”.

B. *Perseverança na oração* (13-14)

Imediatamente depois de entrarem na cidade, os onze entraram no Cenáculo, com algumas das mulheres, estando presentes Maria, mãe de Jesus e seus irmãos, e deram início às orações. Estavam em completo acordo uns com os outros, e assim perseveraram em oração, até vir sobre eles o Espírito Santo.

C. *O Lugar de Judas é Preenchido* (15-26)

Mil anos antes do nascimento de Cristo, Davi, o homem segundo o coração de Deus, escreveu estas palavras: “Fique deserta a sua morada; e não haja quem nela habite...” e “tome outro o seu encargo...”. Davi não sabia que essas palavras seriam cumpridas mil anos depois, na pessoa de Judas Iscariotes, o traidor de Jesus. Porém, o mesmo Espírito que falou essas palavras na mente de Davi, dirigiu o seu cumprimento. Pedro se levantou em meio aos cento e vinte irmãos, a fim de esclarecer que aquele filho da perdição era a pessoa sobre a qual falara a profecia. Pedro oferece cinco fatos sobre Judas Iscariotes, nos versículos 16-20, a saber:

1. Ele “foi guia daqueles que prenderam a Jesus.”
2. Ele “era contado entre nós, isto é, “era um dos doze”.
3. E “teve parte neste ministério”, isto é, teve parte tão ativa no apostolado como qualquer outro dos apóstolos escolhidos pelo Senhor Jesus
4. Ele “adquiriu um campo com o preço da iniquidade”. É comum se dizer que este “campo” que Judas “adquiriu” com o preço da iniquidade é o mesmo que os sacerdotes compraram com as moedas devolvidas por Judas. A verdade é que são dois campos bem diferentes. Um foi comprado por Judas, e o outro foi comprado pelos sacerdotes. É bem verdade que os dois campos são chamados “campo de sangue”, mas por razões bem diferentes. Vejamos:

Mateus diz que os sacerdotes “compraram o campo de um oleiro”. A palavra “campo” nesta passagem vem de “agros”,

que significa um campo mesmo.

Pedro, em Atos 1:18, diz que Judas “adquiriu um campo”. A palavra aqui traduzida por “campo” é “chorion” que quer dizer “sítio”, ou “chácara”. As duas palavras são bem diferentes.

Os dois verbos são também diferentes. O verbo usado em Mateus é “agoradzo”, e significa comprar na praça abertamente. O verbo usado em Atos é “ktaomai” e quer dizer “adquirir” ou “obter” para si mesmo.

As duas ocasiões de compra são também bem diferentes. Em primeiro lugar, o “campo” de Judas foi comprado (adquirido) antes de ele receber as trinta moedas dos sacerdotes. Ele o “adquiriu com o preço da iniquidade”. Aliás, Judas só recebeu as trinta moedas de prata depois de entregar Jesus (Lucas 22:5). Não houve tempo para comprar um campo depois de receber o preço da traição, porque esta foi consumada alta noite. Ele nem chegou a gastar qualquer uma das moedas, e voltou na manhã seguinte para lançá-las ao pé dos sacerdotes.

Como teria conseguido adquirir o seu “campo”? A resposta se encontra em João 12:6: “Era ladrão, e tinha a bolsa, e tirava o que ali se lançava.”

A conclusão, então, é esta: o outro, o sítio de Judas, foi adquirido com os pequenos roubos da bolsa dos discípulos.

Como é, então, que os dois são chamados “campo de sangue”? A razão é muito simples; Mateus 27:3-10 explica que o campo comprado pelos sacerdotes foi chamado “campo de sangue”, porque foi comprado com o preço do sangue de Jesus.

O “campo” (sítio) de Judas foi chamado “campo de sangue” porque foi ali que ele se enforcou e, “precipitando-se, rebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram” (Atos 1:18; Mateus 27:5). O sangue desse campo não tem nada com o sangue de Jesus. É chamado “campo de sangue” porque nele Judas se suicidou e derramou seu próprio sangue.

Estamos dando esta explicação acerca deste ponto, porque

é uma das chamadas “contradições da Bíblia”.

5. Ele, “precipitando-se, rompeu-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram”. Eis porque foi dado o nome de Campo de Sangue àquela propriedade.

Versículos 21-26 – Nos seis versículos seguintes temos um relato das providências tomadas. Pedro explicou cuidadosamente as qualificações necessárias para o homem que deveria tomar o lugar deixado por Judas Iscariotes. Tinha que ser um “dos homens que nos acompanharam todo o tempo em que o Senhor Jesus andou entre nós, começando no batismo de João, até o dia em que dentre nós foi elevado às alturas”. Pedro explicou também a necessidade dessa seleção. Isto era para que o homem escolhido fosse, juntamente com os outros onze, testemunha da ressurreição do Senhor Jesus. Mesmo antes do dia de Pentecoste, os apóstolos tinham compreendido as palavras do Senhor Jesus: “Sereis minhas testemunhas...” Seriam testemunhas ou proclamadores da Sua ressurreição. Os apóstolos seriam testemunhas no sentido de embaixadores, conforme II Coríntios 5:20.

Seria bom que os alunos examinassem detidamente a oração feita, pedindo a direção de Deus na escolha. “Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, revela-nos qual desses dois tens escolhido.” “E os lançaram em sorte, vindo a sorte recair sobre Matias, sendo-lhe então votado lugar com os onze apóstolos...” Há quem afirme que Matias foi somente a escolha do homem, e que ele nunca foi escolhido por Deus, dizendo, ainda, que Paulo tinha sido escolhido para tomar o lugar entre os doze. Vamos deixar que o Espírito Santo afirme a verdade sobre o assunto: “...sendo-lhe então votado lugar com os onze apóstolos.” Há uma razão muito simples para que Paulo não pudesse fazer parte com os doze apóstolos do Cordeiro. Para sê-lo, ele teria que andar com Jesus desde o princípio, do batismo de João até a ressurreição. Notemos outra vez as palavras de Pedro na casa de Comélio: “A este ressuscitou Deus ao terceiro dia, e fez que se manifestasse,

não a todo o povo, mas às testemunhas que Deus antes ordenara; a nós que comemos com ele, depois que ressuscitou dos mortos.” Assim, Matias tomou seu lugar como uma das testemunhas de Jesus.

A DESCIDA DO ESPÍRITO SANTO

Atos 2:1-47

I. O BATISMO DO ESPÍRITO SANTO:

A. *Chegara o grande dia.*

Este era o dia para o qual apontava todo o plano e todo o programa do Senhor Jesus. Sua morte e ressurreição não teriam significado, caso os homens não pudessem participar do seu resultado. Em Belém, Ele se manifestou como Emanuel - Deus conosco, mas, no Dia de Pentecoste, Ele se tomou “Cristo em nós, a esperança da glória. Estando em Cesaréia de Filipe, Jesus fez uma gloriosa promessa “...edificarei a minha igreja...” (Mateus 16:18); naquela ocasião, Jesus tinha em vista o Dia de Pentecoste. O termo Igreja (em grego: ekklesia) significa, em sua raiz, “os chamados para fora”. No dia de Pentecoste, pois, certas almas foram “chamadas” do mundo, por intermédio da pregação da Palavra, a fim de que se tomassem possessões do Senhor Jesus Cristo, para começar a formar Seu corpo de “separados do mundo”, isto é, a sua igreja. É interessante notar a mão divina na seleção daquele dia particular.

1. As pessoas apropriadas para aquele dia estavam presentes: “Homens piedosos” (2:5), prontos para receber a mensagem que lhes seria dirigida.
2. Os pregadores apropriados estavam presentes: Aqueles que o próprio Jesus escolhera e designara, seus doze apóstolos. Esses eram os homens que Jesus selecionara e ensinara preparando-os todo o tempo para aquela momentosa ocasião.
3. O Poder apropriado estava presente: O prometido poder que seria dado por ocasião do batismo do Espírito Santo foi recebido pelos 120 e, mais tarde, pelas três mil almas. A própria mãe de Jesus, Maria, o recebeu.

B. *Os Sinais Apropriados:*

1. “Um som, como de um vento impetuoso, encheu toda a casa...”
2. “Línguas como de fogo, e pousou sobre cada um deles...”
3. “Passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.”

Todos esses são símbolos do Espírito Santo. Enquanto os dois primeiros sinais se repetiram na Bíblia, o falar em outras línguas continuaram e continuam como o sinal inicial do batismo do Espírito Santo.

Podemos ter a certeza dogmática de que Atos 2:4 é o cumprimento literal de Atos 1:5. Jesus prometera o batismo do Espírito Santo e aqui estava o cumprimento da Promessa.

II. O QUE ACONTECEU NO DIA DE PENTECOSTE?

No Pentecoste, raiou um novo dia na história humana. Uma nova partida foi iniciada na economia de Deus. Tomando a Bíblia como a história do trato de Deus com a humanidade, verifica-se que nunca houve coisa parecida com isso, embora tudo tivesse sido anunciado, esperado e aguardado. Até este momento, havia expectativa sem realização.

Não que o Espírito estivesse ausente dos afazeres dos homens. A obra da criação veio por intermédio do Espírito, pairando por sobre o caos, produzindo o “cosmos”. A Bíblia faz referência ao Espírito várias vezes no Antigo Testamento, ora revestindo os homens, ora tomando a forma de homens, ora vindo em poder sobre os homens para lhe proporcionar habilidade para realização de grandes proezas, etc. Mas, dia igual a esse nunca houve. Este foi o início de uma nova etapa no plano de Deus. Tudo no plano divino era um preparatório para este acontecimento. Não poderia ter acontecido antes. Mas, quando chegou a hora certa, tudo estava preparado, toda a obra de preparação fora feita, e começou esse novo dia na economia de Deus.

No dia de Pentecoste, o que aconteceu foi simplesmente a

renovação da vida daqueles homens; foi a implantação de uma partícula de uma nova vida, um novo princípio de vida, algo que jamais haviam tido antes, nem eles, nem ninguém. Foi-lhes implantada a vida de Cristo, o Encamado, de modo que veio a esses homens algo que os fazia um com Ele, e um entre eles mesmos, constituindo-os, assim, membros da Igreja dos primogênitos.

Que mudança foi efetuada pelo derramamento do Espírito Santo? A mudança está na relação entre o Espírito Santo e o espírito humano. Antes, o Espírito Santo havia atuado sobre os homens, vindo de fora para dentro, como uma força externa; como o profeta Ezequiel o descreve: “A mão do Senhor estava sobre mim”. Agora, porém, o Espírito Santo age de dentro para fora. Ele está no homem (João 14:17). Antes do Pentecoste, suas manifestações haviam sido transitórias e excepcionais; agora, a sua presença no homem é uma coisa permanente e regular. E esta mudança tomou-se possível porque o Espírito Santo é o “Espírito de Jesus”. Foi a união das naturezas humana e divina, na pessoa de Jesus Cristo, que tomou possível que o Espírito divino habite numa pessoa humana.

Assim, o Pentecoste testemunhou a introdução de uma nova ordem de vida no mundo, a vida do divino Espírito na humanidade. E, assim como a união da natureza divina com a natureza humana, na encamação, foi manifestada por um nascimento singular e miraculoso, era de se esperar que o “novo nascimento” “do Espírito” fosse singular também. Toda nova etapa na vida ou no pensamento é, inevitavelmente, acompanhada por distúrbios. Há uma luta entre a velha ordem e a nova. Assim, a vinda do Espírito destaca-se por fenômenos singulares e excepcionais. Como o Rio Jordão, o pleno e abundante derramamento do Espírito “transborda sobre todas as ribanceiras” (Josué 3:15). Os vasos velhos e gastos da humanidade não podem contê-lo, e há um transbordamento de experiências inéditas e singulares.

III. QUE QUER ISTO DIZER?

A atenção da multidão foi imediatamente focalizada no “falar em outras línguas” manifestada pelos galileus. “O idioma que

empregavam era seu próprio, comum e familiar, mas hebraico, ou grego, ou latim, ou aramaico, ou persa, ou árabe, conforme uma influência, superior e não percebida, determinasse. “Cada um os ouvia falar a sua própria língua...”

A. *Quem Respondeu no Pentecoste?*

Havia necessidade de que alguém falasse “como tendo autoridade e não como os escribas.” Levantou-se um homem que podia responder a pergunta: “Que quer isto dizer?” Sim, foi Pedro, a quem Jesus dera as chaves. Não foi por acaso, mas inteiramente pela inspiração direta do Espírito Santo, que Pedro pôde dar a resposta à pergunta deles.

Ao ser cheio do Espírito Santo, Pedro foi iluminado com verdades antes desconhecidas. Isso estava de acordo com a promessa do Senhor Jesus: “Quando vier o Espírito da verdade, Ele vos guiará em toda a verdade.” Ele iluminará as mentes dos apóstolos, habilitando-os a reconhecer o cumprimento das Escrituras.

A resposta de Pedro abrangeu os seguintes pontos:

1. Refutou a zombaria dos que diziam “Estão cheios de mosto”; (Versículo 15)
2. Identificou as línguas com o derramamento do Espírito. (Versículos 17-21)
3. Revelou que falar em línguas é uma forma de profetizar. (Versículos 25-28)
4. Deixou patente que este foi um sinal conforme a exaltação de Jesus. (Versículos 32-33)

B. *O Que “Isto” Não é:*

1. “Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo esta a terceira hora do dia.” (Atos 2: 15)
2. Não é habilidade lingüística para acelerar a propagação do

evangelho.

3. Não é um milagre de audição, em vez de um milagre de falar.
4. Não é a língua santificada dos novos convertidos.
5. Não é uma articulação fanática de sons “ininteligíveis”. Os ouvintes, no dia de Pentecoste, ouviam “na sua própria língua materna” (Atos 2:8). Aqui não se trata do “dom de línguas”.
6. Não é uma possessão exclusiva da época apostólica.

C. *Algumas Razões Porque Deus Escolheu Línguas:*

1. É uma prova externa.
2. É uma prova uniforme.
3. É um símbolo do completo controle do crente pelo Espírito (Tiago 3:7,8; 1:26; 3:2).
4. Mostra o Espírito Santo como a fonte da verdade e da fala do crente (Atos 2:8).
5. Revela a honra que Deus tem colocado sobre a língua humana (Tiago 3:5, 6, 8; Mateus 12:37; Atos 1:8).
6. É um penhor da fala celestial.

IV. O SERMÃO DE PEDRO

A. *Introdução do Sermão (2:14-21) - Resposta de Pedro aos que zombavam.*

1. Primeiro chamou a atenção de seus ouvintes para o que tinha a dizer (versículo 14).
2. Primeira resposta de Pedro às acusações contra o grupo de apóstolos, baseada na hora do dia (versículo 15).
3. Segunda resposta de Pedro, baseada no fato de que os eventos daquele dia eram o cumprimento da profecia de Joel,

(versículos 16-21).

B. *O Tema do Sermão*: “Jesus é o Ungido de Deus”. (O Messias)

C. *Desenvolvimento do Sermão - Pedro levantou com os onze.*

1. As obras maravilhosas e os sinais operados por Jesus demonstraram a aprovação de Deus (versículo 22).
2. A morte de Jesus foi determinada por Jeová e foi levada a efeito pelas criminosas mãos dos romanos, impelidos pelo ódio dos judeus (versículo 23).
3. Deus, entretanto, ressuscitou a Jesus de entre os mortos (versículo 24).
4. Davi falou sobre a ressurreição e a exaltação do Ungido de Deus, o que não foi cumprido na pessoa do próprio Davi, mas sim na pessoa de Jesus de Nazaré (versículos 25-31).
5. Jesus ressuscitou do mortos, fato este atestado por testemunhas oculares (versículo 32).
6. Jesus, tendo sido exaltado, conforme fora profetizado, ocupando a Sua posição exaltada, a fim de, entre outras coisas, derramar a promessa do Espírito, o que estavam vendo e ouvindo (versículo 33).
7. Davi falou sobre a exaltação de Cristo em outro de seus Salmos (110:1). O próprio Davi não havia ascendido aos céus, mas disse que o seu Senhor, o Messias, foi convidado pelo Senhor a assentar-se à Sua direita, até que os Seus inimigos fossem subjugados (versículo 34). Pedro citou Joel e Davi.

D. *Conclusão do Sermão de Pedro*

“Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (versículo 36).

E. Os Resultados do Sermão de Pedro (37-41).

1. Convicção – “Ouvindo eles estas coisas, compungiu-se-lhes o coração...” (versículo 37).
2. Interrogação – “Perguntaram a Pedro e aos demais irmãos: Que faremos, irmãos?” (versículo 37).
3. Instrução – “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado, em nome de Jesus Cristo, para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.” (versículo 38).
4. Exortação – “Com muitas outras palavras de testemunho, e exortava-os, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa.” (versículo 40)
5. Obediência – “Então os que lhe aceitaram a palavra foram batizados.” (versículo 41).
6. Adição – “Havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas.” Assim, aqueles três mil convertidos foram adicionados à Igreja. Nasceram na família de Deus “da água e do Espírito.” (versículo 41)

Uma experiência modelo - Pedro, falando aos apóstolos a respeito dos acontecimentos da casa de Comélio, disse: “Quando, porém, comecei a falar, caiu o Espírito Santo sobre eles (os da casa de Comélio), como também sobre nós no princípio.” (Atos 11:15). O capítulo 10:44-48 revela que o Espírito Santo caiu sobre eles e que “os que vieram com Pedro os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus...” Depois, “ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo.”

7. União (versículos 43-47). Os resultados dessa reunião podem ser encontrados nos versículos 43-47.
 - a. Os apóstolos puderam trabalhar com maior sucesso (versículo 43). Isso não seria possível caso houvesse divisões.

- b. Todos os que creram estavam juntos, e o egoísmo não prevalecia (versículo 44).
- c. Aqueles crentes não somente tinham a idéia da unidade, mas também a punham em evidência (versículo 45).
- d. Essa união com Deus e uns com os outros, os levava a adorar a Deus diariamente, não somente no templo, mas também em seus próprios lares. Seu temor a Deus permitia que o cumprimento de seus deveres diários se tomassem em outras tantas alegrias (versículo 46).
- e. O resultado final e inevitável dessa união divina era a salvação de muitas almas. Visto que adoravam e louvavam com seus lábios e com suas vidas, alcançaram a simpatia e o favor do povo comum (Versículo 47).

E Deus adicionava ao seu número, diariamente, aqueles que iam sendo salvos.

Seus nomes se achavam inscritos no livro da vida do Cordeiro, e isso desde o momento em que aceitavam e obedeciam o Evangelho. Quando Jeová contempla aquela grande lista de nomes, deve dizer para Consigo mesmo: “Estes são os meus chamados, a minha Igreja!”

NA PORTA CHAMADA FORMOSA

Atos 3:1-26

O grande dia de Pentecoste havia passado, mas seu poder ainda perdurava. E é assim que deve ser em toda experiência religiosa. Agora vemos o poder do dia de Pentecoste em ação nas vidas diárias dos servos de Deus.

Esta passagem se divide, naturalmente, em dois parágrafos: a ação: 3:1-10; e o semão: 3:11-26.

I. A ORAÇÃO DA HORA NONA... (veja Êxodo 29:38-42; Salmos 55:17; Daniel 6:10 para compreender este culto judaico) (Salmos 122:1, I Tessalonicenses 5:17).

Pedro e João foram ao templo na hora da oração. Os apóstolos perseveravam nas orações (Atos 2:42). Uma das razões porque os milagres acompanhavam o ministério deles era o fato de que eles oravam continuamente.

Havia três horas durante o dia que os judeus observavam como as horas das orações públicas: a hora terceira – nove da manhã; a hora sexta – meio dia; e a hora nona – três da tarde.

A hora nona foi a hora em que Jesus morreu na cruz do Calvário. Foi através do valor da morte de Cristo que a cura veio ao pobre mendigo.

II. A PORTA DO TEMPLO, CHAMADA FORMOSA...

Esta porta de bronze, também conhecida como a Porta de Nicanor, dava para a corte das mulheres, e seu nome deriva-se da beleza singular de sua aparência.

Esta porta foi doada por Herodes e era feita de um bronze precioso vindo de Corinto. Ela media 24,5 metros de altura por 20,0 metros de largura, e eram necessários vinte homens para fechá-la.

A Porta Formosa era um tipo de outra porta muito mais bela, a porta que não somente dá entrada para o templo, mas também à presença do Altíssimo Deus. Esta porta é Jesus, que é a verdadeira

porta.

III. A CURA DO HOMEM COXO:

Trataremos aqui da primeira oposição (3:1; 4:31). As causas desta oposição foram: o milagre realizado no coxo, a pregação da ressurreição, que se seguiu a esse milagre, e o conseqüente ódio dos saduceus.

Como resultado dessa oposição, Pedro deu um novo testemunho, os sacerdotes fizeram novas ameaças, e a Igreja recebeu uma renovação de poder.

A cura do coxo foi o primeiro milagre detalhado no Livro dos Atos. O milagre foi inesperado. A história é simples. Um homem coxo, não como resultado de um acidente, nem como a conseqüência de pecado em sua própria vida, mas de nascença. O homem estava pedindo dinheiro. Quando os apóstolos lhe falaram, ele esperava receber algumas moedas. Em vez disso, recebeu a cura. A cura foi instantânea e completa e realizada no nome de Jesus.

Pedro o tomou pela mão direita. Sem dúvida alguma, o mendigo havia estendido a mão para que Pedro lhe desse alguma coisa. As mãos são usadas tanto para receber quanto para dar. A potente mão de Deus alcança o mais miserável pecador e tudo o que o pecador precisa fazer é estender as mãos para segurá-las.

O homem, de repente, deu um salto e se pôs em pé; passou a andar e entrou com eles no templo, "saltando e louvando a Deus." Não foi somente curado fisicamente, mas sua alma estava pronta para regozijar-se no Senhor.

Como se deu isto? Por uma palavra falada em nome de Jesus Cristo, o Nazareno; mas falada por um homem que estava de posse de tudo quanto indicava esse nome. "Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou..."

Pedro tomou o homem coxo pela mão (versículo 7). Ele, então, apegou-se a Pedro (versículo 11). Ele não precisava mais de ajuda, mas apegou-se aos apóstolos em alegria e amor. Da mesma forma, quando um pecador aceita Jesus, ele se apega àqueles que lhe trouxeram a mensagem de libertação.

Não mais do lado de fora, mas agora do lado de dentro do templo, o ex-mendigo regozija-se no Senhor e atrai uma grande multidão.

A. Fatos Supremos Aqui Revelados:

1. A continuação da atividade de Jesus Cristo. Ele ainda está operando, fazendo exatamente o que fazia nos dias de sua carne.
2. Notamos o começo de sua atividade através de Seu corpo, que é a Sua Igreja. Pedro e João não são mais somente discípulos isolados. São “membros de Seu corpo, de Sua carne e de Seus ossos...” Pedro e João são membros viventes do Cristo vivo e, portanto, instrumentos de Sua vontade e Seu poder.
3. O terceiro supremo fato é a comunicação de vida, a fim de corrigir a impotência. Qual a necessidade do coxo? Andar normalmente, em vez de coxear, louvar, em vez de mendigar!

B. Quais São as Lições Práticas Para a Igreja, Encontradas Nesta Passagem?

1. A oportunidade da Igreja é a humanidade aleijada, de nascença. Que retrato de miséria! A humanidade aleijada, na Porta Formosa, mas do lado de fora!
2. Em segundo lugar, aqui se revela o dom da Igreja. “Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou...” Que tem Pedro para dar à humanidade, aleijada, à Porta Formosa, do lado de fora, mendigando? Aquilo que cancela a impotência, comunica habilidade e cria adoração.
3. Qual é o método da Igreja? Ela deve falar e trabalhar em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, o Cristo vivo. (João 14:14)
4. Houve também a cooperação entre João e Pedro. “Olha para nós...” (Mateus 18:19,20).
5. Finalmente, houve contato “...Tomando-o pela mão direita, o

levantou...” A obra foi feita fora de casa, fora da igreja. Lembre-se do “Ide”. O semeador saiu para semear.

C. *O Nome de Jesus*

O “NOME” é encontrado trinta e três vezes no Livro dos Atos.

Pedro afirmou que “Pela fé em o nome de Jesus, este mesmo nome fortaleceu a este homem.” (Atos 3:16). Outra vez, ele afirma que “Não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos.” (Atos 4:12). Estas duas afirmações do apóstolo Pedro mostram que:

1. Há cura em o NOME de Jesus (Atos 3:16);
2. Há salvação no NOME de Jesus (Atos 4:12).

Há muitas, muitas bênçãos mesmo, associadas com o nome de Jesus. O batismo nas águas tem que ser administrado em o nome de Jesus. O Evangelho tem que ser pregado em o nome de Jesus. A remissão dos pecados é em o nome de Jesus Cristo. Nós somos encorajados a pedir o que quisemos em nome de Jesus. Nós temos a certeza da sua presença, quando nos reunimos em Seu nome. O nome de Jesus é uma Torre forte, onde há segurança.

IV. NO PÓRTICO DE SALOMÃO: O SERMÃO DE PEDRO (3:11-26) [Veja planta do Templo]

A. As circunstâncias do Sermão (versículo 11)

Quando o milagre reuniu uma grande multidão, Pedro usou a oportunidade para pregar-lhes o Evangelho Apostólico. A mudança que aconteceu na vida de Pedro foi um grande milagre. Pouco tempo antes, ele tinha negado ao Senhor e não teve coragem para confessar o Senhor. Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se e reconheceram que eles haviam estado com Jesus (Atos 4:13).

B. Tema: “A Glorificação do Servo de Deus – Jesus”.

C. Introdução:

A pergunta de Pedro fez a atenção do povo desviar-se de sua pessoa e da pessoa de João e centralizar-se em Deus, que fora o verdadeiro Autor da cura do coxo (versículo 12).

1. Pela fé em o nome de Jesus, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, Deus havia glorificado a seu Servo Jesus por meio desta cura (versículo 13-16).
 - a. Mas vós O entregastes e negastes (versículo 13).
 - b. Em seu lugar pedistes um homicida (versículo 14).
 - c. Matastes o próprio Autor da Vida (versículo 15).
 - d. Mas Deus O ressuscitou dos mortos, e nós somos testemunhas deste fato (versículo 15).
 - e. Nossa fé em o nome de Jesus é o que possibilitou este milagre (versículo 16).
2. Jesus foi morto por vossa ignorância, mas isto apenas cumpriu as profecias (versículos 17, 18).
3. Exortação de arrependimento e obediência, para que os seus pecados fossem cancelados e para que recebessem o dom do Espírito Santo (versículo 19).
4. Se houver obediência da vossa parte, as bênçãos da segunda vinda de Jesus vos pertencerão. Jesus permanecerá nos céus, até que todas as coisas que o Antigo Testamento diz sobre Ele sejam cumpridas (versículos 20, 21).
5. Mais evidências proféticas de que Jesus é o Messias prometido (versículos 22-24).
 - a. Moisés falou a Seu respeito (versículos 22, 23; Deuteronômio 18:18,19).
 - b. Todos os profetas falaram a respeito de Seus dias (versículo 24).

6. Uma exortação aos judeus, lembrando-lhes que são filhos dos profetas e da aliança, para que aceitem a Cristo Jesus e, assim, entrem no gozo de todas as promessas dos profetas e da aliança (versículos 25-26).

Lucas, naturalmente, nos dá apenas pequeno resumo das palavras do apóstolo Pedro. Sem dúvida, Pedro desenvolveu cada um desses pontos, usando, também de muitas ilustrações e aplicações.

NA PRISÃO

Atos 4

A mensagem de Pedro não foi concluída, pois faltava-lhe a exortação final; restava ainda a resposta do povo à exortação do apóstolo. Mas, enquanto as palavras de Pedro estavam sendo proferidas, a multidão foi rompida por um grupo de homens armados, que, precipitando-se pelo meio dos ouvintes, prenderam Pedro e João, recolhendo-os ao cárcere até o dia seguinte. Os motivos deste ato seriam dois.

Em primeiro lugar, o motivo imediato foi a perturbação da ordem, justamente na hora da oração. A cura do homem coxo causou uma agitação no templo e na área que o circundava.

Em segundo lugar, Lucas diz que os sacerdotes e os saduceus estavam ressentidos “por ensinarem eles o povo e anunciarem em Jesus a ressurreição dos mortos...” O ódio contra o “NOME” de Jesus aqui se manifesta pela primeira vez depois do Pentecoste. Note-se que a cura do coxo se deu às 3 horas da tarde, mas a prisão de Pedro e João se deu mais ou menos na hora do por do sol, dando a Pedro e João ampla oportunidade para pregar ao povo. Atos 4:3 – “Já era tarde”.

Note-se que a primeira oposição à nova igreja veio da parte dos líderes religiosos do povo. Mais tarde a Igreja enfrentaria a oposição dos governos, mas o primeiro conflito se travou no campo da religião.

Mas Lucas acrescenta uma palavra de conforto no versículo 4: “Muitos, porém, dos que ouviram a palavra a aceitaram, subindo o número dos homens a quase cinco mil...” Esta é a última vez que o número de membros é mencionado. (I Coríntios 16:9).

I. PERANTE O SINÉDRIO (4:5-22)

O Sinédrio, perante o qual os apóstolos foram levados, consistia de 70 homens (ou talvez 71, isto é, 70 mais Moisés -

Números 11:16). O Sinédrio era composto de 22 doutores da lei, 24 sacerdotes e 24 anciãos. Essas eram as autoridades referidas no versículo 5. O Sinédrio se reunia em semi-círculo, e os apóstolos foram trazidos a sua presença, a fim de serem julgados.

O interrogatório e a defesa de Pedro se encontram nos versículos 7-22. No livro de Deuterônimo, capítulo 13, encontramos uma passagem que lança luz sobre a passagem em consideração (examine Deuterônimo 13). Este capítulo 13 dá uma instrução aos líderes religiosos de como deveriam investigar o ministério de qualquer que se levantasse para apresentar uma nova mensagem. “Com que poder, ou em nome de quem fizestes isto?” Era uma pergunta técnica.

Eis os pensamentos principais da defesa de Pedro: “Que fizemos nós? Curamos um homem pobre e incapacitado. Isso todos nós consideramos uma boa obra. Ora, se estamos aqui para sermos examinados a respeito dessa obra, estou pronto para enfrentar qualquer acusação. Em que poder foi operado esse milagre? “Ora, seja conhecido de vós e de todos os filhos de Israel. Em nome de Jesus de Nazaré, a quem vós crucificastes, mas a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, é que este homem está aqui, perfeitamente são, perante vós. Jesus é a pedra por vós rejeitada, vós que sois os edificadores, mas que foi feita a pedra angular, e em nenhum outro há salvação; porque debaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos.”

Que maravilhosa progressão de pensamentos. Note-se: (1) Pedro chama a atenção para o homem curado, que se achava entre eles (versículo 16). Como sucedera aquela cura? (2) Por meio de Jesus de Nazaré. Quem é Jesus de Nazaré? Vós bem sabeis, pois é Aquele a quem crucificastes. É também Aquele a quem Deus ressuscitou dentre os mortos; sim, Ele é a própria pedra que vós, os construtores, desprezastes. Esta última proposição revestia-se de profundo significado para as autoridades. Pedro pinta as autoridades, comparado-os a construtores de um templo que, chegando à pedra que fora talhada para ser a pedra angular, não a reconheceram e prosseguiram na construção, mesmo sem ela! Um

templo sem a pedra de esquina, sem a pedra angular!

A ambição, o orgulho, a inveja e a intolerância deles cegaram completamente os seus olhos à maravilhosa verdade. Se Jesus realmente era o Messias, se efetivamente fora ressuscitado dentre os mortos, se era, com efeito, a pedra angular, então Pedro podia dizer com toda a razão: “E não há salvação em nenhum outro”, pois Deus não havia provido qualquer outro meio ou plano, debaixo do céu, através do qual a salvação pudesse ser adquirida (João 14:6).

A. A Decisão Do Sinédrio E A Resposta Dos Apóstolos:

O que quer que as autoridades tenham observado naquele dia, uma coisa não deixaram de perceber, que foi “a intrepidez de Pedro e João”. Em face de julgamento e morte, não hesitaram em acusar os seu acusadores de traição e assassinato de Jesus. Tiveram a coragem suficiente para exortar os líderes de Israel a buscarem a salvação em nome mesmo Daquele a quem haviam matado.

“Sabendo que eram homens iletrados e incultos”, de acordo com o ponto de vista deles, considerando o treinamento rabínico, “reconheceram que eles haviam estado com Jesus.” A sabedoria de Jesus foi admitida por todos eles, e, agora, tudo que podiam dizer é que Pedro e João haviam estado com Ele e que se haviam embebido de Seu Espírito e sabedoria. O único fato que não puderam compreender é que os apóstolos não somente haviam estado com Jesus, mas que agora o próprio Jesus estava neles.

Note-se a confissão do Sinédrio:

1. Um milagre notável havia sido efetuado por intermédio dos apóstolos.
2. Este fato era evidente a todos os habitantes de Jerusalém.
3. Não havia meios nem necessidade de negá-lo. “Vendo com eles o homem que fora curado... (que) tinha mais de quarenta anos...”

B. *A Decisão Do Sinédrio:*

“Que absolutamente não fôlassem nem ensinassem em o nome de Jesus...”

C. *A Resposta De Pedro E João:*

“Julgai se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos.”

II. A IGREJA EM ORAÇÃO (4:23-31)

Os apóstolos deixaram o Sinédrio em triunfante alegria, porém, sem qualquer sentimento de orgulho. Sendo deixados, “procuraram aos irmãos.” Quem eram esses irmãos, e onde estavam reunidos? Provavelmente tenham sido os mesmos apóstolos e os associados mais íntimos. Parece razoável pensar que foi no Cenáculo o local para onde Pedro e João retomaram nessa ocasião.

Em poucas palavras, a oração unânime da igreja foi pedindo a continuação daquilo que havia provocado a hostilidade dos sacerdotes e anciãos (versículo 30).

A resposta foi garantida pelo fato de que “tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo, e, com intrepidez anunciavam a palavra de Deus.”

III. A VIDA DA COMUNIDADE CRISTÃ

Desde o dia de Pentecoste, dia em que a Igreja foi formada, nossa atenção tem sido concentrada na obra de Cristo através das vidas de apenas dois de Seus servos. Lucas, agora, nos deixa contemplar algo da obra do Mestre nas vidas de toda a congregação dos cristãos. Observe-se o maravilhoso poder de Cristo na “multidão dos que creram.”

1. Tinham um só coração e uma só alma. Havia unidade total, tanto no amor, como na fé.

2. Sabiam que haviam sido comprados por certo “preço” e que não pertenciam a si mesmos. Essa ausência de egoísmo atingiu até mesmo suas posses materiais, e fez com que todos procurassem o bem-estar comum. “Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía...”
3. Essa unidade real e prática forneceu grande poder e apoio ao testemunho dos apóstolos. Os apóstolos podiam apontar para um grupo de exemplos vivos do poder de sua mensagem sobre a ressurreição do Senhor Jesus. Por esse motivo é que, “com grande poder, os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor Jesus.”
4. “E em todos havia abundante graça”. Esta graça se manifestava no desprendimento dos crentes, do egoísmo e das coisas materiais do mundo. A Igreja vivia na supremacia do espiritual sobre o material. Estavam de tal maneira dominados pelo poder espiritual que os possuía que “nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes, e depositavam aos pés dos apóstolos; e então se distribuía a qualquer um, à medida que alguém tinha necessidade.”
5. Lucas nos fornece um exemplo desse desprendimento, do espírito e da obra daquela unida congregação cristã de Jerusalém. “José, a quem os apóstolos deram o sobrenome de Bamabé”, fez como tantos outros, pois vendeu seu próprio campo, para que os irmãos não sentissem necessidade material.

O PRIMEIRO ATO DISCIPLINAR DA IGREJA

Atos 5:1-11

Há uma pequena palavra de três letras que quase sempre é usada em toda narrativa. Essa palavra é “mas”. Aqui, em meio ao relato da história do avanço progressista da Igreja, Lucas foi obrigado a usar um “mas”. Havia grande unidade entre os cristãos, tanto na fé quanto no que se referia as suas possessões, e grandes eram os resultados dessa união, mas aqui temos o primeiro esforço de Satanás, num movimento que teve início mesmo dentro da Igreja. Até então, todas as tentativas satânicas para impedir a carreira da Igreja tinham sido desferidas de fora, mas este capítulo tem início com o relato dos primeiros golpes de Satanás desferidos pelo lado de dentro. Observem o primeiro ato disciplinar da Igreja.

Dois membros da congregação de Jerusalém; dois membros “dignos” no conceito dos crentes de Jerusalém, Ananias e Safira.

Alguém poderia dizer que a posse de um terreno foi a causa da dificuldade do casal, mas o pecado deles estava localizado em seus corações, e não em seu terreno.

O seu pecado foi duplo: O amor ao louvor humano e o amor ao dinheiro (I Timóteo 6:10). Sem dúvida, os que vendiam as suas propriedades, para que os irmãos pobres pudessem ter o que comer, eram admirados pela congregação. Isso era justamente o que Ananias e Safira queriam, porém, não estavam dispostos a consegui-lo por um esforço desinteressado. A dificuldade deles jazia naquela “raiz”, em seus corações, que é o motivo de todos os males – “O amor ao dinheiro”.

Ananias e Safira eram culpados do pecado da hipocrisia, o que nada mais era do que o pecado da mentira, e, o que é pior, mentir ao Espírito Santo. Ninguém os mandou vender sua propriedade e nem trazer uma parte do dinheiro aos apóstolos. Não foram condenados por terem dado somente uma parte do preço, e não teriam sido condenados se nada tivessem dado. Pedro explicou que Satanás é que sugeriu a decisão tomada pelo casal, mas deixa

bem claro que Ananias pecara por sua própria escolha e determinação. Podemos dizer que Ananias, em aliança com Satanás decidiu tentar enganar a Deus com uma mentira. Imagine-se a ousadia de procurar iludir, não um homem, mas o próprio Deus!

Deus nem sempre revela publicamente o pecado do homem, mas há ocasiões em que isto se toma necessário, para o bem do Seu povo e de Sua causa. O julgamento severo de Acã (Josué 7:1-26) visou impedir que toda a nação de Israel fosse contaminada pelos pecados da inveja e da lascívia.

“Ouvindo estas palavras, Ananias caiu e expirou, sobrevindo grande temor a todos os ouvintes...” Não há evidência de que Pedro tenha alguma coisa a ver com aquela morte súbita. Parece, antes, ter sido um súbito golpe da vontade divina, cuja responsabilidade não poderia ser atribuída a Pedro, mesmo na sua qualidade de oficial da Igreja, mas somente a Deus, que é o governador moral dos homens. A necessidade dessa medida divina pode ser melhor compreendida ao meditamos que, caso a trama de Ananias e Safira tivesse passado despercebida por algum tempo, seu êxito seria apenas temporário, porque a fraude acabaria sendo descoberta, mais cedo ou mais tarde, e, quando isso acontecesse, provocaria uma grave diminuição do conceito que os cristãos gozavam perante o povo, sem falar nas dúvidas que se levantariam sobre os poderes do Espírito Santo que habitava nos apóstolos. Se os homens concluíssem que o Espírito Santo podia ser enganado, toda a autoridade apostólica ficaria minada, podendo chegar ao extremo de abalar a fé de alguns. A tentativa de Ananias e Safira provocou uma crise tal que somente uma vindicação completa do poder do Espírito Santo poderia debelar, extirpando todas as dúvidas e ficando como lição inesquecível.

I. O RESULTADO IMEDIATO DA MEDIDA

O resultado imediato da medida disciplinar, aplicada pelo Senhor, foi justamente o que era desejado: “grande temor” sobre todos os que ouviram a notícia do acontecimento. O insucesso da trama trouxe tanto benefício à causa de Cristo quanto o seu sucesso

seria maléfico. Esse temor que caiu sobre todos não foi provocado apenas pela morte de Ananias, mas também pela evidência que o acontecimento foveceu sobre a operação dos dons do Espírito Santo que habitava nos apóstolos.

II. NO PÓRTICO DE SALOMÃO (5:12-16)

A. *O Resultado Prático Da Pureza Produzida Pela Disciplina:*

1. Já foi observado que o temor foi um dos resultados da medida disciplinar.
2. O poder também foi um dos resultados da medida. Leia o versículo 12. A Igreja Pura e Santa é a Igreja Poderosa! No reino de Deus quantidade não é nada, mas qualidade é tudo!
3. “Mas, dos restantes, ninguém ousava ajuntar-se a eles; porém o povo lhes tributava grande admiração.” Aqui temos outro resultado da purificação resultante da morte de Ananias e Safira. Esta passagem tem o seguinte significado: a multidão dos perdidos, os que tivessem quaisquer tendências à semelhança de Ananias e Safira, não ousavam ajuntar-se aos crentes, para não caírem vítimas do mesmo castigo. Entretanto, o povo os magnificava. O mundo sempre magnificará uma Igreja que não se compromete com o erro, mas que mantém uma posição de santidade perante o mundo. Somente quando as vidas dos santos se acham comprometidas por compromissos mundanos é que a Igreja deixa de ser um poder e o mundo começa a sorrir.
4. “E crescia mais e mais a multidão de crentes, tanto homens como mulheres, agregados ao Senhor”. Outro resultado foi uma grande colheita de almas sinceras.
5. O versículo 16 nos fala dos efeitos do poder da congregação de Jerusalém que já chegava bem longe. A notícia do miraculoso ministério dos apóstolos logo foi levada às cidades ao redor de Jerusalém, atraindo grandes multidões que traziam consigo enfermos e atontados “os quais eram todos

curados”.

III. NA PRISÃO (5:17-20)

A. *O Aprisionamento (17-18)*

A ordem dada pelo Sinédrio foi que eles absolutamente não pregassem nem ensinassem em nome de Jesus, mas os apóstolos não cessavam de “anunciar a palavra de Deus”. Isso foi demais para o sumo sacerdote e seus colegas saduceus. Não puderam mais suportar este estado de coisas. Não suportavam por mais tempo testemunhar a flagrante desobediência às suas ordens. Se a desobediência dos apóstolos não tivesse provocado tal interesse entre o povo, provavelmente o sumo sacerdote não a tivesse levado em consideração. Mas, como o povo estava interessado naquela pregação, “tomaram-se de inveja”.

É importante notar que, desta vez, todos os doze apóstolos foram encarcerados.

B. *A Divina Libertação (19-20)*

Quando o homem chega ao fim de si mesmo, chegou a oportunidade de Deus. Que teria acontecido à causa de Cristo se todos os doze apóstolos tivessem sido julgados e condenados? Foi exatamente o plano do Sinédrio não deter somente dois homens, mas silenciar todos os doze de uma só vez.

Hebreus 1:14 nos ensina que os anjos são espíritos ministradores enviados para servir a favor dos que hão de herdar a salvação”. Nessa ocasião, Deus enviou um desses “espíritos ministradores”, a quem deu uma tarefa especial, a tarefa de abrir as portas do cárcere que só estavam fechadas para o poder humano. Por que motivo foram eles assim libertos? O anjo respondeu a essa pergunta, quando os fez sair sob o céu estrelado. “Ide e, apresentando-vos no templo, dizei ao povo todas as palavras desta vida.”

E, sem medo do que os homens lhe pudessem fazer, “logo ao romper do dia, entraram no templo e ensinavam.”

IV. PERANTE O SINÉDRIO (5:21-41)

A. *Reunião Do Sinédrio E Julgamento Dos Apóstolos (21-28)*

Algumas horas mais tarde, em outra parte do Templo, o sumo sacerdote reuniu o Sinédrio e, enquanto a augusta assembléia esperava, foram enviados alguns oficiais para trazerem os apóstolos. Poucos momentos depois, o Sinédrio viu os oficiais de volta, porém, sem os prisioneiros. E os oficiais deram-lhes a notícia espantosa de que, embora tivessem encontrado as portas do cárcere perfeitamente trancadas e as sentinelas em seus lugares, não encontraram ali os prisioneiros. Ninguém podia oferecer qualquer explicação para a ausência dos apóstolos.

Quando os principais sacerdotes ouviram estas coisas, começaram a meditar sobre quais seriam os resultados da notícia, caso o fato viesse a cair no conhecimento do público. Enquanto estavam assim pensando, alguém veio dizer-lhes que os mesmos homens que desapareceram da prisão estavam agora pregando a mesma mensagem pela qual já haviam sido aprisionados por duas vezes.

Veja a acusação do sumo sacerdote: “Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome, contudo enchestes Jerusalém de vossa doutrina; e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem.” (Mateus 27:24-25). Ao exigir a morte de Jesus sobre a cruz, o próprio povo, instigado pelos líderes, disse: “Caia sobre nós o seu sangue, e sobre nossos filhos”.

B. *A Defesa De Pedro (29-32)*

Tendo sido os apóstolos apresentados ao concílio, o sumo sacerdote lançou contra eles estas duas acusações:

Primeira, eles haviam violado a proibição do Sinédrio;

Segunda, em seu ensino, os apóstolos estavam lançando a culpa da morte de Jesus sobre as autoridades do Sinédrio.

A resposta dos apóstolos feriu diretamente o ponto que devia. Tendo Pedro como porta-voz, defenderam-se da dupla acusação.

1. Desobedecemos vossa proibição, porém, “antes importa obedecer a Deus do que aos homens.”
2. Tencionamos deixar bem claro o pensamento de que o sangue de Jesus Cristo está em vossas mãos, pois vós o matastes, pendurando-o em uma cruz. Deus, contudo, O ressuscitou, sendo Ele exaltado à mão direita de Deus. Padeceu e foi assim exaltado, a fim de tomar-se “Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados”.
3. “Nós somos testemunhas destes fatos, e bem assim o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem”. Os apóstolos eram testemunhas da obra e triunfo de Jesus sobre a terra, enquanto o Espírito Santo havia testemunhado, batizando e confirmando a palavra de todos que cressem.

C. *Resultado Da Defesa De Pedro:*

1. O Conselho de Gamaliel e a Libertação dos Apóstolos (33-41).

O desejo do Sinédrio era de matar os apóstolos, (versículo 33). As palavras de Pedro os haviam atingido como um golpe de espada e tinham que tomar uma decisão. A verdade, quando aplicada ao coração e à consciência humana, ou provoca a ira do homem ou fá-lo sentir a tristeza que vem de Deus, por causa de seus pecados. No caso do Pentecoste, o resultado foi a tristeza que vem da parte de Deus, mas, aqui, a ira se manifestou, (Hebreus 4:12).

O conselho de Gamaliel pode ser resumido pelos versículos 38-39. “Dai de mão a estes homens, deixai-os, porque, se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá, mas, se é de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus.”

Este homem, Gamaliel, foi o homem que ensinou a lei a Saulo de Tarso. Disse Paulo, em Atos 22:3: “Eu sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas me criei nesta cidade e aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, como todos

vós o sois no dia de hoje.”

Apesar de todo orgulho ferido, as autoridades “concordaram com ele”. Não puderam, entretanto, deixar aqueles homens ir-se em paz, sem aplicar-lhes algum castigo, pelo que os condenaram aos 39 açoites (39 açoites - para machucar um homem, sem matá-lo) da lei judaica. “E eles se retiraram do Sinédrio, regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse NOME”.

E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam, de ensinar, e de pregar Jesus, o Cristo.”

A NECESSIDADE DE ORGANIZAÇÃO

Atos 6:1 a 7: 60

I. A MURMURAÇÃO DOS HELENISTAS (6:1-6)

O primeiro problema surgido no seio da nova Igreja foi o problema da hipocrisia de Ananias e Safira, e este foi resolvido com o julgamento instantâneo que o Senhor mandou sobre o casal culpado.

O segundo problema surgido foi de natureza diferente, e tinha de ser resolvido de uma maneira diferente. O costume “tudo em comum” funcionou bem a princípio, mas, com a multiplicação maravilhosa do número dos discípulos, tomou-se um problema sério ministrar a tantas pessoas. E, de alguma maneira, na distribuição diária de alimentos, as viúvas dos helenistas estavam sendo esquecidas.

Quem eram estes helenistas? É necessário entender claramente quem eram eles. Em primeiro lugar, eles não eram gregos, mas sim, judeus, de puro sangue judaico, tal qual os hebreus.

Os helenistas eram judeus que moravam longe e visitavam Jerusalém por ocasião da Festa do Pentecoste, ou, então, judeus que nasceram e viveram longe, mas que agora moravam em Jerusalém. Eles falavam grego e eram grandemente influenciados pela cultura grega. Por esta razão, eles eram chamados de judeus gregos ou helenistas. Eles foram influenciados pelos costumes e pelas idéias dos gregos. Sem dúvida alguma, eles eram mais prósperos e tinham elevado padrão de vida. Eles tinham a mente mais aberta e eram menos apegados às tradições do que os judeus da Palestina.

Estes helenistas, certamente, eram conscientes da diferença de linguagem e de cultura. Eles, provavelmente, eram muito sensíveis a respeito de qualquer diferença que os apóstolos pudessem ter feito, enquanto administravam a igreja. Se as viúvas helenistas eram ou não negligenciadas, nós não sabemos ao certo, mas, quando surgia alguma falha, os judeus gregos eram rápidos em expressar

suas queixas.

Este, possivelmente, foi o primeiro incidente envolvendo um espírito nacionalista que afetou a igreja.

Ninguém levou a notícia da negligência aos apóstolos; nenhuma palavra foi diretamente proferida sobre a questão. Apenas “murmuravam”. E como as murmurações podem e têm impedido o progresso dos filhos de Deus, através de todos os séculos!

Com a multiplicação do número de discípulos, houve necessidade de pôr uma organização para cuidar e ministrar, tanto as necessidades materiais, como as espirituais do povo. Era necessário que mais pessoas se envolvessem ativamente na obra do Senhor, a qual não se resume apenas à pregação da Palavra.

II. AS PROVIDÊNCIAS DOS DOZE E DA CONGREGAÇÃO, PARA ALIVIAR A SITUAÇÃO

Quando a notícia chegou aos ouvidos dos apóstolos, estes tomaram a única providência sábia compatível com as circunstâncias; reuniram todos os interessados no assunto e lhes apresentaram um plano de ação que haveria de minorar o problema.

A. *Os Diáconos*

Primeiramente, esclareceram que, embora eles mesmos fossem oficiais da Igreja, não lhes competia ocupar-se do serviço das mesas, pois haviam sido chamados para a oração e para o ministério da pregação da Palavra. Os ministros do evangelho precisam sempre ter em mente a atitude dos apóstolos. A primeira responsabilidade do pregador é consagrar-se à oração e ao ministério da Palavra, e não envolver-se com trabalho secular, a menos que seja absolutamente necessário. Se os apóstolos tivessem que ocupar-se com essa nova preocupação, a pregação do evangelho seria negligenciada. (Jeremias 48:10)

A solução estava na escolha dos sete melhores homens da congregação, e que estivessem qualificados, de acordo com as especificações dadas divinamente. Os apóstolos ordenaram que os santos escolhessem dentre eles mesmos. Eles fizeram isso, e os

apóstolos lhes impuseram as mãos e os ordenaram como diáconos.

Os nomes destes sete diáconos foram: Estêvão, Filipe, Prócoro, Nicolau, Nicanor, Timão e Pármenas.

Vamos examinar a maneira como esses homens foram escolhidos:

1. Os apóstolos indicaram as qualificações.
2. A igreja fez a escolha ou eleição.
3. Os apóstolos ratificaram a escolha, ordenando-os.

O método pelo qual isto foi feito satisfaz a todos. O povo fez a escolha, mas os apóstolos mantiveram a autoridade e a decisão final em suas mãos.

Também devemos notar que todos esses homens tinham nomes gregos. É provável que todos eles fossem gregos. Que maravilhosa e graciosa maneira os apóstolos usaram para resolver o problema e manter a unidade. Se os gregos sentiam que não podiam confiar nos irmãos hebreus, eles agora aprenderam que seus irmãos estavam prontos para confiar neles.

B. *As Qualificações Dos Diáconos:*

Em Atos 6:3. nós lemos as qualificações para estes diáconos.

1. *Homens* - A palavra grega usada aqui é específica para o sexo masculino. Mulher não deveria ser escolhida.
2. *Dentre vós* - Eles deveriam estar na igreja. Ninguém de fora deveria participar do governo da igreja.
3. *De Boa Reputação* - Eles tinham que ter boa reputação.
4. *Cheios do Espírito Santo*
5. *Cheios de Sabedoria* - Eles tinham que ser homens de maturidade.

Essas palavras agradaram a toda a multidão dos crentes, e eles selecionaram sete homens com as qualificações apontadas. Nessa seleção, percebemos tanto a sabedoria, como o amor dos irmãos da

Igreja em Jerusalém. Os homens foram empossados em seus respectivos officios, por meio da imposição das mãos dos apóstolos.

III. A PROPAGAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS (6:7-8)

Cada vez que Lucas menciona qualquer dificuldade surgida na congregação de Jerusalém, sempre encerra o incidente com a reconfortante explanação de que aquela dificuldade fora usada pelo Senhor para tomar mais notória a Sua glória, e que, por meio dela, mais almas foram convertidas. Por isso, depois que as murmurações cessaram, “crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos”. “Também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé”.

É interessante notar que, pelo menos dois desses diáconos, Filipe e Estêvão, apesar de terem sido escolhidos para “servir às mesas”, tomaram-se grandes pregadores e evangelistas. Parece que a ministração de Estêvão nas coisas materiais o levou a um contato mais íntimo com o povo, e que seu zelo pelo evangelho de Cristo foi estimulado. Sendo cheio de graça, de fé e do Espírito Santo, sentia-se movido de compaixão pelas necessidades espirituais do povo, e Deus respondeu às suas orações, fazendo “prodígios e grandes sinais entre o povo.”

IV. NA SINAGOGA DOS LIBERTOS (6:9-12)

A. *Aqueles Que Se Opuseram* (6:9)

Sem dúvida, Estêvão era um judeu grego, ou helenista. Ora, logicamente, a quem parece que Estêvão haveria de preferir dirigir a Palavra do Senhor? Certamente, àqueles que, como ele, também eram judeus helenistas. Lucas diz: “Levantaram-se alguns que eram da sinagoga, chamada dos Libertos, dos Cireneus, dos Alexandrinos, dos da Cilícia e Ásia, e discutiam com Estêvão”. Certamente, estes judeus helenistas, isto é, criados debaixo da influência da cultura grega, apesar de serem de tantos lugares diferentes, se reuniam em uma só sinagoga - a sinagoga dos

Libertos, que significa: “dos homens livres”. Concluimos que aqueles homens deviam ter sido, anteriormente, escravos que, depois, haviam comprado ou adquirido de qualquer outra maneira a sua liberdade. Isso nos ajuda a compreender porque eles eram chamados “Libertos”.

B. *As Maldades Daquelas Que Rejeitaram* (10-12)

Os altercadores “Libertos”, embora tenham se oposto tenazmente à posição de Estêvão, que também era helenista, não podiam resistir ou sobrepor-se aos seus argumentos. Entretanto, em lugar de renderem seus corações ao Senhor Jesus, preferiam opor-se à influência do Espírito Santo. E se mostraram não somente contrários ao Senhor, mas, igualmente, desonestos, pois “subomaram homens que disseram: ‘Temos ouvido este homem proferir blasfêmias contra Moisés e contra Deus.’” Espalharam a mentira por toda a cidade, e não demorou muito para que essa maliciosa inverdade produzisse seus maléficos efeitos. Essas palavras chegaram aos ouvidos do Sinédrio, e houve muita agitação a respeito do homem acusado de blasfêmia. Os anciãos e escribas se lançaram contra Estêvão, como antes se haviam lançado contra os apóstolos, e o trouxeram perante o Sinédrio. Essa acusação era punida com a pena de morte.

NOTA ESPECIAL: É bem provável que Saulo de Tarso tenha sido membro da Sinagoga do Libertos, uma vez que ele era da Cilícia, e Lucas enfatiza que alguns “da Cilícia” discutiam com Estêvão. Sabemos que, quando Estêvão foi condenado à morte, Saulo consentia na sua morte, e que as testemunhas deixaram suas vestes aos pés dele. Mais tarde, Paulo usou muitas das mesmas expressões que Estêvão empregou na sua defesa perante o Sinédrio. Alguém disse que devemos Paulo, o grande apóstolo, a Estêvão, o primeiro mártir.

V. ESTÊVÃO PERANTE O SINÉDRIO (6:13 a 7:57)

A. *O Depoimento Das Falsas Testemunhas* (6:13-14)

Quando Estêvão foi levado perante o Sinédrio, apresentaram-se também as testemunhas falsas, com sua acusação específica: “Este homem não cessa de falar contra o lugar santo e contra a lei, porque o temos ouvido dizer que esse Jesus, o Nazareno, destruirá este lugar e mudará os costumes que Moisés nos deu”.

Essa acusação não passava de uma negra mentira, tecida por meio da distorção das palavras de Estêvão. Este, provavelmente, havia falado, em suas pregações, da destruição do templo, segundo o Senhor Jesus havia profetizado (Mateus 24:1,2), e talvez ele tenha repetido as palavras do Senhor Jesus relativas à destruição de Seu próprio corpo (João 2:19-22). Acomodando essas palavras de forma a servirem aos seus maus propósitos, os acusadores de Estêvão formularam sua acusação.

B. *O Testemunho De Estêvão* (15)

“Todos os que estavam assentados no Sinédrio, fitando os olhos em Estêvão, viram o seu rosto como se fosse rosto de anjo”. Ele bem sabia que chegara o momento supremo de sua vida: e as emoções que sacudiram sua alma, enquanto ele pensava, em rápida sucessão, sobre o passado, sobre a morte, sobre os céus, sobre a causa que ele havia defendido e sobre o assassinato vil que seria perpetrado em breve, fizeram seu rosto brilhar com brilho quase sobrenatural.

C. *A Defesa De Estêvão* (7:1-53)

Lembre-se, enquanto consideramos a defesa de Estêvão, que ele se achava perante o Sinédrio, a fim de responder a uma acusação de blasfêmia. Evidentemente, ele julgou melhor aproximar-se da acusação de maneira indireta. E, assim, este judeu helenista, que era “cheio de sabedoria”, usou uma analogia para apresentar, dessa

fôma, a oportunidade de eles aceitarem ao Senhor Jesus como o Messias. Com esse pensamento em mente, Estêvão dedicou seu discurso a uma revisão da história do povo escolhido. Não poderia ter escolhido um assunto mais apropriado para aqueles homens que eram tão orgulhosos de sua descendência.

Note-se o seguinte: Através de toda a história da nação de Israel, Estêvão destaca o fato de que todo homem enviado por Deus à nação judaica tinha sido rejeitado e maltratado; que não houve nenhum só dos homens enviados por Deus que tivesse sido aceito por eles. No caso de José, os patriarcas o rejeitaram e venderam para o Egito. Moisés foi rejeitado por duas vezes. A aplicação, pois, é que os homens daquela geração haviam feito a Jesus exatamente o que os irmãos de José fizeram com ele. Com Moisés e com todos os profetas também não foi diferente.

Daremos aqui um esboço da defesa de Estêvão que deve merecer nosso cuidadoso exame:

1. Introdução: Vida de Abraão (2-8)
 - a. Deus chamou Abraão, primeiramente, de Ur da Caldéia (2, 3).
 - b. Depois da morte de seu pai, mudou-se de Harã para Canaã (4-5).
 - c. Deus lhe disse que sua semente seria escrava por quatrocentos anos (6).
 - d. O Egito seria julgado e os descendentes de Abraão voltariam a Canaã (7).
 - e. A aliança da circuncisão e o nascimento de Isaque, Jacó e doze patriarcas (8).
2. O Caso de José (9-19)
 - a. A rejeição e os maus tratos sofridos por José (9).
 - b. Deus estava com José e concedeu-lhe favor à vista de Faraó (10).
 - c. A fome que resultou na ida dos patriarcas ao Egito (11, 12).

- d. Na segunda vinda dos patriarcas, José se manifestou aos seus irmãos (13).
- e. José manda buscar seu pai e toda a sua parentela (14).
- f. Jacó morreu no Egito. Os patriarcas também morreram e foram levados para Siquém, onde foram sepultados na tumba comprada dos filhos de Emor (15, 16).

3. O Caso de Moisés (20-43)

- a. Moisés nasceu na época do afogamento dos meninos hebreus. Foi mantido por três meses em sua casa, até que foi exposto e achado pela filha de Faraó que o criou em seu palácio (20, 21).
- b. Moisés foi instruído em toda sabedoria dos egípcios e se tornou homem poderoso em palavras e obras (22).
- c. Com quarenta anos de idade, tentou libertar seu povo da escravidão, mas foi rejeitado (23-28).
- d. Moisés matou um egípcio, em seu zelo pelo seu povo, pelo que foi obrigado a fugir para Midiã (29).
- e. Estando em Midiã, já por quarenta anos, e tendo gerado a dois filhos, foi chamado por Deus, na sarça ardente, a fim de livrar os filhos de Israel (30-34). O mesmo Moisés rejeitado pelo seu povo era, agora, aquele a quem competia operar maravilhas e liderar o povo desde o Egito, na travessia do Mar Vermelho, até o deserto (35,36).
- f. Moisés foi quem falou do profeta semelhante a ele que haveria de vir; foi ele quem esteve no deserto com o anjo; quem falou no monte com ele e com os pais que receberam os oráculos vivos (37,38).
- g. Os pais, entretanto, não foram obedientes, mas ansiaram voltar ao Egito e pediram a Arão um Bezerra de Ouro, enquanto Moisés se encontrava no monte (39,40).
- h. O Bezerra de Ouro foi feito, e eles o adoraram. Deus, então, os desprezou.

4. Acusação Direta de Estêvão em Resposta à Acusação de Blasfêmia (44-50).
 - a. O tabernáculo podia ser transportado e tinha uma natureza perecível (44, 45).
 - b. O templo foi construído por intermédio de Davi e Salomão, mas o profeta Isaías afirmou que mesmo esse templo era infinitamente pequeno para conter o Senhor (46-50).
 - c. Pelo que não era blasfêmia dizer que o templo ainda seria posto de lado e destruído.

5. Conclusão: Estêvão Faz a Aplicação de Seu Discurso (51-53).
 - a. Considerando a forma pela qual ouviram a mensagem, foram considerados “homens de dura cerviz”. Foram, pois, assemelhados a um boi que não baixasse o pescoço para receber o jugo. “Incircuncisos de coração e de ouvidos”. Era a mesma coisa que dizer que seus corações e ouvidos eram impuros, (Comparar Levítico 26:41; 1 Samuel 17:26 e Jeremias 6:10).
 - b. Estêvão faz a evidente aplicação de sua mensagem (52).
 - c. Outro privilégio que eles tinham: receberam “a lei por ministério de anjos”. Mas, como não a guardaram, tomaram mais séria a sua culpa (51). (Comparar Hebreus 2:2 e Gálatas 3:19).

D. *Os Resultados* (54-57)

Estêvão conseguiu chegar até aos corações de seus ouvintes, os quais, entretanto, possuíam corações de pedra. Não possuíam o espírito de exame e honestidade que lhes permitiria receber a Palavra com humildade. Houve apenas o espírito de orgulho e justiça própria. Por isso, quando Estêvão fez com que eles se vissem conforme Deus os via, iraram-se em extremo e, literalmente, rilharam os dentes contra ele. Rilharam os dentes, irados, como faz um cão, ou qualquer animal carnívoro.

Mas, nesse momento, Deus concedeu a Estêvão uma visão de

seu lar eterno. Jeová retirou a cortina e permitiu a Estêvão contemplar, por um momento, a Sua presença. Enquanto ele olhava para o alto, as limitações da vista física foram removidas e ele contemplou cenas espirituais.

VI. FORA DOS MUROS DA CIDADE (7:58-60)

É relacionado com este fato que aparece pela primeira vez o nome de Saulo. As vestes dos executores foram postas aos seus pés. É provável que Saulo fosse membro do Sinédrio nessa época (Atos 26:10) – “contra estes dava o meu voto, quando os matavam”. Observe as palavras de Paulo em Atos 22:20: “Quando se derramava o sangue de Estêvão, tua testemunha, eu também estava presente, consentia nisso, e até guardei as vestes dos que o matavam”.

É difícil encontrar palavras que descrevam a trágica, mas vitoriosa morte desse galante jovem. Enquanto as pedras lhe cortavam a carne, machucavam o seu corpo e quebravam o seu corpo, clamou, à semelhança do Mestre: Senhor, não lhes imputes este pecado” e “Senhor Jesus recebe o meu espírito! E, “com estas palavras adomeceu”.

A. *A Visão De Estêvão*

Alguns tentam provar a tradição trinitariana, referindo-se à visão de Estêvão, pouco antes de morrer. Mas, na verdade, esta visão prova a Unicidade.

Estêvão clamou a Deus, dizendo: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito”. Entretanto, quando Estêvão viu a Deus, ele sabia que era o Senhor Jesus Cristo.

A expressão “à direita de Deus” simplesmente significa o lugar de poder e glória. Há muitas e esclarecedoras passagens das escrituras a esse respeito.

Marcos 14:62: “Jesus respondeu: Eu sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-Poderoso...”

Em muitas das escrituras, onde Jesus é descrito como estando à direita do poder e glória, Ele é descrito como assentado. Porém, em

Atos 7:56, Estêvão O viu em pé. Teria Jesus se levantado para saudar o primeiro mártir? Isto, por certo, é um assunto para profunda meditação.

B. *As Duas Verdades Finais*

Finalmente, há duas coisas que devemos prestar muita atenção, que são:

1. A maneira como Estêvão morreu: “Adomeceu” (versículo 60). Isto fala de uma morte calma e tranqüila. Que bem-aventurança é adomecernos braços de Jesus!
2. O efeito da morte de Estêvão em Saulo. Saulo de Tarso nunca mais foi o mesmo após esta cena. Apesar de fazer o melhor, de acordo com as suas convicções, ao liderar a perseguição contra a igreja, estamos certos de que ele lembrou-se dessa cena pelo resto de seus dias e, mais tarde, isso tomou-se uma grande fonte de força e coragem para ele.

A IGREJA NA JUDÉIA E SAMARIA

Atos 8:1 a 12:25

I. A DISPERSÃO (8:1-4)

A. *A Perseguição Contra A Igreja*

Já foi dito que Saulo consentiu na morte de Estêvão. Além disso, por causa dos esforços de Saulo e de outros “levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém.” Até então, as autoridades religiosas estavam satisfeitas em opor-se aos trabalhos dos cristãos, fingindo defender suas posições. A oposição, entretanto, mudou agora da defensiva para a ofensiva. A liderança da perseguição passou dos saduceus para os fariseus. Saulo era “fariseu de fariseus”. A oposição se desencadeou contra os discípulos com uma violência até então desconhecida. Não haveria mais julgamentos nem defesas. A causa de Cristo estava condenada de tal maneira que não havia mais oportunidade para os crentes se fazerem ouvir. Evidentemente, a popularidade do novo movimento representava para as mentes dos judeus zelosos uma ameaça real ao seu poder e prestígio. E, realmente, era uma ameaça, pois se tivesse sido permitido à Igreja continuar com seu progresso, em breve toda a Jerusalém se curvaria aos pés de Jesus.

B. *Os Resultados Da Perseguição:*

Sob a perseguição geral, ou o Cristão fugia, ou era encarcerado. Visto, porém, que a perseguição estava localizada somente em Jerusalém, os discípulos se espalharam pela Judéia e Samaria. Essa dispersão foi o meio que Deus usou para fazer com que a oposição dos judeus servisse para propagar a Sua palavra. Jesus disse que o testemunho de Sua morte e ressurreição deveria começar primeiramente em Jerusalém e depois na Judéia e Samaria. Esses, eram, portanto, os primeiros passos.

A perseguição jamais há de impedir aqueles que têm sua fé no Senhor Jesus, porque eles olham além desta vida, para uma

esperança eterna. Jesus admoestou seus discípulos a não temerem aqueles que somente têm poder para matar o corpo, mas antes deveriam temer Aquele que tem poder para matar tanto a alma como o corpo no inferno. (Mateus 10:28). Os apóstolos falaram ousadamente ao Sinédrio, dizendo que deveriam obedecer antes a Deus do que aos homens. (Atos 4:19,20; 5:29). E o próprio apóstolo Paulo testemunhou, dizendo que “nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer criatura poderá nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor”. (Romanos 8:37-39).

Jesus falou aos discípulos, dizendo-lhes que, quando perseguidos numa cidade, deveriam fugir para outra (Mateus 10:23). E essa prática estabeleceu um padrão para a evangelização na sua geração. Paulo deixou quase todos os campos de trabalho missionário sob a mais intensa perseguição (Atos 13:44-52; 14:19,20; 20:1). Mas isso apenas serviu para intensificar seus esforços no próximo lugar, até que o mundo gentio, assim como a terra de Israel, sentiu o impacto de seu ministério.

C. *O Sepultamento De Estêvão*

Homens devotos, cheios de compaixão, levantaram cuidadosamente o cadáver espatifado de Estêvão do meio das pedras, e o sepultaram. E, contudo, a alegria deve ter estado presente, pois, agora, sabiam que não havia nada que tivessem de enfrentar que não saíssem vitoriosos. Havia enfrentado ameaças, prisões, açoites e, agora, a própria morte, mas, por outro lado, o Senhor Jesus podia ser visto e ouvido, liderando-os através de tudo, levando-os a maiores esforços.

D. *A Perseguição Movida Por Saulo*

Saulo era o cabeça da tremenda campanha. Não deixou de vasculhar qualquer lugar. Todo cristão apanhado era encarcerado. Saulo ia de casa em casa e, ao encontrar um seguidor do Senhor Jesus, não lhe deixava dizer nenhuma palavra em defesa própria, mas, arrebatando-o de sua casa, o lançava na prisão.

E *A Pregação Dos Que Foram Dispersos*

Não havia apenas doze pregadores naquela congregação cristã de Jerusalém. Havia milhares deles. Cada crente considerava como responsabilidade pessoal falar a uma outra pessoa a respeito do Senhor Jesus. Por isso, quando os discípulos foram forçados a abandonar os seus lares e entes queridos “iam por toda parte pregando a palavra.”

II. A PRIMEIRA OBRA DE FILIPE (8:5-13)

A. *Em Jerusalém*

A Bíblia está correta ao dizer, em Atos 8:5, que “Filipe... descendo... a Samaria”. Lucas diz: “descendo”, embora ele se tenha dirigido para o norte. Na verdade, ele desceu de um nível mais alto, onde está Jerusalém, para um nível mais baixo, onde ficava Samaria. Quem é esse homem que aqui é apresentado como representante dos muitos que foram dispersos por causa da perseguição? Não é Filipe, o apóstolo; mas sim Filipe, o diácono, “um dos sete” (comparar com Atos 21:8). Por força das circunstâncias, ele se tomou evangelista, anunciando a Cristo. O trabalho de Filipe era semelhante ao de milhares de outros crentes que haviam fugido de Jerusalém, a fim de anunciarem a Palavra de Deus.

B. *Em Samaria*

Chegando à cidade de Samaria, Filipe “anunciava-lhes a Cristo.” Ele não estava destituído de evidência divina para confirmar sua pregação. Os samaritanos não somente tiveram ocasião de ouvir a sua mensagem, mas viram “também os sinais que ele operava”, que provavam a origem divina daquilo que ele pregava. Lucas nos diz que esses sinais era a expulsão de espíritos imundos de muitos possesores, bem como a cura de muitos paralíticos e coxos. A primeira reação do povo samaritano foi de um interesse intenso, havendo grande alegria na cidade, como resultado

das obras miraculosas e da pregação do evangelho.

Simão, o mágico, ficou profundamente impressionado pela demonstração do poder do Espírito Santo. Esse homem, durante longo tempo, iludira o povo da cidade. Por meio de sua mágica, ele havia deixado todos maravilhados e temerosos dele. E todos, do menor ao maior, lhe davam crédito. Na sua superstição, todos lhe davam ouvidos, vendo-o como um indivíduo dotado de grandes poderes. “Aderiam a ele, porque havia muito os iludia com suas mágicas.” Porém, a despeito dessas condições adversas na cidade, “as multidões atendiam, unânimes, às coisas que Filipe dizia ouvindo-o e vendo também os sinais que operava...” “Quando porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, iam sendo batizados também assim homens como mulheres.” E a parte mais interessante de todos aqueles acontecimentos foi que o cabeça da oposição naquela cidade, isto é, o próprio Simão, “abraçou a fé”. Uma vez que estava perdendo todos os seus seguidores para Filipe, ele decidiu acompanhá-los. Mas parece que ele, como muitos nos dias de hoje, foi impressionado pelos milagres mais do que pelo Senhor Jesus. Reconheceu que Filipe tinha mais poder do que ele e esperava descobrir o segredo de como obter esse poder. Não sabia que o poder de Deus é recebido pelo arrependimento de um coração sincero.

Deus concede sinais que acompanham os verdadeiros crentes (Marcos 16:15-20), mas Ele quer que os seus discípulos O sigam porque O amam e não pelos benefícios materiais, ou por causa dos milagres. Simão até chegou a se batizar, e as Escrituras afirmam que ele “acompanhava Filipe de perto.” Até que ponto ele foi sincero? Não podemos afirmar com certeza, mas parece que a sua crença foi somente uma aceitação intelectual, sem uma verdadeira transformação de coração.

III. A OBRA DE PEDRO E JOÃO (8:14-25)

A causa de Cristo alcançava grandes vitórias na cidade e na província de Samaria. Quando as notícias chegaram à cidade de

Jerusalém, os apóstolos enviaram para ali, imediatamente, a Pedro e João. Se o trabalho do Senhor estava progredindo tão maravilhosamente em Samaria, por qual motivo, então, foi necessário que Pedro e João surgissem em cena? Qual a importância da sua vinda? Estas perguntas são respondidas no próximo texto. Observe os fatos que o texto apresenta (8:15-25). Logo que os apóstolos ouviram do trabalho de Filipe em Samaria, enviaram-lhe Pedro e João. Perguntamos, então: “Com qual propósito?” A resposta se encontra na posição singular que Pedro ocupava e o direito que lhe assistia. Pedro foi escolhido por Jesus para receber e usar “as chaves do reino dos céus.” No dia de Pentecoste, foi ele quem usou a palavra como porta-voz do Senhor, anunciando as condições de entrada no reino de Deus. Mais tarde, ele foi usado por Deus para abrir a porta da fé aos gentios. Falando sobre esse acontecimento no concílio em Jerusalém, ele disse: “Irmãos, vós sabeis que, desde há muito, Deus me escolheu dentre vós para que, por meu intermédio, ouvissem os gentios a palavra do evangelho e cressem.” (Atos 5:7).

Ao chegarem em Samaria, os apóstolos oraram e impuseram as mãos sobre os novos convertidos samaritanos, para que recebessem o Espírito Santo... “portanto não havia ainda descido sobre nenhum deles, mas somente haviam sido batizados em o nome do Senhor Jesus”. E diz Lucas: “Então lhes impunham as mãos, e recebiam eles o Espírito Santo.”

Os que não crêem no batismo do Espírito Santo, com a evidência do falar em outras línguas, afirmam que a Bíblia não diz que os samaritanos falaram em línguas ao receberam Espírito Santo. Concordamos com isso. Entretanto, a Bíblia fala: “Vendo, porém, Simão que, pelo fato de os apóstolos imporem as mãos, era concedido o Espírito Santo... “Simão viu algo evidenciado, provando que os samaritanos receberam o Espírito Santo, e nós cremos que esse “algo” foi o falar em outras línguas.

Devemos notar que Simão não queria o “Espírito Santo”, e sim, o poder de conceder o Espírito Santo por meio da imposição de mãos. A repreensão de Pedro parece mostrar que houve premeditação da parte de Simão. Não se tratava de palavras

impulsivas, ditas em um momento e seguidas, no momento seguinte, pelo arrependimento. Ao descrever o pecado de Simão Pedro diz que ele estava “em fêl de amargura e laço de iniquidade”. O “fêl de amargura” fala das condições do coração do ex-mágico e o “laço de iniquidade” descreve o poder que o pecado estava exercendo sobre ele.

Ainda que Simão pudesse ter subornado a Pedro e João, estes não poderiam ter dado o Espírito Santo. Somente Deus pode conceder o Espírito Santo e Ele é dado aos que lhe obedecem (Atos 5:32).

IV. A OBRA POSTERIOR DE FILIPE (S:36-40)

A. *Na Estrada De Jerusalém A Gaza*

Em meio à mais bem sucedida campanha evangelística quando parecia que muitas almas ainda seriam ganhas para o Senhor Jesus, um anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: “Levanta-te e vai para a banda do Sul, no caminho que desce de Jerusalém a Gaza; este se acha deserto”. Ora, Filipe acreditava em Deus e Sua Palavra, pelo que, para ele, só havia uma coisa a fazer. A fê de Filipe era tal que sabia que “os caminhos de Deus são sempre os melhores caminhos”. Visto que Deus é quem havia feito que ele desse início à obra de evangelização em Samaria, Filipe sabia que, por mais estranhas que fossem as instruções divinas, estas eram sempre as mais certas, pois ele era apenas um instrumento nas mãos de Deus. Por isso, ele foi.

É fato muito conhecido que a palavra chamada “deserto” em Atos 8:26 significa “sem ninguém”. Que é que Filipe haveria de fazer num lugar que não havia viva alma? Lucas não menciona qualquer dos eventos que certamente sucederam na viagem de cento e vinte e cinco quilômetros (5 dias de viagem) entre Samaria e aquele lugar deserto. No plano de Deus, havia somente uma pessoa com quem ele devia encontrar-se. Ora, vinha por aquela estrada um eunuco etíope, investido de grande autoridade, pois era tesoureiro da rainha Candace, dos etíopes. Esse homem estivera em Jerusalém

e agora regressava para sua terra. Evidentemente, ou ele era um judeu etíope ou um prosélito.

Quando Filipe viu a camuagem, não havia motivo nenhum para ficar particularmente interessado nela ou em seu ocupante. E, então, a pergunta do coração de Filipe foi respondida: “Então disse o Espírito a Filipe: Aproxima-te desse carro e o acompanha”. Filipe não hesitou um momento sequer e começou a correr para acompanhar a velocidade da camuagem. Enquanto seus rápidos passos o aproximavam cada vez mais da camuagem, seus ouvidos começaram a ouvir palavras familiares, pois o ocupante da camuagem estava lendo o profeta Isaías. Provavelmente, a passagem que estava sendo lida pelo eunuco tinha formado a base para muitas das mensagens dos amigos de Filipe. Nada mais natural, portanto, do que a pergunta de Filipe ao eunuco. Correndo ao lado da camuagem, perguntou-lhe: “Compreendes o que vens lendo?”

O eunuco, vendo na pergunta de Filipe um convite para ensinar sobre as Escrituras que estava lendo, imediatamente falou de sua própria incapacidade para compreendê-las. Estava lendo Isaías 53:7, 8: “Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro, foi levado ao matadouro; e, como ovelha, muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca. Por juízo do opressor foi arebatado, e, de sua linhagem, quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo foi ele ferido.” Diz o texto que Filipe ‘começando por esta passagem da Escritura, anunciou-lhe Jesus.’ Foi exatamente isto que Filipe deve ter feito. Deixar de lado o sofrimento vicário, substitutivo do Senhor Jesus, é o mesmo que não pregar as Boas Novas. A nossa fé deve estar fundamentada no Senhor Jesus, como o Cordeiro de Deus, que foi morto por causa dos pecados deste mundo.

B. *O Batismo*

Ao pregar Jesus assim, ele mostrou os requisitos do Evangelho, quais sejam: crer no Senhor Jesus, arrepender-se dos pecados, e ser batizado em o nome de Jesus para remissão dos pecados, para que possa acontecer o batismo com o Espírito Santo.

Versículo 36 – Quando Filipe pregava em Samaria, “iam sendo batizados, assim homens, como mulheres.” Não é, portanto, estranho que, “chegando (eles) a um lugar onde havia água, disse o eunuco: Eis água aqui, que impede que seja eu batizado?” A narração continua: “Então mandou parar o carro, ambos desceram à água, e Filipe batizou o eunuco.” E logo adiante: “Quando saíram da água...” Pode alguma outra cena ser mais descritiva de um “sepultamento com Cristo pelo Batismo?” Não é a “imersão” a conclusão inevitável de uma mente aberta e lógica? O ato de terem descido ambos à água e, depois, terem ambos saído dela, teria sido inteiramente desnecessário, caso fosse suficiente que Filipe aspergisse ou derramasse água sobre o eunuco.

C. Conclusão:

Versículo 39 – Depois do batismo, ocorreram dois eventos:

1. “... O Espírito do Senhor arrebatou a Filipe.” Tudo indica que Filipe foi arrebatado corporalmente, para outro campo de atividades...
2. O eunuco não viu mais Filipe, mas “foi seguindo o seu caminho, cheio de júbilo.”

NOTA: Alguns manuscritos antigos dizem que “O Espírito do Senhor caiu sobre o eunuco.” Ficou, evidentemente, cheio do Espírito Santo, e foi seguindo... cheio de júbilo.

D. *Filipe Em Azoto*

A terminologia parece indicar que Filipe apareceu subitamente naquela cidade.

A distância de Azoto à Cesaréia era de cerca de 100 km. Cesaréia foi a cidade mais ao norte atingida pela campanha missionária de Filipe. É aqui que o encontramos com sua família, cerca de cinco ou seis anos mais tarde.

Questionário:

- 1) Mostre por qual motivo as instruções do anjo a Filipe foram estranhas, e qual o motivo porque Filipe as obedeceu

imediatamente.

- 2) O eunuco Etíope era um gentio? Sim ou Não? Porquê?
- 3) Que conclusão inevitável tiramos do relato do batismo do eunuco?
- 4) Quais os dois eventos que sucederam depois do batismo do eunuco? Explique cada um deles.

CONVERSÃO E PRIMEIROS LABORES DE SAULO

Atos 9:1-30; Gálatas 1:17-24

I. EM JERUSALÉM (9:1-2)

Estamos de volta a Jerusalém. A situação não havia mudado nem melhorado, pois Paulo ainda estava “respirando ameaças e morte contra os discípulos do Senhor”. Não podia descansar, pois o seu zelo quase o enlouquecera na determinação de perseguir aos cristãos, em qualquer lugar onde eles pudessem ser encontrados. Quando Saulo ouviu falar que em Damasco havia cristãos, imediatamente tomou os passos necessários para levar seu movimento perseguidor até ali.

Saulo foi ter com o sumo sacerdote, para obter cartas de apresentação que lhe garantissem autoridade para entrar nas sinagogas de Damasco e aprisionar todos os seguidores do Caminho. Esperava trazê-los acorrentados de volta a Jerusalém.

Foi o conflito dentro de sua própria alma que impeliu Saulo a perseguir os Cristãos de tal maneira. Mas, apesar de Saulo ser fanático na sua luta contra a igreja, ele creu sinceramente que estava combatendo contra a heresia. Ele não estava rejeitando a verdade de Deus deliberadamente. Algum tempo depois, ele testificou que “...noutro tempo era blasfemo, perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade” (I Timóteo 1:13). Saulo sinceramente acreditava que Jesus era um impostor. (Zacarias 4:6)

III. NA ESTRADA DE DAMASCO (9:3-8)

Que candidato para a conversão de Deus! Mas, logo antes de entrar na cidade de Damasco, onde ele pretendia capturar todos os cristãos, ele mesmo foi capturado por Deus!

Quando os muros da cidade de Damasco apareceram à distância, “subitamente, uma luz do céu brilhou ao seu redor.”

Visto que a conversão de Saulo é registrada em três partes do

livro de Atos, julgamos necessário e útil oferecer aqui uma harmonia dos três relatos: (Atos 22:1-21; 26:9-18).

“Ora, aconteceu que, indo de caminho e já perto de Damasco, quase ao meio dia, repentinamente grande luz do céu brilhou ao redor de mim. Então caí por terra, ouvindo uma voz que me dizia: Saulo, Saulo por que me persegues? Perguntei: Quem és tu, Senhor? Ao que me respondeu: Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues. Os que estavam comigo viram a luz, sem contudo, perceber o sentido da voz de quem falava comigo. Então perguntei: Que farei, Senhor? E o Senhor me disse: Levanta-te, entra em Damasco, pois ali te dirão acerca de tudo o que te é ordenado fazer. Mas levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci, para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que me viste, como daquelas pelas quais te aparecerei ainda; livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio. Para lhes abrir os olhos e convertê-los das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim. Tendo ficado cego, por causa do fulgor daquela luz, guiado pela mão dos que estavam comigo, cheguei a Damasco.”

A voz do Senhor falou desta grande luz, e Saulo reconheceu que o Senhor lhe falou, mas também admitiu que não conhecia o Senhor, quando perguntou: “Quem és tu, Senhor?” E naquela hora aprendeu que Jesus é o Senhor! Mais tarde, quando conheceu bem ao Senhor Jesus, declarou que: “Deus... lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que, ao nome de Jesus, se dobre todo o joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra... e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.”

Jesus, ao revelar-se a Saulo, também revelou-lhe o estado de sua alma, e disse-lhe que estava ferindo a si mesmo mais do que aos cristãos, “recalcitrando contra os aguilhões.”

Quando Paulo reconheceu que estava lutando contra o Senhor, todo o desejo de lutar o deixou, e ele se entregou completamente ao Senhor.

Uma revelação da presença de Deus faz homens mortais conscientes de sua própria fraqueza, e estado pecaminoso perante

Ele. Uma visão de Deus deixou Daniel “sem força alguma” (Daniel 10:7,8). Quando João O viu, “caiu a seus pés como morto.” (Apocalipse 1:17). E esta visão deixou o feroso Saulo, sujeito e manso, para todo sempre, aos pés de Jesus. (Isaías 6:5)

Saulo foi completamente conquistado, quando caiu na estrada. Quando foi revelado que seu conquistador era Jesus Cristo, simplesmente perguntou: “Que farei, Senhor?”

III. EM DAMASCO (9:8-22)

Quando a luz que brilhava mais que o sol do meio-dia caiu sobre Saulo, sua reação natural foi olhar para ela. E, ao fazê-lo, viu Ele, no centro daquela refulgente glória, ao Senhor Jesus.

Depois de sua conversação com Jesus, levantou-se Saulo do pó da estrada de Damasco, e abriu os olhos. O Senhor abriu os olhos do entendimento de Saulo, mas cegara seus olhos físicos.

Que contraste contemplamos entre o humilde crente penitente, guiado pelas mãos, cego, até Damasco, e o enlouquecido fariseu, que deveria entrar triunfante pelas portas da cidade, a fim de arebatar aqueles que fossem do “Caminho”. Que pensamentos de culpa e humilhação não devem ter passado pela mente de Saulo, enquanto ele acompanhava, nas trevas, aqueles que o guiavam pela mão.

Jesus disse a Saulo que, na cidade, lhe seria dito o que deveria fazer. Não lhe explicou, contudo, em que ocasião lhe seria dada essa informação. Saulo, evidentemente, sentiu que seu pecado era tão monstruoso que só lhe cabia jejuar e orar. Isso ele faria até que o Senhor falasse novamente com ele.

Certamente, a consciência de Saulo vinha lutando desesperadamente contra ele desde algum tempo. Não há dúvida de que Saulo se sentia bastante confuso sobre Jesus de Nazaré. A morte de Estêvão lhe causara profunda impressão (comparar com Atos 22:22). Estêvão deve ter apresentado provas, pelo Antigo Testamento, de que Jesus era o Messias. Além disso, Saulo estivera presente, quando Estêvão apresentou sua defesa (comparar com 26:10). Todas essas coisas exerciam pressão sobre a consciência do

jovem.

A intensa perseguição movida por Saulo, portanto, não passava de uma tentativa de abafar, de alguma maneira, a voz de sua consciência. Quando o seu coração estava, assim, repleto de ira e justiça-própria, e, quando sua vida era toda atividades, não lhe sobrava tempo, nem sentia inclinação para ouvir a voz da consciência. Agora, entretanto, ali na casa de Judas, na rua chamada Direita, quando ele se ajoelhou em oração, todos aqueles sentimentos e fatos foram postos em foco. E Saulo viu claramente, pela primeira vez, o negro quadro de sua má obra.

Pouco depois da aparição do Senhor a Saulo, apareceu também a Ananias, a quem chamou pelo nome. Ananias prontamente respondeu ao Senhor, de forma a deixar claro que estava disposto a ouvir e obedecer. “Eis-me aqui, Senhor.” As palavras de instrução foram diretas e explícitas. O Senhor lhe disse tanto onde ir, como o que fazer. Ananias, entretanto, reagiu da mesma maneira que qualquer um de nós teria reagido. É como se Ananias tivesse dito: “Mas, por que, Senhor? Ir visitar Saulo de Tarso? Ora, Senhor, quando penso sobre o que muitos outros crentes têm dito a respeito das terríveis crueldades de Saulo em Jerusalém... Agora sei que ele está aqui, munido de autorização dos principais sacerdotes, com os mesmos propósitos perseguidores... Nem sei o que pensar.”

“Vai”, respondeu o Senhor. É como se Ele tivesse dito: “Levanta-te e obedece às minhas ordens.” Mas, imediatamente, ajunta os motivos dessa ordem: “Vai, porque este é para mim um vaso escolhido, para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel, pois eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome.”

E Saulo? Cego e completamente humilhado, oraou e jejuou por três dias, na casa de Judas, antes de Deus mandar-lhe outra palavra. Ali, enfrentou sozinho o triste fato de ser ele culpado de ter sido inimigo de Deus e perseguidor de Seu povo. Seu único raio de esperança era receber outra palavra de Deus.

Podemos imaginar a agonia mental que Saulo suportou durante aqueles três dias. Sem dúvida, ele culpou a si mesmo pelo

assassínio de Estêvão. E lembrava dos sofrimentos que ele mesmo tinha infligido aos santos de Deus. Lembrando esses pecados, pelo resto da vida sentiu-se indigno da graça de Deus, mas expressou gratidão sem medida a Deus pela sua misericórdia para com ele. (Veja I Coríntios 15:9,19; Efésios 3:8; I Timóteo 1:12, 13).

Versículos 10-19. Os acontecimentos da estrada para Damasco efetuaram uma “conversão”. Esse termo compreende uma mudança completa de mente e coração. Saulo, entretanto, não foi “salvo”, enquanto não se batizou e lavou os seus pecados (Atos 22:16).

A conversão se verifica no coração do pecador, mas o perdão dos pecados ocorre no coração de Deus. A fé, o arrependimento e a confissão completam a primeira parte, e o batismo e recebimento do Espírito completam a segunda. Sabemos, pelo próprio testemunho de Saulo, que ele falava em outras línguas (I Coríntios 14:18).

Jesus não disse a Saulo o que ele deveria fazer, a fim de ser salvo, mas o dirigiu a um humilde discípulo que vivia em Damasco. (Comparar com 9:6). O Senhor nunca disse nem nunca dirá a alguém, diretamente, o que é necessário fazer para que seja salvo, pois Ele ordenou que sejam salvos os que crêem “pela loucura da pregação” (I Coríntios 1:21). Muitas pessoas vêm aos nossos altares e saem, sem saber como serem salvas.

Questionário:

- 1) Saulo foi sincero na sua luta contra o cristianismo?
- 2) Por que ele foi a Damasco?
- 3) Como é que o Senhor se identificou a Saulo?
- 4) Escreva, com suas próprias palavras, a mensagem de Jesus a Saulo, na estrada de Damasco.
- 5) Quais as duas coisas mencionadas por Ananias, como razões pelas quais fora enviado a Saulo?
- 6) Explique a diferença no uso e na significação das palavras “conversão” e “salvação”, conforme encontradas no caso de Saulo.
- 7) Jesus disse a Saulo o que ele deveria fazer, a fim de ser salvo? Que significa para nós essa atitude de Jesus?

IV. PREPARAÇÃO PARA O MINISTÉRIO

Embora Paulo tenha sido ensinado por Gamaliel e tenha tido uma conversão extraordinária, somente doze anos depois é que ingressou num ministério de tempo integral.

Parece que, segundo Atos 9:20, ele entrou imediatamente no ministério. Porém, temos razão para crer que um período de três anos se passou entre Atos 9:19 e Atos 9:20. Após sua conversão, temos evidências de que ele foi imediatamente para a Arábia (Gálatas 1:17), e ali gastou o tempo em oração e meditação.

Então, voltou para Damasco, onde começou a pregar. Como está declarado em Atos 9:20. A pregação de Saulo era feita nas mesmas sinagogas onde, anteriormente, pretendia entrar como perseguidor dos Cristãos. Imagine a surpresa dos seus ouvintes! Mas, a reação daqueles judeus foi semelhante a sua própria reação, ao ouvir a pregação de Estêvão.

Depois de retomar a Damasco, Saulo deve ter-se tomado tão insistente em sua pregação que os judeus determinaram que a única solução para o caso era o assassinato daquele "herético". O plano de assassiná-lo foi traçado, mas foi descoberto por Saulo.

Os discípulos, sabendo disto, tomaram o apóstolo, de noite, e fizeram-no baixar pelos muros da cidade, dentro de um cesto. Em muitas cidades antigas, havia casas construídas sobre os muros. Eram construídas essas casas de tal modo que uma parte das mesmas se projetava da beira do muro. Era perfeito para um homem escapar, conforme foi descrito que fizeram com Saulo (Veja também II Coríntios 11:32, 33).

V. EM JERUSALÉM (9:26-29; Gálatas 1:17-19)

Quando Saulo foi baixado, dentro de um cesto, pelos muros de Damasco, seu destino era a cidade de Jerusalém. E, como foi diferente a sua viagem de regresso! Que tremenda transformação ocorrera durante aqueles últimos três anos! Essa era a cidade onde ele haveria de enfrentar mais uma vez muitos de seus antigos amigos. Que diriam eles? Também era preciso entrar em contato

com os outros discípulos do Senhor.

Como não devem ter sido dolorosos os sentimentos de Saulo, quando foi repellido em seus esforços para unir-se aos discípulos (versículo 26). Lembre-se que, logo que ele se converteu, foi para a Arábia, e não se ouviu mais falar dele. E, agora, já fazia três anos, desde que chegara a notícia de sua conversão. Sob tais condições, os discípulos tinham razão suficiente para se mostrarem cétricos.

Versículos 27-29 – “Mas Bamabé...” - Lucas diz que Bamabé era homem bom (11-24). Ele creu, quando os outros ainda estavam na dúvida. Não somente estava disposto a aceitar a história de Saulo, mas ainda o levou perante os apóstolos, para pleitear a sua aceitação.

Os três pontos da apresentação de Saulo aos apóstolos, feita por ele, foram:

1. O Senhor Jesus aparecera a Saulo;
2. O Senhor Jesus lhe havia falado;
3. Em Damasco, Saulo havia pregado corajosamente em nome de Jesus.

Então, Saulo foi recebido e ganhou reconhecimento da parte dos discípulos. Permaneceu lá quinze dias, falando ousadamente em nome de Jesus. Foi à sua própria sinagoga, mas foi recebido da mesma maneira que Estêvão foi recebido anteriormente. Fizeram planos para matá-lo.

VI. EM CESARÉIA E TARSO (9:30)

Quando os planos para assassinar Saulo se tomaram conhecidos, ele foi levado, sob a proteção dos irmãos de Jerusalém, para Cesaréia, e, dali, posto numa embarcação que ia velejar para Tarso, na Cilícia.

Questionário:

- 1) Que paradoxo está ligado aos lugares onde Saulo pregou a Cristo pela primeira vez?

- 2) Diga qual o motivo do espanto daqueles que ouviam a Saulo.
- 3) Explique a conexão entre o plano de matar Saulo e a vigilância sobre as portas de Damasco, por parte dos judeus.
- 4) Qual a atitude dos discípulos de Jerusalém para com Saulo, logo que ele os procurou?
- 5) Quem conseguiu aliviar a situação, e de que forma o fez?

A OBRA DE PEDRO

Atos 9:31; 10:48 .

I. EM JERUSALÉM (9:31)

A vinda de Saulo, juntamente com a intensa perseguição de que se tomou alvo por parte dos judeus zelosos pela lei, num certo sentido, veio interromper a paz, mas, agora que ele já se tinha ido, voltara a paz. Não se deve concluir, entretanto, que a agitação provocada pela vinda de Saulo foi danosa; pelo contrário, provavelmente serviu para trazer mais paz, edificação, e amor à congregação.

II. EM LIDA (9:32-35)

Pedro passava “por toda parte”. Isso se referia aos três territórios mencionados no versículo 31 - Judéia, Galiléia e Samaria.

Quem havia trazido a boa mensagem a Lida, antes que o apóstolo Pedro ali tivesse chegado? Do próprio contexto, duas respostas podem ser sugeridas: ou os que haviam sido dispersos de Jerusalém formaram aquela congregação, ou, então Filipe, quando pregava em outras cidades daquele distrito (8:40), havia dado início à assembleia cristã que havia em Lida.

Versículos 33-35 – Nessa cidade, havia um homem muito conhecido, chamado Enéias, que havia oito anos jazia numa cama, pois era paralítico. Pedro, sabendo que a cura dele resultaria em poderoso testemunho do poder de Cristo, disse ao enfermo: “Enéias, Jesus Cristo te cura! Levanta-te, e aruma o teu leito.” Neste caso, como em todos os outros casos de cura, o enfermo não hesitou um momento sequer. Logo que a ordem do apóstolo, em nome do Senhor Jesus, chegou aos seus ouvidos, o enfermo se levantou, perfeitamente curado. O resultado tencionado foi alcançado, pois “viram-no todos os habitantes de Lida e Sarna, os quais se converteram ao senhor.” Certamente, as palavras do apóstolo foram

acompanhadas pelos sinais mencionados em Marcos 16:20.

III. EM JOPE (9:36-43)

Versículos 36-38 – Enquanto Pedro curava os enfermos em Lida, havia uma mulher, contada entre os verdadeiros santos de Jope, que estava às portas da morte, e, antes mesmo que Pedro tivesse terminado seu trabalho em Lida, partiu desta vida. No aramaico, seu nome era “Tabita” e, em grego, “Dorcas”; O significado da palavra em português é “Gazela”.

Depois que morreu, seu corpo foi lavado e posto no cenáculo da casa. A necessidade de Tabita ser sepultada imediatamente (devido ao clima quente), foi o motivo de terem mandado chamar o apóstolo Pedro com tanta urgência. A viagem de Pedro, de um lugar para outro, deve ter demorado umas três ou quatro horas.

Versículos 39-43 – Os crentes não tinham a menor idéia sobre o que Pedro diria ou faria. O próprio Pedro, contudo, não hesitou um momento sequer. No cenáculo havia uma boa quantidade de mulheres viúvas, em grande tristeza, por causa da morte da amada Tabita. Evidentemente, aquelas viúvas eram pobres demais para obter vestimentas de qualquer maneira, e se não fosse aquela alma caridosa, elas muito teriam sofrido.

Pedro disse para todos saírem. Que bela cena nos é pintada, então. Primeiramente, Pedro se ajoelha e ora a oração de fé; e, depois, voltando-se para o corpo, diz-lhe apenas: “Tabita, levanta-te.” E, uma vez mais, flui a vida naquele corpo, e Dorcas abre os olhos.

As notícias desse incidente, bem como a cura de Enéias, em Lida, logo se propagaram, e onde quer que elas chegavam ajudavam a criar fé na obra e nas palavras do apóstolo. “E muitos creram no Senhor.”

Por causa dos bons resultados da ressurreição de Dorcas, Pedro ficou em Jope por algum tempo, hospedado na casa de um certo Simão.

IV. EM CESARÉIA (Atos 10:1-48)

A. *Cornélio E Sua Visão:*

Versículos 1-2 – Começando com o capítulo dez, temos a introdução ao incidente que abriu as portas do reino de Deus aos gentios. Sucedeu em Cesaréia. Nessa cidade vivia um certo homem, de nome Comélio. Esse homem não era um homem comum, pois seria o primeiro gentio, em todo o mundo, a achar perdão para seus pecados no sangue de nosso Senhor Jesus Cristo. Parece até que Lucas estava tentando mostrar-nos que um homem, mesmo profundamente religioso, podia e pode estar perdido. Quem era este homem?

1. Seu nome era Comélio
2. Ele era centurião, ou seja, capitão, chefe de 100.
3. Era homem devoto, piedoso, não era pagão.
4. Ele em Italiano
5. Temia e adorava a Deus
6. Era generoso com seus bens – dava esmolas
7. Não era prosélito dos judeus, pois era homem “incircunciso” (veja 11:3)

Não pode haver dúvida, porém, de que ele obtivera sua fé e devoção por causa do contato próximo que tivera com a religião judaica.

Versículos 3-8 – Agora, vejamos os resultados de sua devoção a Deus. Nenhuma devoção sincera ao Senhor deixa de ser recompensada.

Enquanto Comélio estava entregue à oração, Deus o visitou. A passagem Bíblica indica que o anjo realmente se materializou na presença de Comélio. Para Comélio, o homem que lhe apareceu não podia ser outro senão o próprio Deus, ou algum Seu representante. Eis porque exclamou: “Que é Senhor?” Então o mensageiro angélico fez saber a Comélio que a sua adoração e orações não

havam sido em vão (versículo 31).

Na mente daquele gentio, ao ouvir aquelas palavras confortadoras, devem ter passado pensamentos como estes:

“Se, realmente, minhas orações foram ouvidas, que forma terá a resposta? Tenhoorado, pedindo que Deus me aceite e eu encontre favor aos Seus olhos. Será que já gozo da graça do Senhor Jeová?”

E a resposta foi dada pela boca do anjo: “Envia (visto que tuas orações foram ouvidas) mensageiros a Jope... o qual te dirá palavras, mediante as quais serás salvo, tu e toda a tua casa.” (11:13,14).

Assim que o anjo desapareceu, Comélio começou, imediatamente, a obedecer às instruções divinas. Chamou dois dos seus serviçais e um soldado piedoso. Lá pelo fim da tarde, se puseram a caminho em direção a Jope.

B. *A Visão De Pedro* (10:9-16)

Enquanto Pedro esperava que sua refeição do meio-dia ficasse pronta, retirou-se para o terraço que havia por cima de sua casa, a fim de observar a hora judaica de oração. Apareceu-lhe, então, uma estranha visão; ele viu os céus se abrirem e algo, semelhante a um grande lençol, ser baixado através a abertura feita. Quando Pedro percebeu o conteúdo do estranho objeto, viu que continha toda sorte de animais, imundos para os judeus. Sentia-se totalmente confuso, quando ouviu uma voz que lhe dizia: “Levanta-te, Pedro, mata e come.”

Pedro respondeu segundo a convicção de seu coração, no que dizia respeito à ingestão de tais animais. “De modo nenhum, Senhor, porque jamais comi coisa alguma comum e imunda.”

Novamente se fez ouvir a voz de Deus; e desta vez deve ter sacudido o coração de Simão, tal como a mesma voz fizera desmaiar os corações daqueles que a ouviram no monte Sinai.

“Ao que Deus purificou não consideres comum” (versículo 15). Aquele que fez a lei podia anulá-la, quando e como quisesse.

O que Pedro, finalmente, compreendeu da visão:

1. Que chegara o tempo de os gentios entrarem na Igreja (versículos 17-20);

2. Que começara uma nova dispensação, na qual Deus não reconhece diferença entre judeu e gentio (versículo 28);
3. Que era a vontade de Deus que os crentes judaicos entrassem nas casas dos gentios, para ter comunhão com eles (versículos 27, 11 :2-4).
4. Que a lei do Antigo Testamento, acerca dos alimentos, foi abolida.

NOTA: Quando deixamos de julgar qualquer homem impuro ou imundo, então reconhecemos que Cristo morreu por todos os homens, e, assim, fica completamente transformada a nossa concepção relativa aos povos mais desprezados (por exemplo, os selvagens), e a nossa relação para com eles.

C. *Chegam Os Mensageiros*

Versículo 17-20 – A perplexidade de Pedro pode ser melhor compreendida ao considerarmos seu passado judaico. “Por que será que Deus revogou a lei que separava os animais puros dos imundos?” Para Pedro, esse era o único sentido da visão naquele momento.

Porém, mesmo antes que todos os seus pensamentos pudessem ser formulados, três homens chegaram à porta da casa, os quais poderiam responder às perguntas de sua mente. O Senhor havia sincronizado perfeitamente os movimentos e os pensamentos, tanto de Pedro como dos enviados de Comélio!

Notamos que o Espírito de Jesus apresentou os visitantes a Pedro, antes mesmo que ele os visse (versículos 19,20).

Enquanto descia a escada, que tipo de pessoas você acha que o apóstolo esperava encontrar? Dificilmente estaria preparado para ser visitado por três gentios.

Versículo 21-23 – Os embaixadores de Comélio fizeram sua missão parecer tão atrativa quanto era possível a uma mente hebraica: Pedro deveria ir com eles e falar com um certo gentio chamado Comélio, um homem com ótima reputação entre os judeus. Sem dúvida, ele ligou os acontecimentos com a mensagem que o Senhor lhe dera enquanto orava. Restava apenas aquela

hesitação natural, que só haveria de desvanecer-se quando ele chegasse ao seu destino.

D. *A Viagem E A Chegada Em Cesaréia:*

Versículos 23-27 – No dia seguinte, partiram os três homens para Cesaréia, junto com Pedro e seis irmãos de Jope, a fim de testemunharem circunstâncias tão extraordinárias (veja Atos 11: 12). Na manhã do dia seguinte, chegaram na cidade de Cesaréia.

Comélio, com sua costumeira eficiência militar, havia preparado tudo cuidadosamente para a chegada deles. Quando Pedro entrou na casa de Comélio, havia ali uma audiência esperando por ele. Era composta dos parentes e amigos de Comélio.

Quando entraram, Comélio caiu aos pés de Pedro e rendeu-lhe homenagem, na qualidade de um enviado de Deus. O termo “adorou”, usado no texto, indica um tipo de homenagem prestada pelos militares aos oficiais de posição superior. Pedro não conhecia perfeitamente os sentimentos de Comélio, e, por isso, julgou que Comélio queria adorá-lo, como divindade, como faziam realmente, muitos gentios aos seus grandes homens. Pelo que, sem tardança, Pedro estendeu seu braço e fez com que Comélio se levantasse, ao mesmo tempo em que lhe dirigiu as seguintes palavras: “Ergue-te, que eu também sou homem.”

E. *A Explicação De Cornélio:*

Versículo 28-33 – Ao entrar na sala onde todos estavam reunidos, Pedro dirigiu-se a eles. Entrou diretamente no assunto. Naturalmente, a primeira pergunta na mente daquelas pessoas, era: “Como é que esse judeu foi enviado a nós, que somos gentios?”

Por essa razão, Pedro removeu a dificuldade, explicando-lhes que Deus removera a parede de separação entre judeus e gentios. Nas afirmações de Pedro, podemos observar que os esforços do Senhor não haviam sido vão, e que Pedro chegara às conclusões que o Senhor queria.

“...Mas Deus me mostrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo...”

Em essência, Pedro disse: “Quereis saber por que estou aqui?”

É porque Deus acabou com meu preconceito e me enviou a vós.” Agora, poderia ouvir as explicações do próprio Comélio. Comélio logo prestou a Pedro todas as explicações necessárias.

Versículo 34-35 – Pedro viu que a necessidade daqueles gentios não era nem os detalhes da lei judaica, nem o rito da circuncisão. Por isso, Pedro lhes falou aquelas coisas que o Senhor Jesus comandara. É claro que, em ocasião como aquela, só havia uma mensagem a ser dita – a mensagem relativa ao Senhor Jesus, o Salvador.

Pedro usou, como prefácio de seu sermão, a ousada mensagem de que “Deus não faz acepção de pessoas.” (Deus não leva em consideração o fato de alguém ser judeu ou gentio para que lhe seja aceito). Todos aqueles, “de qualquer nação”, que temessem a Deus e praticassem o que é justo, ser-lhe-iam aceitos, com a única condição de que aceitassem Jesus Cristo como Salvador e obedecessem ao Evangelho.

Versículo 36-37 – Segue-se, então, o corpo da mensagem. Somente em Jesus é que poderia ser encontrada a salvação.

Pedro fez, então, com que aqueles gentios conhecessem alguns fatos daquela bonita vida.

Afirma que Jesus... “é o Senhor de todos.” Em outras palavras: Jesus não apenas nos oferece reconciliação com Deus, mas também é Senhor de todas as coisas. A casa de Comélio, provavelmente, ouvira falar do Nazareno, e também O considerava um servo de Deus.

Versículo 38-42 – Na sua ignorância, aqueles gentios não compreendiam como fazer com que aquela salvação gratuita, na pessoa de Jesus, pudesse ser aplicada às suas próprias vidas. O significado e o poder da morte de Cristo ainda lhes era desconhecido, sem falar na sua ressurreição. É sobre esses fatos que Pedro fala agora: refere-se à morte humilhante e à gloriosa ressurreição de Jesus e de Suas aparições às Suas testemunhas.

Que alegria não deve ter invadido os corações daqueles gentios, ao ouvirem pela primeira vez as boas novas de que o Senhor Jesus dera a Sua vida pelos pecados do mundo! Sim, e eles também estavam incluídos entre os pecadores, pois todos precisam

dEle.

Versículo 43 – A última palavra de Pedro, antes que o Espírito Santo caísse sobre os seus ouvintes, é que todos os profetas judaicos testificaram de uma grande promessa que seria cumprida no Messias que viria – “a remissão dos pecados”. Então afirmou: “Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo o que nele crê receba remissão de pecados.”

F. *O Batismo No Espírito Santo*

Versículos 44-46 – Aqui, tal como no pórtico de Salomão, Pedro não conseguiu terminar o seu discurso.

“Ainda Pedro falava... Quando caiu o Espírito Santo... e os fiéis... da circuncisão..., admiraram-se, porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo; pois os ouviam falando em línguas...”

A lei exigia só “duas ou três testemunhas” (II Coríntios 13:1), mas Pedro, para entrar em casa de um gentio para pregar, levou consigo seis! Note bem que foi isto que tirou toda a dúvida destes judeus endurecidos:

Porque (pois) os ouviam falar outras línguas e magnificar a Deus.

A palavra “porque”, ou “pois”, nesta passagem, mostra que, na Igreja Primitiva, o falar em línguas era prova do batismo do Espírito.

G. *Batismo Nas Águas:*

Versículo 47-48 – A pergunta do versículo 47 é, evidentemente, dirigida aos seis irmãos judeus. Parece que aqueles crentes judeus teriam levantado objeção ao batismo de gentios, até aquele momento. Pedro ordenou que os primeiros cristãos gentios fossem batizados. Em sua pregação aos judeus, no dia de Pentecoste, Pedro explicou o que precede e o que se segue depois do batismo, bem como seu propósito (2:38). Na mensagem de Pedro estavam incluídos os pré-requisitos ao batismo, visto que a boa-mensagem deveria ser anunciada a todas as nações.

Vê-se nestes versículos a essencialidade do batismo nas

águas, em o nome de Jesus, para remissão dos pecados. Pessoas já batizadas no Espírito Santo devem obedecer à ordenança do batismo em Seu Nome (2:38).

Questionário:

- 1) Quem levou o evangelho a Lida, antes que Pedro ali chegasse?
- 2) Que tem Marcos 16:20 a ver com a cura feita em Lida?
- 3) Quem estava às portas da morte enquanto Pedro curava os enfermos em Lida?
- 4) Por qual motivo eram necessários os preparativos imediatos para o seu sepultamento?
- 5) Por qual razão as viúvas crentes estavam particularmente entristecidas com a morte de Dorcas?
- 6) Com suas próprias palavras, relate cuidadosamente a ressurreição de Dorcas.
- 7) Qual a recompensa da devoção de Comélio, e como isso se aplica aos nossos dias?
- 8) Qual era a conclusão de Pedro a respeito da visão, antes de ele ir para a casa de Comélio?
- 9) Mostre como o Senhor sincronizou perfeitamente os movimentos e os pensamentos de Pedro e dos três enviados.
- 10) Qual era a necessidade daqueles gentios que Pedro tinha que satisfazer em seu semão?
- 11) Por que Deus deu o Espírito Santo aos gentios, antes de eles serem batizados em o Nome de Jesus?
- 12) Como é que Pedro e os outros judeus sabiam que os gentios tinham recebido o Espírito Santo?
- 13) Visto que já recebera o Espírito Santo, por que é que Pedro ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo?

DE VOLTA A JERUSALÉM

Atos 11:1-18

I. EM JERUSALÉM

A. *A Palavra De Deus Entregue Aos Gentios* (versículo 1)

O apóstolo Pedro, quando viajou até Cesaréia e pregou aos gentios, desempenhou empolgante conquista com vitória, dentro de território inimigo. A Igreja, porém, em vez de magnificar a Deus pelas almas que Ele salvara e batizara no Espírito Santo entre os gentios, quis condenar Seu servo. Apesar de saberem que “os gentios tinham recebido a Palavra de Deus” (versículo 1), não queriam recebê-los na comunhão da Igreja.

Não compreenderam que a Palavra de Deus ensinara que o plano de Deus para a redenção em Cristo incluía homens de todas as nações e raças (Isaías 49:6; 60:3; Daniel 7:14; Oséias 2:23).

O plano prescrito por Deus é que o homem se arrependa e seja batizado (morte e sepultamento) para receber o Espírito Santo (vida). Mas Deus, que é soberano, tem todo o direito de agir de maneira diferente à sua ordem regular, sempre que achar necessário. Entretanto, sem fazer exceção, **JAMAIS MUDA OU ANULA O SEU PLANO DE SALVAÇÃO**. Deus batizou com o Espírito Santo antes, para que todos pudessem ver que aquilo era verdadeiramente a Sua obra.

B. *As Notícias Da Obra De Pedro Viajaram Mais Rápido Que O Apóstolo* (versículos 1, 2 e 3)

A notícia de que os gentios haviam ouvido a Palavra se divulgara por toda a assembléia, quando Pedro chegou. Não somente os apóstolos o souberam, mas isto chegou ao conhecimento “dos irmãos que estavam na Judéia”.

As notícias eram que “também os gentios haviam recebido a Palavra de Deus.” Mas, quando Pedro chegou a Jerusalém, o ponto discutido não foi propriamente o de pregar a boa mensagem aos

gentios, mas, sim, o de ele ter comido com os incircuncisos.

C. *A Resposta De Pedro (4-17)*

Não houve demora para que se desse início à discussão do assunto, em vista da íntima associação de Pedro com aqueles irmãos. “Os que eram da circuncisão” logo argüiram o apóstolo Pedro. A terminologia usada por Lucas parece indicar que esses “irmãos” pertenciam ao mesmo grupo que, mais tarde, advogou a circuncisão para os crentes gentios.

O que aqueles “irmãos” da Judéia e de Jerusalém queriam era uma resposta para sua pergunta e acusação. E Pedro não os desapontou. Pedro estivera, por algum tempo, tão hesitante quanto aqueles “irmãos” em admitir que os gentios também pudessem gozar do completo favor de Deus. Pedro pensou, então, que aquilo que convenceria a ele mesmo e aos outros seis irmãos judeus que haviam presenciado a conversão da família de Comélio, também haveria de convencer aos “irmãos” que agora levantavam objeções. Pedro, então, lhes fez “uma exposição em ordem” (versículo 4) de tudo quanto sucedera, desde a visão que ele mesmo tivera quando estava no terraço da casa de Simão, o cutidor, até o batismo no Espírito Santo, sobre Comélio e sua família. Jesus mandou os discípulos de dois em dois. Paulo foi sempre acompanhado. Pedro foi feliz em ter testemunhas desta obra de Deus.

As únicas palavras que Pedro adicionou ao seu relato, e que se encontram nos versículos 15 a 17 de nosso texto, se referem ao dito do Senhor Jesus, relativo ao batismo de João Batista, em contraste com o batismo do Espírito Santo, o que enfatiza a obra do Espírito do Senhor sobre a casa de Comélio.

Pedro diz que “caiu o Espírito Santo sobre eles, como também sobre nós no princípio” (versículo 15). Em outras palavras, o próprio Deus estampou Seu selo de aprovação e aceitação daquelas pessoas, e isso completamente independente de qualquer esforço da parte de Pedro.

Com eles sucedera o mesmo que aos próprios apóstolos (versículo 17). O mesmo dom – “o batismo do Espírito Santo”, foi concedido àqueles gentios, tal como o fora aos apóstolos e demais

cristãos judeus.

Foi quando os irmãos em Jerusalém souberam desse testemunho dos céus que ficaram plenamente convencidos de que Pedro cumprira a vontade de Deus ao pregar aos gentios, na casa de Comélio.

Pedro havia oferecido duas ou três razões divinas diretas, pelas quais havia levado a boa mensagem também aos gentios. Estava claro que Deus não queria a continuação da barreira entre judeus e gentios; que Sua vontade era que os gentios que se convertessem ao Senhor fossem igualmente aceitos, em completa comunhão no corpo de Cristo. Pedro sentira que agir de outra maneira qualquer seria resistir e recusar-se a fazer a vontade de Deus. A reação dos crentes da circuncisão à explicação do apóstolo Pedro foi maravilhosa. Trata-se de um modelo que nos convém imitar. Se, por acaso, discordamos de algum irmão ou irmã sobre alguma questão da Palavra do Senhor, e essa pessoa nos mostrar nosso equívoco, pela Palavra de Deus, sigamos então, o exemplo daqueles irmãos judeus, que atenderam às razões do apóstolo Pedro. Notemos:

1. Quando Deus fala, devemos “ficar quietos”. Pois “ouvindo eles estas coisas, apaziguaram-se.” Não se mostraram teimosos, mas se prontificaram a aceitar a verdade.
2. Então, devemos agradecer a Deus pela iluminação concedida, pela nova verdade compreendida, pois eles “glorificaram a Deus.” É melhor admitir nosso engano, do que ficamos a mumurar.
3. Devemos aceitar, em comunhão completa e irrestrita aqueles que anteriormente havíamos cortado de nosso círculo, pois eles confessaram, dizendo: “Logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para a vida.”

Questionário:

- 1) A quem, aparentemente, foi dirigida a pergunta: “Porventura pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberem o Espírito Santo?” (10:47)

- 2) Que há de familiar sobre a ordem de Pedro, para os crentes gentios batizados em nome de Jesus?
- 3) Qual o assunto discutido, quando Pedro retomou a Jerusalém?
- 4) Por que os judeus em Jerusalém acharam errado Pedro estar na casa de Comélio?
- 5) Como é que Pedro resolveu o problema da discórdia entre ele e os outros judeus em Jerusalém?

II. O TRABALHO DOS PRIMEIROS DISCÍPULOS (Atos 11:19-21)

A. O Trabalho Entre Os Gentios:

O trabalho entre os gentios havia sido iniciado. A linha de separação havia sido ultrapassada. A casa da fé foi imensamente engrandecida.

D. A Propagação Da Palavra Aos Gentios:

O passo seguinte, na propagação da Palavra aos gentios ou “gregos”, não foi tomada pelos apóstolos, mas por alguns dispersos que “eram de Chipre e de Cirene.” Como sabemos, grande tribulação ou perseguição se levantou contra toda a Igreja, naquela ocasião. Alguns daqueles que foram dispersos foram, não somente para as “regiões da Judéia e Samaria”, mas também se dirigiram para a Fenícia, para a ilha de Chipre e para a metrópole de Antioquia. (Havia apenas duas cidades mais importantes do que Antioquia da Síria: Roma e Alexandria, no Egito.) Os dispersos levaram a Palavra do Senhor a todos esses lugares, tendo, entretanto, o cuidado de pregar somente aos judeus. Então, que foi que fez com que esses crentes judeus pregassem também aos gentios? Talvez a notícia da obra de Pedro entre os gentios tenha chegado a eles.

Notemos que o sopro da perseguição em uma igreja sem o Espírito Santo apaga a luz, mas, com o Espírito, a luz brilha ainda mais. Foi justamente isso que aconteceu em Jerusalém.

Questionário:

1. Mostre como a perseguição contra a congregação cristã de Jerusalém, movida por Saulo, deu início ao trabalho cristão da Antioquia.
2. Que mudança houve na pregação daqueles que foram dispersos, depois da conversão de Comélio?
3. Por qual motivo a notícia do trabalho cristão de Antioquia se revestiu de tanta importância para os crentes de Jerusalém?

I. PRIMEIROS TRABALHOS DE BARNABÉ E SAULO (Atos 11:22-26)

A. *A Igreja Em Antioquia.*

O avivamento em Antioquia foi tão glorioso que a igreja em Jerusalém se perturbou e queria saber, por certo, se era realmente obra de Deus. Foi necessário que Barnabé viajasse mais de quatrocentos quilômetros, de Jerusalém até lá, para vê-la de perto.

B. *A Escolha De Barnabé:*

A escolha de Barnabé para visitar o trabalho cristão em Antioquia, certamente, foi a mais acertada possível. Barnabé era aquele que teve a coragem e fê necessárias para defender aquele (Saulo) de quem os outros só tinham suspeita e dúvida. O nome “Barnabé” quer dizer “filho da exortação” ou “filho da consolação” (Atos 4:36). O nome foi dado pelos apóstolos e era-lhe bastante honroso. Mudança de nome na Bíblia indica mudança de caráter. Encontramos em Barnabé o exemplo do homem que Deus chama de bom.

Quando esse homem chegou a Antioquia e foi apresentado a homens e mulheres convertidos ao Senhor, considerou-os como manifestações da “graça de Deus”. Sendo fiel ao significado de seu apelido – Filho da exortação – “exortava a todos que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor.”

Não foi suficiente que “muitos” se convertessem ao Senhor, também se tomou necessário que eles, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor.

A vida e exortação de Bamabé procediam da fonte verdadeira e o resultado foi que os ouvintes se uniram ao próprio Cristo, como o ramo é unido à videira, de onde recebe a seiva.

C. *O Trabalho Se Expande, E Barnabé Precisa De Um Ajudante:*

Parece que o número de pessoas convertidas ao Senhor aumentou em tais proporções que Bamabé sentiu necessidade de procurar um ajudante. Quem estaria qualificado para este serviço, senão Saulo, de Tarso? Tarso ficava a apenas alguns quilômetros de Antioquia.

Saulo considerou a solicitação de Bamabé para ir ajudá-lo em Antioquia como sendo a vontade de Deus, pelo que retomou para Antioquia, juntamente com Bamabé. Ali o trabalho crescia tão rapidamente que passaram um ano inteiro labutando juntos na congregação. Seu trabalho consistia em ensinar aos novos convertidos (veja 13:1).

D. *O Novo Nome:*

O nome “Cristão” (pequeno Cristo) é aqui, em Antioquia, usado pela primeira vez. Era muito próprio que, nessa altura dos acontecimentos, em que tanto judeus como gentios faziam parte da igreja, fosse dado um nome aos discípulos pelo qual todos eles pudessem ser conhecidos. O povo em Antioquia apelidou os discípulos com aquilo que mais se salientava nas suas vidas: Era de Cristo que falavam, a Cristo cantavam e era Cristo que o povo via em suas vidas.

Questionário:

- 1) Por que a escolha de Bamabé foi feliz?
- 2) Em que se ocuparam Bamabé e Saulo durante um ano, enquanto labutavam na congregação de Antioquia?
- 3) Quem deu o nome “cristão” aos discípulos?
- 4) Por que esse nome foi dado em ocasião bem apropriada?

II. UMA GRANDE FOME É PREDITA (Atos 11:27-30)

Depois daquele produtivo ano de atividades cristãs na igreja de Antioquia, os crentes foram visitados por profetas vindos de Jerusalém. Quando se reuniram, levantou-se um dos profetas, por nome Ágabo, o qual, falando por impulso do Espírito do Senhor, predisse grande fome que deveria afetar todo o mundo habitado.

Lucas, que escreveu sobre esse evento alguns anos mais tarde, afirma em seu registro sagrado que essa fome realmente ocorreu nos dias de Cláudio, imperador da época. Também conta o historiador Josefo, nas "Antiguidades Judaicas" que muitos habitantes da Judéia morreram dessa fome.

Logo que os profetas tomaram conhecida a fome próxima, os irmãos de Antioquia pensaram nos outros cristãos. Os primeiros a sofrer as conseqüências de uma "fome" eram os habitantes da Judéia. O terreno da Judéia não era suficientemente fértil para suprir as necessidades de todos aqueles que viviam dentro de seus limites. Essas eram as condições que prevaleciam durante todo o tempo; que seria, então, por ocasião de uma "fome"? Visto que a ocasião da celebração da páscoa estava próxima, muitos habitantes da Judéia iriam para Jerusalém. Alguns desses, pois, levaram ofertas voluntárias, e a congregação enviou aquela oferta, pelas mãos de Bamabé e Saulo, aos anciãos da igreja em Jerusalém. Foram constrangidos pelo amor divino que ardia na Igreja Primitiva.

Questionário:

- 1) Quem foi Cláudio?
- 2) Quem profetizou que haveria em breve uma grande fome no mundo?
- 3) Com qual propósito Bamabé e Saulo foram a Jerusalém nessa ocasião?
- 4) Por que era necessário enviar socorro aos crentes da Judéia, uma vez que a fome atingira o mundo inteiro?

A PERSEGUIÇÃO

Atos 12:1-25

I. A PERSEGUIÇÃO MOVIDA POR HERODES; A MORTE DE TIAGO E O APRISIONAMENTO DE PEDRO (Atos 12:1-19):

A. *A Perseguição Instigada Por Herodes:*

Lucas interrompe a narração da viagem dos dois emissários — Bamabé e Saulo — a Jerusalém, e volta sua atenção à igreja que ali havia, a fim de proporcionar-nos a oportunidade de compreender as suas condições. Era o ano 44 d.C. e Herodes Agripa I havia acabado de ser empossado como rei de diversas províncias. Ele recebeu esta posição devido à amizade existente entre ele e o Imperador Calígula. O rei da Judéia estava encarregado da difícil tarefa de governar como romano, agradando, ao mesmo tempo, aos judeus. Ora, os cristãos, ou a igreja, bem serviam para cumprimento de seus propósitos: poderiam maltratá-los, agradando aos judeus, sem quebrar qualquer lei romana. O plano de Herodes era “prender alguns da igreja para os maltratar”. Sua intenção era atingir os líderes do movimento cristão. Tiago, irmão de João, foi a primeira vítima. Lucas não fala de qualquer julgamento; há apenas a declaração direta de que ele foi passado ao “fio da espada”. (versículo 2).

B. *Motivo Da Perseguição:*

Herodes deu início à perseguição contra a Igreja, por motivos puramente políticos. Visto que Herodes era meio-judeu, tais ações davam a impressão de que ele simpatizava com as crenças judaicas. No momento em que Pedro foi preso, nenhuma execução poderia ser feita, pois haviam começado os “dias dos pães asmos”.

C. *Prisão De Pedro:*

Pedro, portanto, foi posto debaixo de vigilância especial, na prisão do rei. Foram tomadas todas as providências para que ele não pudesse escapar, como anteriormente (Atos 5).

D. *Pedro É Milagrosamente Solto:*

Todavia, enquanto os dezesseis soldados se revezavam em sua vigilância sobre Pedro, havia outros seres humanos que clamavam constantemente a um Poder maior que o do rei Herodes, pedindo a libertação de Pedro (versículo 5). Essas reuniões eram levadas a efeito na casa de Maria, mãe de João Marcos. No cárcere, Pedro ficava acorrentado a dois homens, enquanto outros dois montavam guarda à porta.

O sétimo e último dia dos pães asmos estava para terminar, e no dia seguinte Herodes tencionava trazer Pedro à presença dos judeus, a fim de matá-lo. O próprio Pedro, entretanto, não estava preocupado sobre o provável resultado de seu aprisionamento.

Sua mente e coração estavam descansados no Senhor. Poucas horas antes de ser apresentado perante um assassino no poder, estava entregue ao sono. Mesmo quando o anjo apareceu, ele não acordou!

Evidentemente, os dois guardas também estavam tomados de profundo sono, os seus olhos foram mantidos fechados. Foi necessário que o anjo tocasse no lado de Pedro para que ele se acordasse.

Pedro seguia as instruções do anjo sem fazer qualquer comentário, como se estivesse em transe. Pareceu-lhe tratar-se de uma visão. As últimas palavras do anjo, foram: "Põe a tua capa, e segue-me". A última parte da última frase do anjo foi apenas enfática, pois ele já se havia vestido de todas as suas vestes. O anjo lhe disse em essência: "Põe tuas vestes para saíres à liberdade, e segue-me".

Como já dissemos, Pedro agia como um sonâmbulo, como se não estivesse realmente seguindo as instruções do anjo. Provavelmente os dois guardas aos quais Pedro estivera acorrentado

correspondiam à metade da guarda que tinha por obrigação vigiá-lo durante três horas. O fato de ele e o anjo terem sido capazes de passar pelos outros dois guardas – “a primeira e a segunda sentinelas” – sem serem percebidos, deixa claro que deve ter havido alguma providência divina para que tal coisa pudesse acontecer.

Agora só havia uma barreira entre Pedro e as ruas de Jerusalém – o portão de ferro da prisão, o qual se abriu misteriosamente, permitindo que os dois passassem. O anjo ficou ao lado de Pedro, até que eles “enveredaram por uma rua”. Provavelmente, isso se refere à distância de alguns quarteirões até eles chegarem à rua onde morava Maria.

Quando o anjo o deixou, Pedro “considerou a sua situação”. Enquanto o anjo estava em sua companhia, tudo lhe parecia bom demais para ser real. Agora, entretanto, podia regozijar-se na inquestionável realidade.

1. O livramento de Pedro:

A história de Pedro é uma maravilhosa ilustração do que Deus faz quando liberta o pecador do pecado. Esta passagem das escrituras nos proporciona uma maravilhosa mensagem:

- a. A condição do pecador, é descrita pela condição de Pedro na ocasião, preso por cadeias;
- b. Primeiro uma luz brilhou;
- c. O anjo tocou o lado de Pedro (talvez próximo ao coração) – isto fala de convicção.
- d. Foi dito que Pedro se levantasse – isto ele tinha que fazer, antes de qualquer outra coisa;
- e. Então as cadeias caíram-lhes das mãos.
- f. Agora, foi dito a Pedro:
 - 1) Cinge-te
 - 2) Calça as tuas sandálias
 - 3) Põe a tua capa
 - 4) E segue-me.
- g. O portão abriu-se automaticamente.

h. Finalmente, Pedro estava apto para dizer: “AGORA SEL”

O que Pedro faria, agora que estava livre? Esse foi o seu pensamento, enquanto se achava nas escuras ruas de Jerusalém. Mas Pedro considerou muito bem quais deveriam ser seus passos e se encaminhou para a casa de Maria.

A jovem criada, Rode, que veio atender à porta, certamente tinha ouvido a voz de Pedro muitas vezes, tanto em orações como em pregações. Ficou tão cheia de regozijo que, em lugar de abrir a porta imediatamente, voltou correndo, para anunciar que Pedro estava à porta.

Ficamos um tanto chocados com a estranha incredulidade daqueles crentes que haviam orado tanto para a libertação de Pedro, mas que, quando suas orações foram atendidas, não se sentiam dispostos a aceitar o fato. Talvez a incredulidade deles não se devesse tanto à libertação de Pedro, mas sim ao modo pelo qual ele estava ali, solto.

Aqueles crentes ofereceram duas explicações à espantosa mensagem de Rode:

1. “Estás louca”. Mas, como ela insistisse com energia, disseram:
2. “É o seu anjo”. Que os anjos estão associados às vidas dos santos de Deus, pode ser observado pela simples leitura de Hebreus 1:14. Foi a essa associação que os discípulos se referiam ao exclamar: “É o seu anjo”.

Mas, a dúvida passou imediatamente, quando as batidas de Pedro, na porta, e sua própria voz se fizeram ouvir. Saíram para recebê-lo, mas, antes que pudessem dizer uma só palavra, Pedro lhes fez sinais para que se conservassem quietos, e lhes explicou o que havia acontecido. Acrescentou: “Anunciai isto a Tiago e aos irmãos”. Então, sem dizer para onde ia, partiu. Assim, os discípulos poderiam dizer, com toda verdade, que não sabiam para onde ele tinha ido.

II. O DISCURSO DE HERODES EM CESARÉIA E SUA MORTE (Atos 12:20-25):

Herodes, pois, partiu para Cesaréia; ali, depois de portar-se como orgulhoso juiz dos habitantes de Tiro e de Sidom, encontrou-se com a morte.

Depois de pouco tempo em Cesaréia, chamou à sua presença alguns indivíduos de Tiro e Sidom. Havia séria divergência entre Herodes e os habitantes daquelas cidades. Mas eles conseguiram conquistar a amizade do camarista do rei.

Chegado o dia do encontro, como não se tratava de caso de pouca monta. Herodes se preparou, em suas vestes mais esplendorosas. Pomposamente, tomou seu lugar no trono de julgamento. O rei havia preparado um discurso, a fim de impressionar o povo com sua posição e autoridade. O povo clamava: “É a voz de um deus, e não de um homem.”

Devemos lembrar que Herodes era meio judeu. Pela história, aprendemos que ele era versado em todos os costumes e leis dos judeus. Tomando isso em consideração, concluímos que Herodes foi ferido pelo Senhor, porque agiu contra a verdade que conhecia, deixando-se idolatrar pelos habitantes de Cesaréia.

Apesar de todos os atos de violência e oposição, a palavra foi achando lugar em um número cada vez maior de corações, e cada dia via a multiplicação dos membros do corpo de Cristo (versículo 24).

II. RETORNO A ANTIOQUIA (Atos 12:25):

Então, os dois servos do Senhor retomaram a Antioquia, depois de entregarem as ofertas que lhes haviam sido confiadas, levando consigo, também, a João Marcos como auxiliar.

Questionário:

- 1) Qual a provável data da morte de Tiago?
- 2) De que modo os cristãos poderiam servir aos propósitos de Herodes?

- 3) Por qual motivo Pedro não pôde ser morto com a mesma urgência com que o foi Tiago?
- 4) Onde é que os crentes se reuniram, a fim de orar por Pedro?
- 5) Que fez o anjo para acordar Pedro?
- 6) De que modo a fê e a humildade de Pedro foram demonstradas em seu aprisionamento?
- 7) Como é que Pedro e o anjo puderam passar tão facilmente pelos guardas?
- 8) Em que nos baseamos para afirmar que Herodes agiu contra seu conhecimento e consciência, ao aceitar a adoração do povo?

PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA

Atos 13

I. OS LÍDERES DA CONGREGAÇÃO (Atos 13:1-3):

Lucas dá início a esta porção do seu tratado como se fosse o princípio de uma narrativa separada. Embora faça parte do todo, poderíamos começar lendo o livro de Atos a partir do capítulo 13, versículo 1, como se fosse uma história completa em si mesma.

A propagação da mensagem da salvação, até aos confins da terra, começa da metrópole de Antioquia da Síria, tendo por figuras principais dois líderes daquela congregação cristã.

NOTA: Antioquia da Síria, foi fundada no ano 300 a.C. Estava situada em uma curva do Rio Orontes, mais ou menos a vinte cinco quilômetros de distância do mar. Na desembocadura do rio, estava o porto marítimo de Selêucia.

Saulo é colocado em último lugar, na lista de cinco nomes; provavelmente isso tinha a ver com a ordem da importância.

II. AS INSTRUÇÕES DO ESPÍRITO SANTO (Atos 13:2):

Os líderes da congregação cristã de Antioquia estavam ativamente ocupados no trabalho do Senhor. Pois, estavam “servindo ao Senhor e jejuando”. Enquanto assim ocupados, o Espírito Santo falou a Simeão, Lúcio e Manaém, a respeito de Bamabé e Saulo.

Aqui está a confirmação do chamado de Saulo (veja Atos 9:15). Que Deus havia chamado a Saulo antes disso, temos toda a certeza. Quando, porém, o Senhor falou a Bamabé sobre o assunto, não sabemos; só podemos ter certeza de que Ele o fez.

III. BARNABÉ E SAULO SEPARADOS PARA O TRABALHO (Atos 13:3):

A cerimônia descrita no versículo três é a cerimônia geralmente denominada de “ordenação”. Que houve uma separação formal, não pode ser negado. Consideremos os fatos:

- a. Os selecionados devem ser homens qualificados; homens que já estejam ocupados no serviço do Senhor.
- b. Devem sentir e admitir que Deus os chamou para essa tarefa.
- c. A congregação local, por intermédio dos anciãos, os separa para o serviço divino.
- d. O jejum e as orações devem preceder à cerimônia.
- e. As mãos dos anciãos, aqui chamados de “profetas e mestres”, são impostas sobre os escolhidos.
- f. Os escolhidos são enviados com uma tarefa definida a cumprir.

IV. EM SELÊUCIA (Atos 13:4):

A. *O Porto De Mar De Antioquia, De Onde Foram Para Chipre:*

O Espírito Santo dirigiu tudo quanto foi feito, pelo que podemos afirmar que “enviados, pois, pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia”. Como deviam sair da Síria, sua primeira parada foi nesse porto de Antioquia, chamado Selêucia. Esse lugar ficava cerca de 25km de Antioquia. As montanhas de Chipre podiam ser vistas da costa da Síria. João Marcos foi levado por Barnabé e Saulo como, seu ajudante.

No porto de Selêucia, encontraram um navio, no qual velejaram para a ilha de Chipre. Esta ilha mede aproximadamente duzentos e vinte e cinco quilômetros de comprimento por noventa e sete de largura. Estava noventa e seis quilômetros a oeste da Síria e, nessa época, era densamente povoada. Era o lugar onde Barnabé morava anteriormente.

V. EM SALAMINA (Atos 13:5):

A. *Pregam Nas Sinagogas:*

Salamina ficava na costa de Chipre. Havia na cidade um bom número de judeus, e suas sinagogas podiam ser encontradas através da cidade. Naquele tempo, Salamina era um lugar importante; era de Salamina que a parte leste da ilha era governada.

Que resposta tiveram os judeus para com a Palavra de Deus? Nenhuma palavra definida é dada sobre a questão, mas parece-me que, se tivesse havido algum resultado tangível, isso seria mencionado. A estadia ali deve ter-se prolongado por vários dias.

B. *João Marcos Era Seu Auxiliar:*

A primeira menção da presença de João Marcos é feita neste ponto, embora conforme já ficou dito, ele tenha acompanhado a Barnabé e a Saulo, desde que saíram de Jerusalém (12:25), tendo, sem dúvida alguma, velejado de Selêucia.

Questionário:

- 1) Quantos eram os missionários e quais os seus nomes?
- 2) Qual a atividade dos missionários em Salamina?

VI. EM PAFOS (Atos 13:6-12):

A. *Através Da Ilha Inteira:*

O passo seguinte dos evangelistas foi uma viagem de quase duzentos quilômetros. As palavras do texto: "Havendo atravessado toda a ilha" permite-nos concluir que eles pararam em diversas localidades, onde pregaram a boa mensagem, até chegarem a Pafos. Talvez tenham até visitado o trabalho cristão prévio, já existente na ilha (veja 11:19).

Questionário:

- 1) Qual a distância entre Salamina e Pafos?
- 2) Que significa "tendo atravessado toda a ilha"? Que sugere esta expressão?

A cidade de Pafos era de tamanho considerável, pois era a capital da ilha. O procônsul, ou seja, o governador nomeado pelo Senado romano, era Sérgio Paulo. Barjesus estava intimamente associado com Sérgio Paulo. O governador, entretanto, era homem inteligente e estava procurando compreender a Palavra do Senhor. Visto que Barjesus era judeu, certamente estava combinando seus conhecimentos sobre a religião judaica com as mágicas, a fim de garantir a posição de que gozava.

Quando Elimas (forma grega da palavra árabe que significa “sábio”) percebeu a missão de Saulo e Bamabé; compreendeu que, se não pudesse derrotá-los, estaria em risco sua influência e posição.

B. *A Repreensão E Milagre De Paulo:*

Nesta ocasião Saulo tomou a frente da questão. Até então, tanto ele como Bamabé estavam falando. Agora, entretanto, Saulo, movido pelo Espírito Santo, falou, a fim de executar a vontade de Deus na forma de um milagre. Através da inspiração do Espírito de Deus, Saulo desvendou o verdadeiro caráter do pervertido judeu (vers. 10).

C. *O Resultado Desse Incidente Sobre O Procônsul:*

O mágico procurou dar outro sentido às palavras de Bamabé e Saulo, dessa maneira pervertendo a verdade. A razão para uma repreensão tão severa pode ser facilmente percebida no fato de que o indivíduo repreendido falava contra sua própria consciência. O propósito da repreensão foi o de salvar o procônsul Sérgio Paulo do erro. A punição teve a intenção de dar significado e poder à repreensão. O resultado procurado foi conseguido (versículo 12).

Questionário:

- 1) Que posição especial tinha a cidade de Pafos na ilha?
- 2) Quem era e por quem era nomeado o procônsul?
- 3) Que significa o nome “Elimas”?
- 4) Qual a razão para a severidade da repreensão recebida por Elimas?

VII. EM PERGE (Atos 13:13)

Paulo agora toma a liderança na causa de Cristo. Note o versículo 13, “...Paulo e seus companheiros...”

A cidade de Perge é localizada a poucos quilômetros da costa da Ásia Menor, na província da Panfília. Desse local, João Marcos resolveu retomar para Jerusalém. O incidente desagradou imensamente ao apóstolo Paulo, e foi o motivo do desacordo ocorrido mais tarde, entre ele e Bamabé. Entretanto, não devemos concluir que Marcos tenha falhado para sempre, pois mais tarde foi aceito no favor de Paulo novamente (Colossenses 4:10; II Timóteo 4:11).

VIII. EM ANTIOQUIA DA PISÍDIA (Atos 13:14-52)

A. *Na Sinagoga, Paulo Faz Seu Primeiro Sermão:*

As sinagogas, em quase todas as cidades aonde chegavam os missionários cristãos, eram como que pontos de partida para a pregação do evangelho. A Palavra de Deus deveria ser pregada “primeiro aos judeus”, e era justamente nas sinagogas que podiam ser encontrados judeus devotos.

Nota: Existe mais de uma Antioquia.

Era costume, naquele tempo, convidar os judeus visitantes a dizer alguma coisa para os presente, visto que, não somente seriam capazes de fornecer alguma lição instrutiva aos ouvintes, como também poderiam dar notícias sobre as condições gerais da Palestina.

Paulo aceitou imediatamente o convite e se levantou para falar. (Jesus também fazia assim) Paulo usa o mesmo método demonstrativo empregado por Estevão, Pedro e Filipe – provas das Escrituras do Antigo Testamento. A introdução do apóstolo Paulo é bastante semelhante à usada por Estevão.

Aqui temos um breve esboço da mensagem:

1. Tema: Jesus de Nazaré é o Ungido de Deus.

2. **Introdução: Versículos 16-22**

3. Essa introdução foi dada pelo apóstolo Paulo, a fim de atrair a atenção e o interesse, bem como criar uma ambiente favorável para o tema que se seguiu.

4. Os judeus de Antioquia da Pisídia ficaram sabendo que Paulo era bem versado na história de Israel, ao mesmo tempo que seguiam a narrativa com grande interesse e orgulho.

5. **Proposição:**

Algumas razões pelas quais sabemos que Jesus de Nazaré é o Ungido de Deus, o Salvador de Israel.

O Pensamento da proposição é apresentado no versículo 23. Paulo sabia que, quando falasse no rei Davi, poderia também falar na “semente de Davi” o que o traria ao tema do seu discurso.

a. O testemunho de João Batista e dos profetas (24-29)

b. O testemunho da ressurreição, (30-37)

c. A conclusão (38-41).

1) É por intermédio desse que se pode achar remissão de pecados, (38).

2) A admoestação (40, 41).

B. *O Desejo De Ouví-Lo No Sábado Seguinte: (Versículo 42)*

Houve os que recusaram aceitar a mensagem da vida eterna, mas alguns ficaram interessados. Não haviam compreendido a mensagem perfeitamente, mas havia algo que os fazia desejar conhecer mais.

C. *O Grande Ajuntamento No Sábado Seguinte: (Versículo 44)*

Ao chegar o sábado seguinte, o interesse sobre as boas novas havia crescido de tal maneira que quase toda a população da cidade se reuniu na sinagoga.

Quando os judeus, chefes da sinagoga, perceberam que um número cada vez maior dos habitantes da localidade se reuniam na

sinagoga, chegando ao ponto de rodeá-la, o temor e o ciúme penetraram em seus corações.

D. Os Apóstolos Se Voltam Para Os Gentios, Com Bons Resultados:

Os missionários se haviam dirigido, durante todo o tempo, aos judeus, mas agora lhes foi dito, em termos inequívocos, que eles estavam abusando de um privilégio. Deus decretará que os judeus deveriam ser os primeiros a ouvir a boa mensagem, mas agora só havia uma alternativa, em vista de os judeus terem-na rejeitado; e, contudo, eles deviam saber qual era essa alternativa – “eis que agora nos volvemos para os gentios.” (versículo 46).

A citação das palavras do profeta (versículo 47), foi recebida com grande alegria pelos gentios. Nos corações daqueles gentios surgiram louvor e adoração a Deus, por causa da esperança que lhes fora dada em Sua Palavra.

E. A Perseguição E Partida Daquela Cidade:

Os chefes da sinagoga eram homens de real autoridade sobre todos os assuntos religiosos. Por mais falsas e baixas que as suas objeções tenham sido, o fato é que suas palavras foram atendidas.

*F. A Alegria Dos Discípulos, A despeito Das Dificuldades :
(Versículo 57)*

Apesar de todas as dificuldades, os discípulos “transbordavam de alegria e do Espírito Santo”.

Questionário:

- 1) Por que o evangelho tinha que ser pregado ao judeu primeiro?
- 2) Qual o tema da mensagem de Paulo?
- 3) A introdução usada por Paulo se assemelhou à introdução empregada por quem?
- 4) Qual o verdadeiro motivo das objeções dos chefes da sinagoga?
- 5) Quais as palavras do profeta Isaias, cumpridas nessa ocasião?

PAULO E BARNABÉ EM ICÔNIO, LISTRA E DERBE

Atos 14

I. EM ICÔNIO (Atos 14:1-6)

O Senhor honrou e confirmou a mensagem dos missionários em Icônio com sinais e maravilhas. Toda a cidade foi sacudida pela mensagem da graça de Deus.

O segredo de tão grande colheita de almas em Icônio foi a maneira como Paulo e Barnabé falaram, isto é, a "...demonstração do Espírito e poder". Isso certamente não quer dizer que falaram sem mansidão, nem amor e sabedoria.

Infelizmente, entretanto, as pessoas achavam-se divididas em dois grupos, mais ou menos iguais, um a favor dos apóstolos e outro contra. Esse fato teve apenas o efeito de fazer com que os missionários se esforçassem mais ainda. Mas, quando chegou aos seus ouvidos que havia um plano para ultrajá-los e apedrejá-los, do qual participavam, não somente os judeus incrédulos e invejosos, mas também os gentios e suas próprias autoridades civis, foram obrigados a retirar-se sem demora. A província seguinte onde penetrou a Palavra do Senhor, foi a da Licaônia.

Versículo 6 – Convém a um missionário comportar-se desta maneira? Obviamente, isto depende das circunstâncias. Às vezes, é melhor buscar o abrigo, para continuar a obra depois de passar o perigo. Neste caso de Paulo e Barnabé, eles não fugiram porque eram medrosos. Lembre-se que Pedro fugiu, após escapar da prisão pela segunda vez.

II. EM LISTRA (14:8-19)

Aconteceu que, numa ocasião em que Paulo estava pregando, havia um aleijado entre a audiência, o qual estava destinado a ser objeto do poder de Deus. Estando ele a ouvir, exerceu fé na mensagem que lhe estava sendo dita. Provavelmente Paulo, no curso de sua pregação, falou sobre os milagres que Deus fizera por

intermédio de Jesus Cristo e das mãos dos apóstolos, em ocasiões semelhantes. Ao ver o inválido sentado e cheio de atenção, fixou nele os olhos e, vendo que possuía fê para ser curado, disse em alta voz: “Apruma-te direito sobre os pés”. E “ele saltou e andava”.

Lembremos que este homem era: 1) aleijado; 2) paralítico desde o ventre de sua mãe; 3) nunca tinha andado!

A. *A Multidão Os Adora Como Se Fossem Deuses:*

As pessoas simples e ignorantes, gentios na sua totalidade, imediatamente encontraram uma explicação que lhes parecia plausível para o acontecimento. Como poderia ter sucedido um fenômeno daqueles? Não podia provir de homens, apesar dos missionários serem e parecerem homens. A conclusão deles foi que eles eram deuses; mas, que deuses?

Os únicos deuses que os habitantes de Listra conheciam eram os deuses gregos, pelo que começaram a imaginar que podiam ver nos rostos dos dois alguma aparência com Júpiter e Mercúrio.

A notícia foi levada ao sacerdote de Júpiter. Logo trouxeram touros e gñinaldas; levaram-nos para as portas da cidade. Visto que os gritos de louvor e adoração do povo eram em língua Licaônica, os apóstolos não puderam compreender perfeitamente tudo quanto estava acontecendo.

Mas, ao compreenderem, imediatamente rasgaram suas vestes, para mostrar sua indignação, e, em seguida, correram para o meio da multidão, até que puderam aproximar-se do sacerdote. Então Paulo resolveu aproveitar a oportunidade, não somente para corrigir suas falsas concepções, mas também para proporcionar-lhes uma mensagem do verdadeiro Deus.

Notemos que, enquanto o povo os vaiava, insultava, maltratava, os apóstolos permaneciam calmos, suportando tudo. Mas, quando queriam endeusá-los, os apóstolos “rasgaram os seus vestidos e saltaram...” O anelo dos corações dos fiéis servos de Deus e o alvo das suas vidas é converter o próximo, dessas vaidades para o Deus vivo.

Apesar de todas as palavras de repúdio e das explicações, “foi ainda com dificuldade que impediram as multidões de lhes oferecer sacrifícios”.

Como a opinião pública e instável! A mesma multidão que estava pronta para adorar e sacrificar touros aos dois, em um dia, no dia seguinte, se prontificou a apedrejar aqueles que antes consideravam verdadeiros deuses.

Os instigadores da multidão que apedrejou Paulo foram os judeus de “Antioquia e Icônio”. Certamente conseguiram persuadir as multidões de que os dois missionários não passavam de emissários do maligno.

Certamente, Paulo ficou tão cheio de equimoses e aranhaduras que julgaram-no morto, e possivelmente morreu mesmo. Alguém pegou em seu corpo moído e o lançou fora da cidade, e ali jazia ele, mas os crentes o rodearam, oraram, e Paulo se levantou.

Questionário:

- 1) Qual a necessidade de deixar Icônio?
- 2) Que levou o aleijado a ter a esperança de ser curado?
- 3) Mostre o maravilhoso poder de Deus na cura do aleijado.
- 4) Que houve de inesperado na reação dos habitantes de Listra? E qual o motivo dessa reação?
- 5) Por que Paulo e Barnabé não compreenderam imediatamente o que estava acontecendo?

III. EM DERBE (14:20-21):

Paulo, apesar do apedrejamento sofrido, partiu no dia seguinte para Derbe, que ficava a aproximadamente cinquenta quilômetros de distância. Não perdeu um dia em evangelizar. O negócio de nosso Pai é urgentíssimo. Muitos discípulos se uniram à nova fé em Derbe, tendo, dessa forma, sido organizada outra congregação cristã composta de ex-pagãos.

IV. LISTRA, ICÔNIO E ANTIOQUIA (14:21-23):

Havia outro caminho, mais curto, para voltar a Antioquia, pela cordilheira Tauro. Mas voltaram pelo caminho mais longo, pelos lugares de apedrejamento e de sofimentos, pelas mãos de seus semelhantes. É tão importante confirmar os santos como converter os pecadores. Aqui tratava-se da necessidade dos filhos que eles haviam gerado no evangelho.

V. A TRAVÉS DAS PROVÍNCIAS DA PISÍDIA E DA PANFÍLIA, PERGE, ATÁLIA E ANTIOQUIA DA SÍRIA

Depois de haverem confirmado os santos em Antioquia da Pisídia e apontado anciãos para cada congregação cristã, atravessaram novamente os duzentos e tantos quilômetros de terreno difícil que se estendia por Antioquia e Perge.

Os estreitos caminhos montanhosos só estariam abertos pelos meados de maio, pelo que deve ter sido mais ou menos por essa época que Paulo e Barnabé deram seu último adeus aos irmãos de Antioquia da Pisídia e se dirigiram para Perge, onde parece que ficaram bastante tempo, pregando a Palavra do Senhor.

Por fim, desceram à Atália e, dali, navegaram para Antioquia. Tinham chegado da primeira viagem missionária da Igreja Cristã e estavam tão ansiosos em relatar os acontecimentos, quanto os membros da igreja de os ouvirem contar o que Deus fizera. É no livro dos Atos que se conta o começo de outra grande época. Essa não é apenas a época da graça, nem só da Igreja, mas também dos gentios. Sem dúvida alguma, a notícia de que Deus abria a porta para a pregação do Evangelho entre os gentios foi recebida sem qualquer oposição. Muitos membros dessa igreja eram gentios e, desde o princípio, aquela congregação ficou sabendo que os gentios também podiam participar das bênçãos das boas novas da salvação. E, assim, foi concluída a primeira viagem missionária do apóstolo Paulo.

Questionário:

1. Explique os versículos 26-28 com suas próprias palavras.

DIFICULDADES SOBRE A CIRCUNCISÃO E O CONCÍLIO EM JERUSALÉM

Atos 15:1-35

I. FALSOS MESTRES PERTURBAM OS CRISTÃOS (15:1)

Nos é realmente muito difícil calcular a importância que a lei tinha para os judeus. Que significaria para um judeu deixar de lado a lei divina que, por tanto tempo reverenciava? Vamos citar um trecho do livro "Hours with the Bible" (Horas com a Bíblia), onde podemos encontrar melhor entendimento deste assunto:

"As religiões da antiguidade eram todas intensamente ritualísticas. Qualquer sacrifício ou atividade particular tinha como objetivo ganhar o favor dos deuses. Contudo, na esfera de suas vidas ordinárias, quase todas as raças se sentiam livres. Poderiam comer e beber segundo entendessem, misturar-se com seus semelhantes, desincumbir-se de suas tarefas diárias ou de suas obrigações sociais, sem qualquer interferência de seus respectivos sacerdotes. Porém, entre os judeus, bem como entre seus antigos patrícios da Mesopotâmia, ou entre os egípcios, com quem os judeus viverem durante séculos, antes do Êxodo, não somente cada detalhe religioso, mas igualmente cada minúcia particular da vida ordinária, estava sujeita às prescrições religiosas, pois eram cridas como divinas; sentiam-se, assim, na obrigação de obedecê-las, sob pena de incorrerem em perigo de ofender, e até de insultar os poderes superiores".

Os judeus deviam trazer em suas pessoas as marcas dessas santas observâncias; deviam obedecer às intermináveis purificações, de natureza mais ou menos formal; deviam repetir algumas tantas bebidas, preparadas segundo certas formas prescritas, dessa maneira escravizando-se, do berço à sepultura, às tradições sagradas. Deviam fazer certas peregrinações com datas determinadas, vindos de qualquer país, por mais distante que fosse, até o santuário de Jerusalém, a fim de satisfazer aquilo que julgavam ser exigências de Jeová.

Entre as raças ocidentais, Paulo discutia pontos de doutrina, tais como a ressurreição ou a imortalidade, ou as condições de justificação perante Deus, como também denunciava pecados grosseiros.

Na Palestina, entretanto, bem como entre todos os judeus, a questão principal era a posição dos convertidos não circuncidados, em relação à circuncisão. Poderiam eles ser salvos sem se tomarem, judeus, nem que fosse por este ritual? Poderiam ser salvos sem nada observarem da lei cerimonial judaica? Seriam os convertidos dos gentios aceitos por Deus, mesmo que vivessem sem reconhecer e praticar tais ritos e cerimônias?

Havia indivíduos na congregação cristã de Jerusalém que não somente ensinavam que não era possível que os gentios convertidos ao cristianismo se salvassem, caso não fossem circuncidados e guardassem a lei de Moisés, como também se sentiam na obrigação de ensinar a sua opinião aos outros. Evidentemente, a notícia dos resultados da primeira viagem missionária chegara aos ouvidos de tais indivíduos em Jerusalém.

Desta vez, aqueles que deixaram Jerusalém, a fim de visitar Antioquia, não foram enviados pelos apóstolos, mas fizeram, por sua própria determinação, o propósito de representá-los. "Assim, se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podereis ser salvos". Notemos que Paulo praticou a circuncisão como medida de expediente (16:1,2), mas, quando se ensinava que a circuncisão fazia parte da salvação, resistia sempre tenazmente, não se submetendo "nem ainda por uma hora".

No pacífico e feliz ambiente da congregação cristã de Antioquia, surgiu, trazida pelos falsos irmãos que vieram de Jerusalém, o fermento da dissensão e do partidarismo. Era mais que natural que Paulo e Barnabé defendessem sua posição, porém, nenhuma conclusão foi alcançada.

II. PAULO E BARNABÉ ENVIADOS A JERUSALÉM

A mente de Paulo ficou grandemente perturbada sobre essa dificuldade. Só havia uma coisa a fazer, e era ir até à origem da

dificuldade. Por conseguinte, Paulo, o maior dos apóstolos, fez esta viagem de mais de oitocentos quilômetros, ida e volta, e talvez a pé, para conferir com homens de menos instrução e compreensão; com homens que pensavam que ele seguia um caminho errado e que desejava perturbá-los o mais possível!

Foi decidido que alguns outros fossem em companhia de Paulo e Bamabé, mas Tito é o único a ser mencionado pelo nome (Gálatas 2:3).

III. SUA RECEPÇÃO EM JERUSALÉM (15:4, 5):

Observemos cuidadosamente as ações do grupo enviado, ao chegar em Jerusalém: Primeiro, toda a assembléia se reuniu com os apóstolos e anciãos, e a questão foi exposta para todos eles. As exigências do partido da circuncisão foram claramente feitas, e a posição de ambos os grupos contrários estava bem clara. A assembléia foi desmanchada e a questão foi deixada para que a decidissem aqueles que tivessem autoridade.

IV. O DISCURSO DE PEDRO (15:6-11):

Os apóstolos e anciãos se reuniram, a fim de considerar a questão. Nessa reunião privada, houve mais alguns debates, provavelmente entre Paulo e Bamabé e os anciãos.

O apóstolo da circuncisão (Pedro) falou, nesta ocasião, sobre um assunto já tratado por ele alguns anos antes, perante, provavelmente, alguns daqueles que o ouviram da primeira vez. Ele não se havia esquecido da lição que o Senhor lhe dera, quando estava em Jope e em Cesaréia. Além disso, declarou, nesta ocasião, que o próprio Deus e escolhera, entre os apóstolos, para que os gentios ouvissem o evangelho de sua boca. No ponto principal da palavra de Pedro, é como se ele tivesse dito:

“Se agora exigis que os gentios sejam circuncidados e guardem a lei de Moisés, estareis reconhecendo que não destes crédito a Deus quando Ele concedeu Seu Espírito a Comélio, ou que não estais dispostos a aceitar a Sua própria decisão”. Pedro chama isso de “tentar a Deus”. Em adição a isso, pergunta-lhes: “Por que

pôr sobre a cerviz dos discípulos um jugo da que nem eles mesmos suportavam?” E, como prova final, Pedro lembra aos judeus que, em vista de sua incapacidade de guardar a lei de Moisés, todos eles tiveram que ser salvos “pela graça do Senhor Jesus”.

Isso silenciou a assembléia. Nada mais podia ser dito, em face da inestrítica lógica das palavras de Pedro; e, especialmente, levando em consideração que, antes desta oportunidade, os crentes da circuncisão haviam dado glórias a Deus por causa da conversão da incircuncisa família de Comélio.

V. PAULO E BARNABÉ RELATAM SEU TRABALHO:

Em meio ao silêncio, Paulo e Barnabé relataram novamente, de forma detalhada, os milagres e maravilhas que Deus lhes concedera operar entre os gentios pagãos, em confirmação do evangelho. A ênfase aqui feita sobre os milagres e maravilhas operadas por Deus tinha por finalidade confirmar as palavras de Pedro, isto é, se Deus estava assim trabalhando por intermédio dos apóstolos, enquanto estes levavam a boa mensagem aos pagãos, é porque, certamente, Ele não estava contra as atividades daqueles homens, mas bem pelo contrário, demonstrava Sua aprovação.

VI. O DISCURSO DE TIAGO (15:13-21):

A questão chegou finalmente a sua decisão final. Essa foi proferida por Tiago, irmão do Senhor Jesus. Nos parece que ele era líder da igreja em Jerusalém.

Quando todos fizeram silêncio, dando ouvidos às palavras que estavam sendo proferidas, Tiago disse: “Eis o meu julgamento. Acabastes de ouvir Pedro dizer como Deus visitou os gentios, tendo salvo alguns deles, a fim de serem seus... Sim, isso está de acordo com a profecia de Amós... Lembrai-vos da Profecia? Provavelmente, sim, mas não tendes prestado atenção à sua aplicação.” (Leia Amós 9:11).

Lemos a decisão de Tiago nos versículos 19-21. Os gentios conversos não deveriam ser obrigados a serem circuncidados, mas deviam abster-se das práticas idólatras, comuns entre os gentios, e,

também, não deviam comer carne de animais sufocados e sangue. Isto estava de acordo com a expressa ordem de Deus para todos os descendentes de Noé (veja Gênesis 9:3, 4).

O julgamento de Tiago não foi apenas a expressão de seu próprio coração, mas também de todos os corações que honestamente verificaram as evidências. Então, ficou perfeitamente esclarecido que nenhum dos gentios que se estavam convertendo a Deus, por meio da fé em Jesus, devia ser perturbado, nem com as leis, nem com as tradições judaicas.

A fim de que essa decisão fosse conhecida por todos, e também para que não houvesse posteriores dificuldades, motivadas pela mesma questão, deveria essa decisão ser posta em forma escrita. Nessa carta, segundo sugestão de Tiago, deveria haver instruções a respeito de alguns hábitos alimentares. E, também, condenava aqueles pecados óbvios, ligados à idolatria e à fomicação.

VII. A CARTA SOBRE A CIRCUNCISÃO (15:22-29):

Toda a congregação foi chamada pelos apóstolos e anciãos e, por sugestão dos líderes, foram escolhidos dois homens influentes entre eles: Judas, chamado Barsabás, e Silas, os quais foram enviados, na companhia de Paulo e Bamabé, para levarem a carta. E aqui temos a carta, o primeiro documento escrito da Igreja Apostólica, escrita sob inspiração do Espírito de Jesus... escrito com o propósito de unificar os crentes.

Questionário:

- 1) Por que a visita de Paulo a Jerusalém se revestiu de extrema importância?
- 2) Pedro já se havia dirigido mais ou menos ao mesmo grupo em ocasião anterior? Quando? Onde?
- 3) Qual o ponto principal do discurso de Pedro?
- 4) Mostre o ponto principal, o propósito, das declarações de Paulo e Bamabé sobre o trabalho feito por eles entre os gentios.
- 5) Quem era Tiago?
- 6) Por que logo todos concordaram com Tiago?

A SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA

Atos 15:36-40 e 16

I. DESACORDO ENTRE PAULO E BARNABÉ:

Os amigos mais íntimos e mais santos, às vezes, não concordam.

Não sabemos qual dos dois, se era Paulo ou Bamabé, que tinha mais razão. Certo é, porém, que Marcos foi aceito por Paulo depois (II Timóteo 4:11). E parece que Bamabé tinha razão em insistir que dessem a Marcos mais uma oportunidade, para provar a sua fidelidade, pois ele escreveu, depois, o segundo Evangelho.

Sem dúvida, a firmeza de Paulo contribuiu, tanto quanto a longanimidade de Bamabé, para restaurar o jovem Marcos à obra missionária.

Sabemos, também, que não ficou rancor no coração de Paulo ou de Bamabé, um contra o outro (I Coríntios 9:6; Colossenses 4:10). Há duas maneiras de separarmo-nos uns dos outros: uma, que deixa o coração árido, enfraquecendo todos os nossos esforços; a outra, como a separação de Paulo e Bamabé, que honra a vida dos dois e resulta em dois centros de santa influência e serviço revestido de poder do alto.

II. A VIAGEM A TRAVÉS DA SÍRIA E DA CILÍCIA (15:41)

Aqui temos uma daquelas breves descrições de Lucas, a respeito da palavra e das viagens do apóstolo Paulo. Que congregações podiam ser encontradas na Síria e na Cilícia? A resposta pode ser encontrada nos primeiros esforços de Paulo e Bamabé, bem como de alguns outros discípulos (14:19-21).

Sem dúvida alguma, enquanto Paulo esteve na Cilícia, em sua própria cidade natal, foram estabelecidas assembléias cristãs por meio de seus esforços.

E, assim, despedimo-nos de Bamabé. Estão desfaldadas as velas do barco que vai levá-lo, com seu sobrinho, Marcos, até a ilha

que a sua alma anseia alegrar com a mensagem de salvação. Sabemos dos acontecimentos de sua conquista missionária, na ilha de Chipre, somente ao assentarmos-nos com ele no reino dos céus.

Questionário:

- 1) Que foi que inspirou a segunda viagem missionária?
- 2) Por que Paulo e Bamabé, que por tanto tempo trabalharam harmoniosamente, subitamente entraram em desacordo?
- 3) João Marcos conseguiu redimir-se aos olhos de Paulo?
- 4) Mostre a mão de Deus em todos estes acontecimentos.

III. EM DERBE E LISTRA (16:1-3):

É nesta altura que Lucas registra a existência de certo servo do Senhor, por nome Timóteo. Ao observarmos sua vida e seu alto padrão como evangelista, podemos dizer como Paulo: “Porque a ninguém tenho de igual sentimento, que sinceramente cuide dos vossos interesses.” (Filipenses 2:20)

Versículos 2-3 – Antes de dizemos mais alguma coisa sobre estes versículos do capítulo 16, lembremo-nos que Paulo, poucos dias antes, havia tido acalorada discussão com Pedro sobre a questão da circuncisão, e que, poucos dias antes dessa desavença, havia ele retomado de um concílio que se reunira para resolver o mesmo problema.

Ora, agora encontramos as mãos de Paulo ocupadas na circuncisão. Pois ele circuncidou a Timóteo. Paulo, apesar de declarar-se inteiramente contra os judaizantes que obrigavam os recém-convertidos a serem circuncidados, apesar da carta do concílio em Jerusalém que declarava a desnecessidade da circuncisão, tomou a Timóteo e o circuncidou. Nisso se vê como Paulo, estando sempre contra a circuncisão, como necessária para a salvação, observou-a sem vacilar, com o fim de ganhar seus patícios, os judeus. Fez-se tudo para, por todos os meios, chegar a salvar alguns (I Coríntios 9:19-23).

IV. A TRAVÉS DAS CIDADES DE ICÔNIO E ANTIOQUIA :

O escritor não menciona quais as cidades que foram incluídas nessa visita, mas, sem dúvida, Antioquia e Icônio eram duas delas. Seja como for, quando a carta era entregue e lida (ver Atos 15:20-23), os irmãos se sentiam encorajados em sua maneira de vida cristã e, como consequência disso, as congregações dos crentes aumentavam em número diariamente.

V. A TRAVÉS DA REGIÃO FRÍGIO-GÁLATA (16:6):

Embora o fato não seja mencionado no livro de Atos, devemos, entretanto, concluir, pela leitura da epístola aos Gálatas, que, quando estava naquelas regiões, Paulo contraiu uma enfermidade que o obrigou a demorar-se ali por algum tempo. Foi durante seu período de convalescença que ele pôde fazer uma maravilhosa obra entre os gentios gálatas, atraindo-os ao Senhor Jesus. (Será de grande proveito que leia e examine os seis capítulos da epístola aos Gálatas, para verificar a preocupação do apóstolo Paulo por aqueles cristãos.)

VI. PROIBIDOS DE PREGAR NA ÁSIA E EM BITÍNIA :

A província da Ásia era o lugar mais óbvio para pregar a Palavra do Senhor. Assim pensava o apóstolo Paulo. Nessa província havia mais cidades, pelo que também deveria haver mais seres humanos a quem anunciar a boa mensagem. Havia condições naturais mais favoráveis, isto é, o terreno não era tão difícil como nas províncias circunvizinhas, e Paulo já tinha tentado antes penetrar ali.

Porém, o líder missionário não estava olhando para as aparências exteriores, mas sim para a vontade de Deus. Conhecendo a mente de Deus, o Espírito Santo fez conhecido ao apóstolo, de alguma maneira, que Deus não queria que a Palavra fosse pregada na Ásia naquela ocasião; nem também na província da Bitínia, que ficava ao norte. Todas as portas estavam fechadas, e seus passos

eram impedidos. Não havia outra coisa a fazer, senão continuar em frente.

Note-se as circunstâncias de 16:7 – “defrontando Mísia” – ou seja, bem perto da fronteira com aquela província. Então, dessa localidade, procuraram viajar na direção norte, para irem ter em Bitínia, onde havia diversas grandes cidades nas quais podia ser pregada a Palavra do Senhor. Uma vez mais, contudo, lemos as palavras estranhas de que “mas o Espírito de Jesus não o permitiu.” Notemos, então, que os missionários, “tendo contomado Mísia”, tiveram que dirigir-se em direção reta, para o porto de mar que era Trôade, conforme se pode verificar por uma vista de olhos no mapa.

VII. EM TRÔADE (16:8-10):

Quando Paulo, Silas e Timóteo chegaram em Trôade, mal sabiam o motivo porque Deus forçara o seu caminho naquela direção. Sucedeu que, certa noite, um visitante apareceu, em visão, ao apóstolo. Tratava-se de um homem do outro lado do Mar Egeu. Esse visitante fez um pedido tão ansioso que Paulo, tendo compreendido seu significado, cruzou o mar e foi ter na Macedônia.

VIII. EM SAMOTRÁCIA, NEÁPOLIS E FILIPOS (16:11-24):

A. *Neápolis*

Neápolis era cidade de tamanho considerável. Não foi estranho que a Palavra não tenha sido pregada ali? Sim, estranho, até compreendemos a intenção dos pregadores – “primeiro ao judeu, e também ao grego.” Essa era a ordem de atividades, e, não tendo encontrado a porta aberta à pregação em Neápolis, seguiram para a cidade seguinte.

B. *Uma Descrição De Filipos*

Filipos era “cidade da Macedônia, primeira do distrito, e colônia.” A cidade de Filipos era um monumental registro de dois vastos impérios. Filipe, pai de Alexandre, a transformou em cidade de fronteira para proteger a Macedônia. Mas, quando Perseu, o

último sucessor de Alexandre, foi derrotado, a Macedônia foi reduzida a uma província romana com quatro divisões.

C. O Lugar De Oração E Conversão (16:13-15):

Parece que o grupo de missionários chegou nos meados da semana – depois de terem esperado alguns dias, é mencionado o sábado. Não havia sinagoga em Filipos; as únicas pessoas judias fiéis em sua adoração eram mulheres que se reuniam à beira do rio que banhava aquela cidade.

Sentadas em círculo ou em semi-círculo, achavam-se aquelas mulheres. Paulo, Silas, Timóteo e Lucas também se sentaram entre elas. Esses homens tinham um propósito em mente – pregar a Palavra, o que iniciaram imediatamente. Entre as outras mulheres havia uma mulher, da pequena província do lado oposto do Mar Egeu, “Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura.” Palavras bem estranhas são ditas a respeito dessa mulher, pois Lucas escreve que “O Senhor lhe abriu o coração para atender às cousas que Paulo dizia.” Diz Lucas que essa mulher “nos escutava”. Conseqüentemente, o Senhor lhe abriu o coração. Quando o passado de alguém é reto, como no caso de Lídia, Deus reúne o pregador e o possível cristão, e o resultado é um “coração aberto.”

A evangelização da Europa começou mesmo onde Satanás começou sua obra de destruir a humanidade, isto é, no coração de uma mulher. Geralmente, as mulheres estão mais prontas do que os homens para ouvir a Palavra. O primeiro convertido na Europa foi uma mulher, e o segundo, um homem. Mas ele só se converteu por meio de um terremoto, para abrir-lhe o coração!

Segundo o relato do Novo Testamento, toda conversão terminava pelo batismo. Não com uma oração, mas sim, com o batismo. Não com o testemunho, mas com o batismo. Idêntico é o caso de Lídia. Não somente ela, mas também toda a sua casa foi batizada. Por estas palavras, podemos imaginar que alguns dos servos de Lídia estiveram na beira do rio, a fim de serem imersos. Não que eles tivessem aceitado ao Senhor Jesus porque ela também o havia aceito, mas sim porque eles também creram nEle. Entretanto, foram levados a esse ponto pelo exemplo dela. Não

podemos imaginar, pelo que foi dito, que qualquer dos servos de Lídia tenha sido um infante. Essa é a conclusão que era completamente o alvo, em vista do contexto.

A conversão de Lídia produziu nela um sentimento de apreciação e responsabilidade. Ela sentiu que devia sua salvação aos mensageiros da Palavra. Convidou, até com insistência, seus novos amigos, e agora também irmãos, para se hospedarem em sua casa.

C. *O Incidente Da Jovem De Espírito Adivinhador (16:16-24):*

Não foram gastos muitos dias nessa cidade de Filipos, contudo, alguns interessantes acontecimentos se deram nesses breves dias. O trabalho de Paulo era anunciar as boas novas da salvação a toda criatura. Isso ele o fazia por todas as partes e a todas as horas. Uma congregação de cristãos já havia sido estabelecida em Filipos, composta de Lídia e sua família, que haviam sido chamados pela pregação de Paulo.

Aconteceu, um dia em que eles atravessavam a cidade, a fim de irem à beira do rio, que uma jovem de aspecto bem estranho começou segui-los. Isso continuou por alguns dias, até que, certa ocasião, ela começou a clamar em voz alta: “Esses homens são servos do Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação.”

Porém, quando a mulher começou a clamar assim, dia após dia, o espírito de Paulo ficou muito perturbado. Não que aquelas palavras não expressassem a verdade, mas porque elas vinham de onde não deveriam vir. Paulo sabia o que também todos nós precisamos saber, que a mensagem não pode ser separada do Mensageiro. Paulo não ficou desgostoso com a jovem, e sim, com o espírito que nela estava. O caso, sem dúvida alguma, era o de uma possessão por espírito imundo, tal qual aparece tão freqüentemente na narrativa evangélica.

Paulo expulsou o espírito, em o nome do Senhor Jesus. Não demorou muito para que o espírito imundo saísse da jovem. Mas, quando o fez, também cessou a fonte de onde provinha suas declarações. Agora ela era um vaso sem nada. Os senhores da jovem ficaram indignados; não tanto com a própria jovem, mas sim, com os missionários cristãos, que haviam operado tal

transformação. Paulo e Silas logo compreenderam que sua perturbação era devido à ira, e que eles eram os objetos de tais sentimentos. Quando foram arrastados pelas ruas, e numerosa multidão curiosa se ajuntou, e foram levados à presença das autoridades da cidade, então souberam que haviam sido levados ali por causa da boa obra feita à jovem endemoninhada.

Naturalmente, o verdadeiro motivo das ações daqueles que arrastaram os missionários até às autoridades, não era suficiente como base de uma acusação justa. Leia o versículo 20 – “se levantaram como um só homem, exigindo castigo para aqueles judeus”. Nada de julgamento, nada de defesa, nada de justiça.

Pelo que se segue, parece-nos que os magistrados foram dominados pela opinião pública, e, à semelhança de Pilatos, a voz do povo prevaleceu, e tiraram as vestes dos missionários. Essa foi a primeira vez em que as costas do apóstolo Paulo ficaram marcadas pelos açoites romanos. Os mensageiros das “boas-novas” tiveram suas carnes cruelmente dilaceradas por muitos açoites. Depois da dolorosa experiência, foram levados apressadamente para o cárcere público.

Questionário:

- 1) Listra era a cidade natal de qual obreiro cristão?
- 2) Por que não foi incoerente para Paulo circuncidar a Timóteo?
- 3) Que lição tiramos disso?
- 4) Que sucedeu com Paulo na região Frígio-Gálata?
- 5) Qual a significação da mudança da pessoa do verbo, da terceira do plural, para a primeira do plural, a partir do versículo 10?
- 6) Por que os missionários não pregaram em Neápolis?
- 7) Onde é que os missionários pregaram em Filipos?
- 8) Qual o passo final de todas as conversões do Novo Testamento?
- 9) Qual o grande passo que alguém pode dar em direção a sua salvação?
- 10) Qual o primeiro efeito da conversão de Lídia, segundo verificado em sua conduta?
- 11) Que fez a jovem possessa de espírito imundo, antes de começar a clamar?

- 12) Por qual motivo Paulo ficou perturbado com as palavras dela?
- 13) Que saiu da jovem, juntamente com o demônio?
- 14) Qual o resultado disso?
- 15) Que pensamento foi sugerido na acusação feita contra os missionários? (versículo 21).

D. *A Conversão Do Carcereiro* (16:27-34):

Sem dúvida alguma, o carcereiro julgou que tinha sob os seus cuidados dois criminosos irrecuperáveis, que mereciam o mais severo dos tratamentos. Não lhes bastava o cárcere; foram postos no calabouço (prisão interior); e, para tê-los em maior segurança, seus pés foram presos a troncos.

O tronco consistia de um cepo, com ganchos apropriados para neles serem presos os pés, separados um do outro, conforme o grau de sofrimento que desejassem infligir ao sentenciado. A vítima não podia ficar sentada, nem se deitar, sem sofrer, e nem achar alívio ao mudar de posição. O sofrimento aumentava cada vez mais, e ninguém, sem o experimentar, pode avaliar a intensidade do sofrimento.

Que maravilhoso exemplo da transcendência do espírito sobre o corpo temos no caso dos dois prisioneiros que se puseram a entoar hinos ao Senhor, ali naquele calabouço. O diabo novamente sofreu derrota. Com os cânticos, sobreveio um terremoto e “foram soltas as cadeias de todos.” Quando Satanás quer fazer aliança com a Igreja, esta corre grande perigo. Mas, quando ele se esforça abertamente, contra a Igreja, é grande bênção para ela.

O terremoto surpreendeu os prisioneiros a tal ponto que não chegaram nem a pensar em fuga, embora suas correntes se tivessem soltado.

O carcereiro também foi surpreendido pelo terremoto, mas de modo diferente dos prisioneiros. Ele julgou que todos tivessem escapado. Fiel à sua posição de militar romano, preferiu tirar a própria vida a ser submetido a julgamento e condenado.

Já tinha puxado da espada e estava para cravá-la no peito, quando ouviu um grito em meio à escuridão – “Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos!” O amor de Paulo era

verdadeiro, era divino, era fruto do Espírito Santo que enchia seu coração. Assim, bradou no mesmo instante, arrebatando uma alma do fogo eterno.

O carcereiro, tremendo de emoção, prostrou-se perante Paulo e Silas; pois de alguma maneira associou o sucedido com os dois estranhos prisioneiros. Sentiu-se na presença do Deus Todo-Poderoso. Perguntou-lhes: “Senhores, que devo fazer para que seja salvo?”

A resposta de Paulo foi direta e decisiva. “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa.” Quanto à salvação de sua família, eles estavam em tanto perigo quanto ele mesmo.

Imediatamente, pois, o carcereiro chamou os seus familiares, os quais, segundo parece, ou moravam no mesmo edifício ou em casa adjacente ao cárcere. Então “lhes pregaram a Palavra de Deus, e a todos de sua casa.”

F. *Os Resultados*

Nessa mensagem, havia alguma coisa que levou o carcereiro a ficar disposto a restituir e reparar o mal cometido. Um desses males foi o maltrato com que ele e outros afligiram os pregadores da Palavra. O carcereiro, que tão violentamente tratara os prisioneiros, agora, com temura, lavou seus ferimentos.

A Palavra de Deus (versículo 32), sem dúvida, incluía a necessidade do batismo nas águas em o nome de Jesus Cristo. Não como algo a fazer em ocasião posterior, ou como resultado da salvação, mas sim, algo a ser feito em resposta à pergunta: “Que devo fazer para que seja salvo?”

Portanto, essa foi outra família a reunir-se à família de Lídia e outros, com os quais foi formada a congregação cristã de Filipos.

G. *A Libertação De Paulo E Silas (16:35-39):*

O terremoto, a preservação dos prisioneiros e, talvez, até mesmo a conversão do carcereiro devem ter chegado aos ouvidos dos magistrados, pouco depois dessas ocorrências; pois não temos outra explicação para a estranha ordem de sua soltura. No dia

anterior, Paulo e Silas haviam sido considerados traidores. Agora, entretanto, era dada a ordem para que fossem postos em liberdade.

Imagino que os soldados ficaram muito satisfeitos por não serem os magistrados. Quando a notícia de que Paulo e Silas eram cidadãos romanos foi dada aos pretores, “esses ficaram possuídos de temor.”

É evidente que Paulo não queria justificar-se nisto. Isso ele podia ter feito antes de ter sido açoitado e preso. Mas fazia assim por amor ao pequeno grupo de discípulos que ia deixar ali e que devia ter a garantia das autoridades.

Um pedido especial foi feito pelas autoridades – que eles, os missionários, saíssem da cidade. Qualquer pessoa podia ver quanto embaraço os missionários representavam para as autoridades.

H. *Saindo Da Prisão* (16:40):

Após saírem da prisão, os dois se dirigiram imediatamente à casa de Lídia. Que ocasião de regozijo e agradecimentos a Deus não deve ter sido aquela em que Paulo e Silas apareceram na casa de Lídia!

Versículo 40: Note-se que aqui Lucas diz: “partiram” e não “partimos”. O escritor Lucas volta a empregar o verbo na terceira pessoa, indicando que ele, Lucas, permaneceu com o novo rebanho em Filipos. Os recém convertidos não foram abandonados. Paulo não somente intercedia constantemente a Deus por eles (Filipenses 1:4), mas os deixou nas mãos de homens com o dom de levar a obra avante. Leia o primeiro capítulo da Epístola aos Filipenses, observando como a Igreja avançava e funcionava com bispos e diáconos.

Questionário:

- 1) A que outra cena pode ser assemelhado o aprisionamento de Paulo e Silas?
- 2) Que estavam fazendo Paulo e Silas, quando começou o terremoto?
- 3) Que havia de tão terrível sobre a “prisão interior”?
- 4) Descreva os efeitos do terremoto.

- 5) Por qual motivo os prisioneiros não fugiram?
- 6) Por que o carcereiro queria suicidar-se?
- 7) Quando Paulo e Silas pregaram ao carcereiro e à sua família a Palavra de Deus, quais as duas coisas feitas pelo carcereiro?
- 8) Qual teria sido o motivo da estranha mudança de atitude dos magistrados da cidade para com os prisioneiros?
- 9) Que direito de cidadania romana fora violado?
- 10) Para onde se dirigiu Paulo depois que foi solto da prisão?
- 11) Quem ficou em Filipos com os novos convertidos?

PAULO EM TESSALÔNICA E ATENAS

Atos 17:1-34

Se alguém tivesse insistido que o Império Romano ia cair, mas que os escritos do humilde missionário Paulo de Tarso seriam lidos através dos séculos, ter-se-ia considerado tal fato como tagarelice de tolos. Paulo, o pregador, contudo, sabia que tinha uma mensagem mais poderosa e mais eficiente que qualquer força física ou camal. “Porque não me envergonho do Evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê.”

I. PAULO E SILAS EM TESSALÔNICA (17:1-10):

Paulo perseverava no plano traçado pelo Espírito Santo, de pregar nas cidades grandes, fazendo delas centros para evangelização das aldeias e cidades em redor. Era impossível anunciar pessoalmente a Mensagem a todos os habitantes dessas regiões, mas deixava discípulos em todos os centros estratégicos e estes pregavam a todos em redor. Tessalônica era cidade importantíssima, como centro do qual irradiava a luz divina para mundo a sua volta.

Paulo e Silas iniciaram a árdua viagem para Tessalônica, cerca de cento e cinco quilômetros, no dia seguinte àquele em que receberam “muitos açoites” e passaram a noite no cárcere em Filipos. Fizeram isto, não como uma forma de penitência, pela qual pudessem ganhar o favor de Deus, mas constrangidos por aquilo que lhes ardia dentro da alma.

Em Tessalônica, havia uma sinagoga dos judeus, e isto era uma oportunidade para que o Evangelho fosse pregado. Continuavam a observar a regra, “ao judeu primeiro” (Romanos 1:16), apesar dos sofrimentos que resultaram disto na primeira viagem (veja 13:50; 14:2,19). Para Paulo, a presença de uma sinagoga era um convite para anunciar o Senhor Jesus Cristo.

Por três semanas, o apóstolo dissertou sobre a verdade. Podemos dizer que provou, pelas Escrituras, que as coisas que ele falou a respeito de Jesus Cristo eram a verdade. Além disso, Paulo escreveu aos tessalonicenses que, estando ali, também trabalhou como fabricante de tendas, que era a sua profissão. Parece que isso ele fez “noite e dia” para suprir o que faltava de seu sustento recebido de Filipos (I Tessalonicenses 2:9; Filipenses 4:15,16), e, também, para proporcionar exemplo aos crentes, de que não deveriam tomar-se um peso para qualquer dos irmãos.

Considerando os fatos escriturísticos apresentados por Paulo, alguns dentre os judeus creram e abraçaram o cristianismo. Entre os muitíssimos gentios que freqüentavam os cultos, uma vasta multidão foi adicionada ao Senhor. Sim, entre esses possíveis prosélitos, havia algumas mulheres influentes que se tomaram cristãs.

Havia, entretanto, um monstro na cidade, o monstro da “inveja” e do “ciúme” dos líderes entre os judeus. A incredulidade de tais homens envolveu mais do que simplesmente a recusa de aceitar a promessa da mensagem de Paulo; incluía o ódio contra o próprio Paulo.

Para os judeus incrédulos, era preciso que fosse iniciada uma oposição geral, movida pela própria cidade e em escala tão grande que envolvesse o próprio poder dos magistrados da cidade.

Qual o motivo de tal oposição ninguém sabia direito, entre a multidão – parecia tratar-se de algo como “traição” contra César. “Não temos outro rei senão César!”

Os malandros foram guiados pelos judeus para a casa de um certo Jasom, onde se sabia que Paulo e Silas estavam hospedados. Eles não estavam presentes, quando chegaram, mas Jasom estava em casa. Arrastaram-no, juntamente com outros que julgaram pertencer ao Caminho. Levando esses indivíduos pelas ruas da cidade, dentro de pouco tempo chegaram à presença das autoridades.

Acusaram-no de ter “transtornado o mundo”. Mesmo os judeus, movidos por inveja, tinham de confessar que o poder do Evangelho era grande! Só podiam reconhecê-lo como uma força,

uma poderosa influência mundial. Com pequeno exame, ficou provado que tudo não passava de uma questão religiosa qualquer e de proporções muito menores do que foi sugerido a princípio. Quando, porém, Paulo e Silas chegaram em casa e souberam do acontecido, decidiram que chegara a ocasião de saírem da cidade, para irem para outro campo.

O extremo cuidado dos apóstolos, de não servirem de peso a qualquer pessoa, deve aplicar-se, também, a nós. Sucedeu que, naquela mesma noite, Paulo e Silas saíram da cidade e se puseram a caminho de uma cidade do interior, chamada Beréia. Parece-nos que Timóteo foi deixado em Tessalônica, a fim de fortalecer e confirmar os irmãos.

Questionário:

- 1) Qual a distância entre Filipos e Tessalônica?
- 2) Por que você acha que os missionários não pregaram antes em Anfípolis e Apolônia?
- 3) Por que é que Paulo podia falar nas sinagogas dos judeus logo que chegava a uma localidade?
- 4) Por quanto tempo Paulo pregou antes de começar a ser perseguido?
- 5) Quem sustentou Paulo, enquanto ele esteve em Tessalônica?
- 6) Quem era a maioria entre os convertidos, os judeus ou os gentios?
- 7) Qual era o monstro que havia na cidade de Tessalônica?
- 8) Quem foi Jasom?
- 9) Qual a acusação dos perseguidores?
- 10) Quem, provavelmente, foi deixado em Tessalônica, depois que Paulo e Silas saíram da cidade?

II. EM BERÉIA (17:10-14):

Beréia distava de Tessalônica noventa quilômetros. Paulo e Silas fugiram para lá, da perseguição em Tessalônica, de noite, obedecendo à ordem de Cristo: “Quando, pois, vos perseguirem

numa cidade, fugi para outra.” Os servos de Deus fugiram de Tessalônica para Beréia, a fim de pregarem a Palavra de Deus.

Embora houvesse diversos rios a atravessar e muitos perigos a enfrentar naquelas montanhas, nenhuma alusão a estas dificuldades é feita por Lucas. Não devemos concluir, ao ler os registros sagrados, que Paulo não fosse insensível às perseguições contra si mesmo, por causa de sua pregação, pois lemos, em uma de suas epístolas, escritas posteriormente aos tessalonicenses, que eles tinham recebido a Palavra em meio a “muitas aflições.”

Mas, se a vida dos missionários tinha suas nuvens de tristeza, também possuía seus momentos luminosos, e todas as tempestades que eles tinham que enfrentar eram atravessadas com a maior coragem.

Aqui em Beréia os missionários cristãos encontraram um grupo de judeus que agiram como seres humanos, civilizados. Em lugar de amargura e preconceito, os judeus mostraram interesse e consideração para com Paulo e Silas. As interpretações feitas por Paulo, sobre o Antigo Testamento, eram diariamente levadas para casa, a fim de serem comparadas com as Escrituras. Só podia haver um resultado desse procedimento: “Com isso muitos deles creram.”

Notemos a maneira dos bereanos examinarem as escrituras:

A. *Atentamente:*

Examinavam-nas “de bom grado”, “com toda a avidez”, isto é, com muito ardor. As escrituras se abrem mais e mais para os que assim as estudam.

B. *Diariamente:*

Os bereanos eram nobres, porque examinavam, cada dia, as Escrituras. Os que ouviram a Palavra de Deus na sinagoga, no sábado, não ficaram satisfeitos enquanto não a examinaram, dia após dia, durante a semana. Se queremos tocar bem qualquer instrumento de música, devemos tocá-lo diariamente. Se queremos ser verdadeiramente nobres, como o povo de Beréia, temos de estudar, como eles, cada dia, examinando as Escrituras.

C. *Inteligentemente:*

Devemos evitar o costume de estudar a Bíblia, escolhendo um versículo aqui e outro ali. É importante estudá-la em ordem.

D. *Meditativamente:*

Não é a quantidade de alimento ingerido, mas a quantidade digerida que renova os tecidos de nosso corpo. Não é o número de capítulos lidos, mas o daqueles “digeridos”, isto é, compreendidos, meditados e recebidos na alma, que nos fortalece e edifica espiritualmente.

Possivelmente, Paulo pregou na cidade de Beréia, em alguma espécie de lugar público, para que os gregos também ouvissem a pregação da Palavra, o que explica como “mulheres gregas de alta posição, e não poucos homens” também abraçassem a fé cristã. Ou, possivelmente, os gregos convertidos ao Senhor eram indivíduos interessados que freqüentavam as sinagogas dos judeus durante aqueles dias.

Podemos dizer que os judeus de Tessalônica eram como o antigo Saulo que, “respirando ainda ameaças e morte, havia perseguido os cristãos em cidades estrangeiras. Estes judeus, igualmente, foram perseguir os cristãos em Beréia.

O método de oposição foi muito semelhante ao levado a efeito em Tessalônica e se revestiu, igualmente, de sucesso.

Neste caso, também, Paulo não fugiu de Beréia (versículo 10), porque lhe faltasse coragem, mas obedecia a ordem e seu Mestre (Mateus 10:23). Devemos notar, também, a coragem de Silas e Timóteo, que enfrentaram as maiores dificuldades para permanecer com a obra.

Questionário:

- 1) Que encorajamento receberam os missionários em Beréia?
- 2) Como, possivelmente, foram convertidos tantos gregos em Beréia?
- 3) Cite quatro passos importantes para estudar bem as escrituras.

III. PAULO EM ATENAS (17:16-34):

Paulo, apesar de ser um solitário estrangeiro, no meio do mais suntuoso, intelectual e pecaminoso centro do mundo, não ficou em silêncio. Começou ensinando na sinagoga e na praça pública da cidade. Sua alma abrasava-se com amor para com seus semelhantes e estava pronto para encarar toda a sabedoria dos gregos, no nome de Seu Senhor e Mestre. Atenas era o santuário mais sagrado do paganismo.

Para muitos, as condições seriam tão adversas que lhes parecia impossível fazer qualquer coisa por Cristo. Não, porém, para o apóstolo Paulo. Ao contrário, no seu coração se levantou grande desejo de que a verdade se tomasse conhecida também naquela cidade.

As maravilhas sem número em Atenas, que encantavam o mundo inteiro, não tinham coisa alguma de interesse para o apóstolo Paulo. Encontrava-se ídolos sobre todos os altos, em todas as ruas e avenidas, em todas as casas e em todos os jardins. Dizem que “era mais difícil encontrar um homem em Atenas do que um deus.” Dizia-se haver mais ídolos na cidade do que em todo o resto do país.

Numa cidade como Atenas, era inevitável que Paulo acabasse encontrando alguns dos filósofos daquela época. O ensinamento epicureu e o estóico tinham muitos seguidores naquela região. Os prazeres que os epicureus anelavam, e o domínio sobre a própria pessoa, pelo que os estóicos se esforçavam, encontram-se somente em Cristo.

Versículo 18 – Atenas, a cidade dos grandes homens, não reconheceu a Paulo, o maior vulto entre toda a humanidade, quando andava nas ruas da famosa cidade. O célebre Saulo de Tarso, convertido, comportava-se como seu Mestre e não como os ilustres deste mundo.

Aconteceu, pois, que os seguidores de ambas as filosofias, certo dia, tiveram ocasião de ouvir Paulo. Ficaram intrigados; sua curiosidade fora despertada, e, embora totalmente ignorantes dos

fundamentos do cristianismo, encheram-se de interesse por aquele judeu.

Descrevendo as atitudes daqueles homens... “o maior orador ateniense os acusou de que, em lugar de lutarem bravamente pela liberdade que estavam em perigo de perder, punham-se a procurar pelas últimas notícias”, e Lucas repete as mesmas características tipicamente atenienses.

AREÓPAGO significa “Monte de Marte”. O Areópago estava situado num alto rochoso de Atenas, em frente à Acrópole. Ali se reuniu o senado do Areópago, o Supremo Tribunal. Paulo pregou no meio desse Tribunal. Em todo o canto em redor havia altares, templos, imagens e estátuas. Falou com ousadia e unção do Espírito Santo, apesar de ter sido chamado por eles de “tagarela”. O discurso, narado por Lucas, em menos de trezentas palavras, mostra-nos a insensatez da sabedoria de Sócrates, de Platão, de Aristóteles – de todos os filósofos, acerca de Deus. O auditório de ilustres estava face a face com a sabedoria de Deus!

Tinham acusado a Paulo de ser proclamador de “deuses estranhos” (versículo 18). O apóstolo, porém, nos seus próprios cultos, achou oportunidade para responder: “Não sou proclamador de deuses estranhos, mas deste Deus...”

A. *A Mensagem De Paulo: “O Deus Desconhecido”*

1. Esse Deus que não conheceis fez o mundo.
2. Esse Deus não habita em templos.
3. Esse Deus não é servido por mãos dos homens como se precisasse.
4. Esse Deus fez toda a geração dos homens.
5. Nesse Deus vivemos, nos movemos e existimos.
6. Desse Deus somos geração.
7. Esse Deus chama a todos os homens ao arrependimento.
8. Esse Deus determinou um dia em que há de julgar o mundo, pelo Varão que destinou, ressuscitando-o dos mortos.

“Não é servido por mãos...” – a ignorância do paganismo ainda está em nós, quando pensamos que Deus necessita das ofertas e dizimos. Quantas pessoas não querem, de forma alguma, receber um presente dado como se fosse por necessidade? Quanto mais o nosso Deus!

“De uma só vez, toda a geração dos homens...” O auditório pensava que os gregos eram de uma raça superior. Fala-se da raça branca, amarela, preta; mas há uma só raça, a raça humana. O sangue de todos os animais é diferente do sangue do homem, mas em todas as raças, os corpúsculos do sangue são idênticos.

“Para buscarem a Deus... – Este deveria ser o maior alvo de toda a humanidade. A maior catástrofe que pode acontecer ao homem é ser cortado da comunhão com Deus.

“O achassem...” – O coração do homem foi feito para Deus, e só Ele o pode encher (Santo Agostinho). Da mesma forma que a asa do pássaro serve para o ar, os nossos pés para o chão, os ouvidos para o som, os olhos para a luz e, como não há harmonia quando qualquer membro do corpo não está no seu próprio elemento e funcionando, assim, apesar de substitutos e fingimentos, o coração que não está aberto para Deus não pode ser realmente feliz.

Paulo mostra aos atenienses cinco coisas que são certíssimas:

1. É certo que há de vir o grande dia do juízo.
2. É certo que todos os homens serão julgados.
3. É certa a base do julgamento.
4. É certo que Jesus Cristo será o Juiz.
5. É certo que a sentença será final.

Diz-se, geralmente, que o grande semão de Paulo em Atenas ficou sem fruto. Contudo, se, de um só semão hoje, apenas se convertessem um membro do senado, uma senhora distinta e “com eles outros”, não diríamos que o pregador fracassou. Dionísio era o areopagita, isto é, um juiz, um senador, um membro do grande tribunal que se reuniu no Areópago.

A história da igreja nos ensina que a congregação cristã de Atenas foi uma das mais fortes assembleias cristãs do Império, no segundo ou terceiro século da era cristã.

Sabemos, pela carta aos Tessalonicenses, que Silas e Timóteo se encontraram com Paulo em Atenas, e que este se sentiu muito mais aliviado com as notícias trazidas pelos jovens evangelistas. Logo Timóteo foi enviado de volta a Tessalônica, e Silas se dirigiu a outro local. Paulo saiu de Atenas tal qual chegou: sozinho.

Questionário:

- 1) Qual a primeira atividade cristã de Paulo em Atenas?
- 2) Em que consistia a idolatria da cidade?
- 3) Onde Paulo também começou a pregar, além da sinagoga?
- 4) Quais as duas filosofias que Paulo encontrou na cidade?
- 5) Que era o Areópago?
- 6) Qual a atitude dos atenienses para com Paulo?
- 7) Qual era a atividade preferida dos atenienses?
- 8) Qual o tema da mensagem de Paulo?
- 9) Conforme a mensagem, de onde vieram todas as nações da face da terra?
- 10) Cite cinco coisas que são “certíssimas”, a respeito do futuro de todo homem.
- 11) Quem, dentre os ouvintes, se converteu ao Senhor?
- 12) Que é que a epístola aos Tessalonicenses adiciona ao nosso conhecimento sobre Paulo, Silas e Timóteo nesse tempo?
- 13) Que fatos históricos provam a falsidade da idéia de que o apóstolo Paulo falhou em Atenas?

PAULO EM CORINTO

Atos 18

Neste capítulo são narrados os últimos acontecimentos da segunda viagem de Paulo. O missionário, ao retirar-se de Atenas, viajou 65 quilômetros, até Corinto, capital da Ásia, isto é, do sul da Grécia.

Atenas era uma capital famosa por sua cultura, mas cheia de ídolos e superstição. Corinto era uma capital famosa por sua opulência, mas cheia de sensualidade e devassidão. Nos dias de Paulo, ser chamado “coríntio” era como ser chamado hoje um “bêbado” ou uma “prostituta”, tal a reputação da cidade de Corinto.

I. EM CORINTO (Atos 18:1-7):

Quando Paulo chegou em Corinto, se encontrava praticamente sem dinheiro; e também nada pediria dos coríntios. Foi somente depois de algum tempo ali que Silas e Timóteo chegaram, com a oferta dos irmãos de Filipos. Durante todo esse tempo, Paulo trabalhou em seu ofício de fabricante de tendas. (Era costume dos judeus ensinar a seus filhos uma arte manual. Paulo, o erudito, foi treinado no ofício de fazer tendas. Dizia o rabi de Judá: “Quem não ensina a seu filho um ofício, é como quem ensina seu filho a ser um ladrão.”) Paulo provou a sua grande humildade vendendo tendas entre os abastados coríntios, aos quais anunciava a Palavra. Isso ele fez, para não ser “pesado” a nenhum dos crentes (II Tessalonicenses 3:8, 9), e também para que ninguém pensasse que a obra de pregar fosse uma profissão assalariada.

Teve “sorte” de morar com um casal de judeus da mesma profissão: Áquila e Priscila. Estes se haviam mudado de sua terra natal para Roma, mas há algum tempo tinham sido obrigados a se retirar da capital romana, em vista do decreto do Imperador Cláudio, que determinava que todos os judeus saíssem de Roma.

A cidade de Corinto fora habitada pelos esforços de Júlio

César, com grande número de soldados aposentados e homens livres. Estando estrategicamente situada como cidade costeira, povos de todas as nações podiam ser encontrados em suas ruas e comerciando em suas lojas. A isso, adicionemos o fato de que a religião de Corinto se degenerava em um endeusamento da imoralidade, e, então, não admira que Paulo tenha tido necessidade do encorajamento do Senhor (versículo 9).

Versículo 4 - Áquila e Priscila, ou eram cristãos quando Paulo os conheceu, ou estavam entre os primeiros convertidos de Corinto. Mais tarde, Paulo escreveu que, estando em Corinto, decidiu nada saber entre eles, a não ser a Jesus Cristo, e este crucificado (I Coríntios 2:2). Pregando, portanto, na sinagoga dos judeus, ia sempre atraindo certo número de gentios, bem como alguns judeus, para a sua mensagem.

Versículo 5 - Quando Silas e Timóteo chegaram da Macedônia, Paulo tomou-se ainda mais ousado em seu testemunho de que “o Cristo é Jesus.”

Versículo 6 - Quando os judeus foram assim postos contra a parede, opuseram-se, “blasfemando”. A objeção deles, na realidade, não era contra Paulo, ou contra as Escrituras, mas sim uma contradição contra sua própria crença.

Paulo declarou, a seguir, sua atitude para com os judeus opositores, e isto publicamente. Provavelmente, tal declaração foi levada a efeito na sinagoga. “Vou para os gentios.” Isso não queria dizer que Paulo nunca mais haveria de pregar aos judeus, pois o achamos fazendo isso mais tarde, mas sua missão para os judeus “em primeiro lugar”, estava terminada. Agora ele haveria de centralizar seu ministério nos incircuncisos.

Versículos 7-8 - Porém, note-se a ironia da situação. Paulo deixou a sinagoga, mas foi para a casa de um homem chamado Tício Justo, “a qual era contígua à sinagoga.” E, então, “Crispo, o principal da sinagoga, creu no Senhor, com toda a sua casa.” Esse homem foi batizado pelo próprio Paulo (I Coríntios 1: 14).

Versículos 9-10 - O Senhor da colheita tinha realmente um grande plano relativo a essa grande cidade pervertida e má. Havia muitos filhos de Deus em potencial nos mercados e nas casas

daquela cidade. É evidente que Paulo, nessa ocasião, estava desanimado até o ponto de precisar de nova confirmação direta dos céus. Esse povo que Deus tinha em Corinto era conhecido por Ele, mas, até então, não por Paulo. Sóstenes foi espancado na presença das autoridades (versículo 17), mas Paulo não sofreu nas mãos deles. Aconteceu, assim, como o Senhor dissera: “Ninguém lançará mão de ti para te fazer mal.”

Versículo 11 – Durante um ano e seis meses, a Palavra do Senhor foi proclamada de casa em casa, e na casa que ficava “contígua à sinagoga”. A tarefa de cada pregador e trabalhador cristão é ser mais do que meramente um proclamador público; ele deve pregar publicamente, mas também particularmente.

Versículos 12-16 – Como sucedeu, então, que Paulo acabou se afastando de Corinto? Novo procônsul foi nomeado e chegou em Corinto. Seu nome era Gálio. Os judeus sentiram que podiam tirar vantagem de sua inexperiência, para fazer com que a opinião pública se voltasse contra o apóstolo Paulo. Por alguma razão que não sabemos, eles nunca tentaram empregar esse método com o procônsul anterior. De acordo com a história, Gálio era homem bom e sábio. Os romanos consideravam-no um dos governantes mais nobres e distintos de então, intitulando-o *Dulcis Gallio*, isto é, Amado Gálio.

A insinuação dos judeus foi que alguma lei romana havia sido quebrada; eles mesmos sabiam, porém, como também o próprio Gálio, que eles estavam se referindo à sua própria lei religiosa. Gálio se destacou diante do mundo como um homem que honrava a majestade da lei e da justiça, recusando-se a ser juiz de qualquer pessoa acusada de crime, somente por questão religiosa. Gálio exemplificava a nobreza da tolerância religiosa.

Versículo 17 – Crispo, não sendo mais o principal da sinagoga (pois convertera-se a Cristo - versículo 8), foi, segundo tudo indica, sucedido por Sóstenes. Os soldados, ao chegarem à rua, tomaram esse indivíduo, que evidentemente era o líder da farsa, e lhe deram a surra que ele bem merecia. Os soldados gregos sabiam que a causa dos judeus era injusta e ficaram exasperados acima de qualquer controle.

II. EM CENCRÉIA (18:18):

Graças a Gálio, Paulo pôde permanecer em Corinto tanto tempo quanto lhe pareceu necessário. Essa foi a única cidade onde tal coisa sucedeu. É bem provável que foi enquanto permaneceu nessa cidade que Paulo escreveu suas duas epístolas aos Tessalonicenses. Por algum motivo, Paulo se apressou a chegar na Síria. Despedindo-se dos irmãos de Corinto, a quem ele tanto amava, ele planejou velejar para a Síria. E levou consigo a Priscila e a Áquila. Ao chegar no porto marítimo de Cencréia, raspou a cabeça, em cumprimento a um voto feito anteriormente. Esse voto, provavelmente, foi feito em agradecimento por algum ato da bondade de Deus. Por essa época, havia em Cencréia uma pequena congregação cristã, da qual Febe era diaconisa (Romanos 16:1).

III. EM ÉFESO (18:19-21):

Deixando Áquila e Priscila em algum lugar da cidade de Éfeso, Paulo procurou imediatamente a sinagoga dos judeus da cidade. Deve ter sido um sábado, o dia em que Paulo e seus amigos ancoraram no porto da cidade. Mas não podia demorar-se, embora pudesse deixar ali os dois trabalhadores cristãos que tinham vindo com ele. Prometendo aos judeus interessados, que haviam ouvido sua mensagem, que voltaria a eles, caso Deus o permitisse, Paulo partiu da grande cidade.

IV. EM CESARÉIA (18:22):

Desembarcando naquele porto marítimo, subiu à congregação cristã em Cesaréia e saudou os irmãos.

V. EM ANTIOQUIA (18:22):

Paulo chegou em Antioquia, depois de uma ausência de aproximadamente três anos, depois de ter percorrido cerca de quatro

mil e quinhentos quilômetros. Que reportagem não teve o apóstolo Paulo a oferecer aos irmãos de Antioquia, e que experiência de comunhão devem eles ter desfrutado juntamente! Assim, Paulo concluiu sua segunda viagem missionária.

Questionário:

- 1) Qual a distância entre Atenas e Corinto?
- 2) Qual a primeira dificuldade que Paulo teve de enfrentar ao chegar em Corinto?
- 3) Fale sobre dois fatos que conhece relativos a Áquila.
- 4) Por que era necessário encorajamento para pregar o evangelho em Corinto?
- 5) Por qual razão Paulo sacudiu suas vestes? (versículo 6)
- 6) Paulo tomou a pregar aos judeus alguma vez?
- 7) Caso positivo, em que sentido disse ele "... desde agora vou para os gentios"?
- 8) Em que sentido é que Deus tinha filhos em Corinto?
- 9) Como é que os judeus planejaram livrar-se de Paulo, por intermédio de Gálio?
- 10) Qual a insinuação dos judeus, a respeito da pregação de Paulo?
- 11) Como é que Gálio se livrou dos judeus?
- 12) Por que os soldados espancaram Sóstenes?
- 13) Que conexão tem a primeira e a segunda epístola de Paulo aos Tessalonicenses com a cidade de Corinto?
- 14) Quanto tempo durou essa segunda viagem missionária?
- 15) Quantos quilômetros foram percorridos?

VI. EM ANTIOQUIA DA SÍRIA (18:23):

Depois de permanecer "algum tempo" (possivelmente dois meses ou um pouco mais) em Antioquia, Paulo partiu de lá, dando início a sua terceira viagem missionária. Enquanto estava em Antioquia, segundo se crê, Paulo ouviu falar nas destrutivas obras dos judaizantes contra as congregações cristãs da Galácia. Sem dúvida, quando o apóstolo ouviu falar na dificuldade, foi

imediatamente tomado pelo desejo de ir até a origem mesma da tribulação, a fim de arrancar pela raiz a temível heresia.

VII. ATRAVÉS DAS PROVÍNCIAS DA GALÁCIA E DA FRÍGIA (18:23):

O estudante pode examinar o livro aos Gálatas para saber mais dos acontecimentos ali, visto que o mesmo foi escrito depois da chegada de Paulo em Éfeso.

VIII. ÉFESO (18:24 - 19:41):

O maior empreendimento desta terceira viagem foi a obra de três anos na cidade de Éfeso.

A história começa com a narrativa de dois acontecimentos: um, que ocorreu antes de chegar a Éfeso (versículos 24-28); o outro, logo após a sua chegada, capítulo 19:1-7. As duas narrativas dão ênfase novamente à grande importância de não somente anunciar o EVANGELHO COMPLETO, mas também que ele seja anunciado no poder do Espírito Santo.

O primeiro grande passo de Paulo para evangelizar Éfeso foi levar Priscila e Áquila para essa cidade (versículos 18, 19). E, se a Priscila e Aquila faltava eloquência, fizeram uma grande obra, amolando a espada do grande Apolo!

Note as seguintes características de Apolo:

- a. Era judeu;
- b. Nasceu em Alexandria;
- c. Era homem eloquente;
- d. Era poderoso nas Escrituras;
- e. Era instruído a “respeito de Jesus”.

Apesar disso, entretanto, conhecia tão somente o batismo de João.

Podemos dizer que Apolo, à semelhança de Paulo, combinava o poder da religião hebraica com a sabedoria dos gregos. Alexandria era o centro da cultura nos dias de Paulo, havendo ali uma grande

universidade. A afirmação de que ele era “poderoso nas Escrituras” não significa que ele era capaz de citar uma Escritura depois da outra, mas que, além disso, ele podia dar também o seu sentido. João Batista falou da segunda vinda do Messias e de Seu reino. Nessa doutrina é que Apolo fora ensinado cuidadosamente. Porém, seu ensinamento da pregação se limitava àquilo que lhe fora ensinado por João Batista. Provavelmente, Apolo também ouvira falar da morte de Jesus e, possivelmente, alguma coisa de Sua ressurreição. Apolo, entretanto, nada sabia da mensagem da cruz ou da significação da ressurreição, ou da mensagem da salvação pregada por Pedro no dia de Pentecoste.

Esse foi o homem encontrado por Priscila e Áquila, pregando corajosamente na sinagoga dos judeus sobre essas questões. Priscila e Áquila, que também estavam na sinagoga, eram os únicos presentes que conheciam a mensagem em sua inteireza. Seja dito, para a honra do bom Apolo que, embora ele tivesse muitos motivos para ser orgulhoso, não o era. Podemos observar isso pela atitude com que ele recebeu a instrução adicional de Priscila e Áquila.

Quando ele concluiu que podia trabalhar com mais sucesso para Cristo na Acaia do que na Ásia, Priscila e Áquila, com toda probabilidade, sugeriram que ele fosse trabalhar em Corinto. Os irmãos o encorajaram nesse pensamento e escreveram cartas de recomendação aos irmãos da Acaia. O fato de que havia cristãos em Éfeso, antes que Paulo ali chegasse, dá testemunho do bom trabalho de Priscila e Áquila naquela cidade.

Os discípulos de Corinto receberam a Apolo, chegando ele a tomar-se o favorito de alguns, a ponto de quase formarem uma seita em tomo de seu nome (Comparar com I Coríntios 1:12).

Questionário:

- 1) Como é que Apolo foi preparado por Deus para sua obra?
- 2) Que significa a expressão “poderoso nas Escrituras”?
- 3) Que coisa muito digna pode ser dita a respeito de Apolo?
- 4) Como é que Priscila e Áquila corrigiram Apolo?

PAULO EM ÉFESO

Atos 19: 1-40

A primeira viagem missionária de Paulo (13:4-14:26) alterou o mundo judaico; o grande movimento dos gentios para Deus foi a morte do judaísmo.

A segunda viagem missionária de Paulo (15:35 a 18:22) transtornou o mundo romano; a semente incombustível, semeada na Europa, foi a morte do Império Romano.

A terceira viagem missionária de Paulo (iniciada em 18:23) mudou o mundo grego; sua investida contra as religiões pagãs, em Éfeso, abalou o paganismo.

Éfeso, no tempo de Paulo, era o centro do comércio do mundo civilizado. Mas a cidade não era conhecida tanto por seu comércio, mas também pelo famoso templo da deusa Artemis ou Diana, considerada como uma das sete maravilhas do mundo. Aí compareciam peregrinos, vindos de muitos países e levando grandes riquezas. Os sacerdotes do templo eram banqueiros que tinham enormes lucros. Grandes multidões de peregrinos participavam dos ritos imorais nos cultos a Diana. Muitos artífices se enriqueciam, fazendo e vendendo miniaturas do templo de Diana. Além de tudo isso, Éfeso era sede da arte mágica, do exorcismo, do espiritismo, da astrologia, e de quase toda a sorte de superstições. Foi nessa cidade, contudo, que Paulo passou mais tempo do que em qualquer outro lugar e onde houve o maior avivamento de todos.

I. RECEBESTES O ESPÍRITO SANTO QUANDO CRESTES (Atos 19:1-7):

Em Éfeso, Paulo encontrou doze discípulos de João Batista, que, como Apolo, conheciam apenas o batismo de João. Paulo compreendeu que o caso deles era semelhante ao de Apolo, isto é, necessitavam de instrução. O batismo de João era um testemunho - o testemunho do arrependimento dos pecados e um testemunho da crença em Jesus de Nazaré como o Messias prometido. Mas faltava

o batismo em NOME DE JESUS CRISTO, para remissão dos pecados. Sem dúvida, quando Paulo perguntou-lhes: “Recebestes vós já o Espírito Santo...”, sentia nos cultos desses irmãos falta de vida, do ardor do Espírito Santo.

Paulo explicou-lhes o evangelho, apontando-lhes Jesus. Quando compreenderam a verdade, foram batizados em o Nome do Senhor Jesus, e receberam o Espírito Santo (versículo 6). Ninguém jamais recebeu o batismo no Espírito Santo sem o sinal de falar em outras línguas.

Este é o único exemplo de rebatismo no Novo Testamento. Mesmo assim, ensina claramente que uma pessoa deve ser batizada de acordo com a Bíblia, do contrário ainda NÃO ESTÁ batizada. Há um só batismo (Efésios 4:4-6), e este um só batismo é o correto, de acordo com as Escrituras. Quando não é desta forma, não pode ser considerado como batismo. Para o batismo ser correto, deve ser por imersão nas águas e administrado no Nome de Jesus Cristo.

II. PAULO PREGA NAS SINAGOGAS E NA ESCOLA DE TIRANO (Atos 19:8-22):

O maior período de tempo que os judeus permitiram Paulo anunciar a Palavra em qualquer sinagoga foi este, em Éfeso. Os judeus de Éfeso demonstraram possuir mente aberta, dando ouvidos à sua corajosa pregação, pelo espaço de três meses. Porém, uma minoria determinada apagou de tal forma a voz de suas consciências que se tomaram “empedidos” para com a verdade. Isso os fez cair em desobediência, e expressar essa desobediência em palavras de desprezo e contradição. Quando as palavras de insulto e menosprezo foram abertamente pronunciadas na assembleia geral da igreja, só restou uma coisa a fazer: deixar a sinagoga. Parece que, quando Paulo retirou os discípulos, levou consigo a maior parte da congregação.

Foi conseguida a escola de um certo Tirano. Paulo ensinou na escola de Tirano pelo espaço de dois anos. Um manuscrito antigo declara que Paulo ensinava das 11 às 16 horas. Se for verdade, sem dúvida Paulo trabalhava com suas mãos de manhã cedo, enquanto

Tirano estava ensinando, e ensinava depois de Tirano terminar suas preleções.

Versículo 11 – “Deus... fazia milagres extraordinários”. Isto foi necessário, para vencer, neste lugar, guarida de demônios, covil de espíritos imundos, lugar de ocultismo, magia negra, e feitiçaria. O Senhor concedeu a Paulo “amas e munição” especiais para destruir esta fortaleza e libertar as almas.

Lucas não menciona milagre algum de Paulo em Tessalônica, nem em Beréia, nem em Atenas e nem em Corinto. Mas, que o Evangelho em Corinto foi realmente acompanhado por maravilhas e sinais, observa-se em II Coríntios 12:12. Daí, concluímos que o apóstolo fazia milagres em todos os lugares, (Romanos 15:18, 19; Marcos 16:17, 18). Milagres se tomaram tão comuns que muitas vezes não foram mencionados.

Questionário:

- 1) Onde, no livro de Atos, encontramos o único exemplo de um caso de rebatismo.
- 2) Quem administrou o batismo?
- 3) Quantos foram rebatizados?
- 4) Como tinham sido batizados anteriormente?
- 5) Como Paulo os batizou?
- 6) Por que era necessário que fossem batizados de novo, em Nome de Jesus?
- 7) Que aconteceu, logo depois do batismo nas águas?
- 8) Por quanto tempo Paulo pregou na sinagoga de Éfeso?
- 9) Por que ele saiu de lá?
- 10) Onde é que Paulo ensinou nos próximos dois anos?
- 11) Que era a “escola de Tirano”?
- 12) Por que é que Deus “fazia milagres extraordinários”?

Versículos 13-16 – Certas idéias subiram à cabeça de certos judeus desocupados, cujo tempo e interesse estavam consagrados a nada melhor do que mexer com as artes negras. Eles sabiam que outros haviam usado o nome de Jesus de maneira sobrenatural. Por isso os sete rapazes traçaram planos para expulsar um demônio. Mas não conheciam a Jesus pessoalmente, apenas ouviram falar

Dele, por intermédio de Paulo. Estavam inteiramente despreparados para o resultado de sua brincadeira. O demônio fez o possesso saltar sobre eles! Só restava uma coisa a fazer, e foi exatamente o que fizeram. Fugiram apressadamente da sala, escapando do louco.

Versículo 17 – O resultado disso, entretanto, foi bom. As notícias do incidente logo se espalharam, tanto entre os gregos, como entre os judeus. E, ao ouvir as novas, “veio temor sobre todos eles, e o nome do Senhor era engrandecido.”

Versículo 18-20 – Quando Ananias e Safira foram carregados para sua última morada coporal, por causa da mentira, veio temor sobre todos. Entre os outros que ficaram, havia alguns que não ousavam reunir-se aos verdadeiros cristãos. Temendo que com eles sucedesse o mesmo que com Ananias e Safira, não se reuniram aos demais. O efeito do bem, aqui em Éfeso, ultrapassou o caso de Jerusalém. O bem positivo conseguiu fazer com que os hipócritas abandonassem sua hipocrisia e confessassem seus pecados. O temor das conseqüências do fingimento dominou os corações daquela gente.

O valor dos livros mágicos queimados em Éfeso foi de aproximadamente 50 mil denários, isto é, o salário de 50 mil dias de trabalho - mais do que cinco homens poderiam ganhar trabalhando trinta anos.

E, assim, a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia. A palavra “prevalecia” significa que triunfava sobre as falsas doutrinas desse centro de ocultismo, magia negra e feitiçaria.

III. OS GRANDES PLANOS DE PAULO (Atos 19:21-22):

Primeiramente, Paulo planejou fazer uma coleta destinada aos pobres de Jerusalém, isto é, os crentes pobres. Ele havia resolvido no “espírito”, que haveria de passar de Éfeso à Macedônia e à Ácaia, fazendo a coleta. Daí ele planejava dirigir-se a Jerusalém, entregando a oferta aos crentes em necessidade. E então, diz Paulo consigo mesmo. “Importa-me ver também Roma.” O alvo de Paulo em “ver também Roma”, era em ver o povo de Deus ali, a glória daquela cidade.

Questionário:

- 1) Quem eram os judeus “exorcistas ambulantes”?
- 2) Por que será que esse rapazes resolveram experimentar a expulsão de um demônio?
- 3) Qual o plano traçado pelos rapazes para a expulsão do demônio?
- 4) Por que a experiência deles se transformou em terror, quando tentavam expulsar o demônio?
- 5) Como é que esse incidente se transformou em bem?
- 6) Em que sentido a morte de Ananias e Safira foi um caso paralelo a esse incidente?
- 7) Em que os bons resultados em Éfeso ultrapassaram os de Jerusalém?

IV. A REVOLTA DO OURIVES (Atos 19:23-40):

Um adversário inesperado se levantou para fechar a “porta da oportunidade”. Desta vez não foram os judeus, mas os líderes da cidade que se sentiram prejudicados com a pregação da Palavra. Certo indivíduo da cidade, rico, compreendeu porque o seu negócio caía em descrédito tão rapidamente. O nome desse homem era Demétrio, e ele era ourives. Seu principal produto eram nichos de prata da falsa deusa Diana, os quais ele fabricava aos centos e vendia aos devotos. O motivo porque esses nichos não estavam encontrando tanta aceitação como anteriormente estava centralizado em certo pregador ambulante chamado Paulo. Ele pregava a fé em um Deus “não feito por mãos humanas.” Tão bem sucedidos estavam sendo os seus esforços por toda a Ásia que, por toda a parte, se sentia a influência dessa doutrina cristã. Depois de chamar e reunir os ourives, bem como “outros da mesma profissão”. Ele não teve o menor cuidado de esconder que estava interessado primeiramente, na “nossa prosperidade”, e, em segundo lugar, na adoração à deusa Diana. Quando um homem é atingido no bolso, é fortemente atingido num ponto sensível e vital.

Versículos 28-34 – A reunião dos ourives, liderados por Demétrio, ocorreu em alguma rua, ou em algum local de reuniões

públicas. Não demorou muito para que atraísse a atenção e o interesse da cidade inteira. Em pouquíssimo tempo, uma multidão completamente descontrolada se reuniu. Dois dos companheiros de Paulo foram arrebataados pela multidão. Então a multidão se arremessou para o vasto anfiteatro.

A essa altura dos acontecimentos, Paulo já tinha ouvido falar da dificuldade. Esteve a ponto de penetrar no meio da multidão, a fim de falar-lhes. Porém, os cristãos de Éfeso, que estavam com Paulo, viram a futilidade de tal tentativa e procuraram convencer o apóstolo a não aparecer, e este aquiesceu.

NOTA:

“Asiarcas” eram oficiais de alta categoria, da Ásia. Presidiam os ritos sagrados, os jogos públicos e as diversões teatrais. Tão extensa se havia tomado a influência de Paulo, desta vez, que esses altos dignitários se tomaram seus amigos e enviaram-lhe uma palavra, rogando-lhe que não se aventurasse a entrar no teatro. Certamente conheciam sua corajosa disposição e seu desprendimento à vida.

O teatro (o qual continua de pé até os nossos dias) podia conter nada menos que vinte e cinco mil pessoas.

Alguns indivíduos da multidão sentiram que era necessário apresentar uma defesa dos judeus. Isso, motivado pelo fato de que Paulo era judeu. Foi escolhido um orador capaz, chamado Alexandre. Quando este sacudiu os braços em sinal de silêncio, todos pareceram dar-lhe atenção por alguns instantes - até que alguém certamente gritou - “Esse indivíduo é judeu; abaixo com ele!” E o outro: “Grande é a Diana dos Efésios!” Então a multidão apanhou a palavra e, pelo espaço de duas horas, houve gritos incessantes, partindo da numerosa e fanática multidão: “Grande é a Diana dos Efésios.”

Versículos 35-40 - Quando a multidão já havia chegado à exaustão física e emocional, apareceu em cena um dignitário que impunha respeito, o “escrivão da cidade”, oficial que estava acostumado a dirigir-se às multidões. Além disso, sua autoridade apoiava o que ele dizia. Seu discurso é um discurso

maravilhosamente habilidoso. Mostra que ele certamente compreendia a multidão e o que eles necessitavam.

Note-se o seu procedimento:

1. Havia a necessidade de satisfazer seu orgulho religioso. (veja o versículo 35).
2. Havia necessidade de muitos compreenderem as acusações. (Os judeus eram culpados ou não?) (veja o versículo 37).
3. Havia a necessidade de uma solução para Demétrio e seus colegas de profissão, que se sentiam prejudicados (veja o versículo 38).
4. Acima de tudo, havia a necessidade de aquietar a multidão e dispersá-la (veja o versículo 40).
5. Suas conclusões foram tão bem recebidas pelo povo que, quando a multidão foi despedida, se dispersou, e cada qual foi para sua casa.

Questionário:

- 1) Que diferença havia nos adversários de Paulo em Éfeso?
- 2) O que irou Demétrio?
- 3) Qual a extensão da influência das pregações de Paulo?
- 4) Qual o primeiro e o segundo interesse de Demétrio?
- 5) Por que arrebataram a Gaio e Aristarco?
- 6) Por que Paulo queria entrar no meio da multidão?
- 7) Por que procuraram convencê-lo do contrário?
- 8) Quem eram os “asiarcas”?
- 9) Qual a ocasião que o escrivão da cidade julgou mais propícia para dirigir-se à multidão fanática?
- 10) Por que deram ouvidos ao escrivão da cidade?
- 11) De que modo foi satisfeita a necessidade do orgulho religioso dos efésios?

PAULO DESPEDE-SE DOS EFÉSIOS

(Continuação da Terceira Viagem Missionária)

Atos 20: 1-38

I. EM TRÔADE (II Coríntios 2:12, 13):

Embora não seja mencionada no livro de Atos, a visita à cidade de Trôade, que é mencionada no livro de II Coríntios, deve ter ocorrido imediatamente depois do incidente acima, na cidade Éfeso. Paulo julgou poder encontrar Tito em Trôade. Quando, porém, chegou ali, não teve descanso de espírito. Embora houvesse uma porta aberta em Trôade, para a pregação da Palavra, Paulo não pôde aproveitar a oportunidade, por causa do peso de seu coração. Essa situação parecia exigir solução e ação imediata. Por isso, despedindo-se dos irmãos de Trôade, dirigiu-se apressadamente para a Macedônia, buscando, ansiosamente, pelo irmão Tito.

II. NA MACEDÔNIA (Atos 20:1, 2):

Pelo primeiro versículo do capítulo vinte do livro de Atos, concluímos que Paulo decidiu que a confusão iniciada por Demétrio era a causa formal de seu afastamento da cidade de Éfeso. Depois de haver chegado em Trôade, prosseguiu até a Macedônia, com a esperança de que, pelo caminho, se encontraria com Tito. E realmente o encontrou. Ficavam, na Macedônia, as cidades de Filipos, Tessalônica e Beréia.

Paulo, ao partir de Éfeso, nunca mais entrou em campos não evangelizados, nunca mais seguiu seu anelo de anunciar a Cristo somente onde Ele nunca fora anunciado (veja Romanos 15: 18-21). Foi preso em Jerusalém, e a história finda quando ele está ainda preso em Roma.

III. EM CORINTO, NA GRÉCIA (Atos 20: 3-5):

Paulo se demorou aqui apenas três meses, mas, que momentosos eventos ocorreram durante esse curto período! Parece

que, depois de ter tido conhecimento da conspiração contra a sua vida, Paulo não se aventurou pela estrada que ia até Cencrêia, mas mudou de planos, voltando pela estrada, para a Macedônia. Os sete irmãos, entretanto, velejaram de Corinto (I Coríntios 16:3), e ficaram a esperá-lo em Trôade, até que ele ali chegou. (Alguns escritores são da opinião de que os sete irmãos acompanharam o apóstolo Paulo até Tessalônica, velejando desse porto para Trôade.)

IV. EM FILIPOS (Atos 20:6):

Para chegar em Filipos, Paulo teve que viajar durante um dia inteiro, fora da estrada principal. Porém, a congregação cristã e seus líderes, naquela localidade, eram especialmente preciosos para o coração do apóstolo.

O verbo indica que o escritor Lucas ajuntou-se ao grupo, talvez no mesmo lugar onde Paulo o deixara. Poderíamos conjecturar que ele também foi até aí, a fim de conseguir que Lucas se tomasse seu companheiro de viagem e de trabalho. Seja como for, Lucas se reuniu a Paulo em Filipos. (Lucas estivera em Filipos, desde a segunda viagem missionária de Paulo.) E, juntos, velejaram “depois dos dias dos pães asmos”, saindo do porto de mar de Neápolis.

Esses “dias dos pães asmos” não nos dão uma boa idéia da cronologia.

Notemos dois fatos a respeito disto:

1. Passara-se quase um ano, depois que Paulo deixara Éfeso (comparar com I Coríntios 16:8). Note-se que Paulo saiu de Éfeso antes do Pentecoste, no ano anterior. Sabemos que os “dias dos pães asmos” vêm depois da Páscoa, e que esta e o dia de Pentecoste estão separados apenas por cinqüenta dias. Portanto, o dia de Pentecoste estava a menos de cinqüenta dias, quando Paulo velejou para Trôade.
2. Ele tinha somente cerca de quarenta dias para chegar a Jerusalém, para poder alcançar a festa de Pentecoste. Isso, pelo menos, é o que ele estava determinado a conseguir.

Questionário:

- 1) Que obrigou o apóstolo Paulo a sair de Éfeso?
- 2) Quais as cidades em que Paulo visitou na Macedônia?
- 3) Em que país ficava a cidade de Corinto?
- 4) Como é que se sabe que Lucas reuniu-se com Paulo em Filipos?

V. EM TRÔADE (Atos 20:6-13):

Paulo se demorou em Trôade por sete dias. Tinha muita pressa de chegar a Jerusalém, mas, como partiram imediatamente depois do primeiro dia da semana, tudo indica que estavam esperando até terem oportunidade de se reunirem com os santos e observarem a Ceia do Senhor.

Seja como for, quando chegou o primeiro dia da semana, reuniram-se como congregação cristã, a fim de observar a Ceia do Senhor. Evidentemente, era costume haver pregação da Palavra do Senhor nestas ocasiões, e, dessa vez tiveram o precioso privilégio de ouvir o próprio apóstolo Paulo.

Essa reunião, como está claro, aconteceu em uma sala do terceiro andar, e havia ali muitas tochas. As janelas, muito naturalmente, se achavam abertas, para haver ventilação, e, sentado em uma das janelas, estava um jovem chamado Êutico.

Não sabemos porque adomeceu; talvez por causa da fumaça e do calor das muitas luzes (versículo 8). Alguém já sugeriu que Êutico talvez tenha trabalhado durante o dia inteiro, e que a fadiga de seu corpo venceu o interesse que ele tinha na mensagem do apóstolo, e que, ao cair em profundo sono, relaxou-se e tombou da janela abaixo. Ele caiu e morreu na rua, ou no terreno que circundava a casa.

Paulo tratou Êutico da mesma forma que Eliseu tratou o filho da viúva. Cheio de compaixão, abaixou-se e tomou em seus braços o corpo inanimado de Êutico. Certamente, deve ter subido a Deus uma oração de Paulo a favor do jovem. Note-se que Êutico “foi levantado morto”, antes mesmo da chegada de Paulo. O abraço de Paulo foi o toque divino que operou sua ressurreição.

Ao retomar à sala do terceiro andar do edifício onde estava a assembléia, teve lugar o “partir do pão”, que era o motivo que os havia trazido até ali. Podemos esclarecer, neste ponto, que a Ceia do Senhor, aqui chamada de “partir do pão”, foi observada num domingo, qualquer que seja a maneira de contar o tempo. Se contarmos o tempo segundo o uso judaico, de pôr do sol a pôr do sol, foi em um domingo. Se contarmos o tempo de meia-noite a meia-noite, conforme o uso romano, aquele dia também foi um domingo. Então, depois do “partir do pão”, tomaram uma leve refeição - o que usualmente era feito nas primeiras congregações cristãs.

Paulo prosseguiu sua mensagem do ponto onde fora interrompido e continuou sua pregação, até o romper da alva.

O próprio Êutico conseguiu recuperar-se, antes da despedida do apóstolo Paulo. E os santos foram grandemente fortalecidos pela pregação, e sua fé foi extraordinariamente aumentada por causa da restauração milagrosa do jovem.

Lucas também estava presente, ouvindo a prolongada mensagem, porém, registra tão somente o incidente com Êutico, e então escreve que Paulo instruiu cuidadosamente a ele e aos outros sete irmãos que velejassem na sua frente, e que o apanhassem na cidade de Assôs. Paulo queria fazer a viagem a pé, de Trôade a Assôs. Eram mais ou menos trinta e cinco quilômetros. Pergunta-se: por que o apóstolo, depois de passar a noite sem dormir, em Trôade, não quisera descansar no navio, ao lado de seus companheiros. A resposta mais provável é que ele quis aproveitar a oportunidade para andar sozinho, em comunhão com Deus, em um tempo de grande tribulação. Fazia pouco tempo que escrevera II Coríntios 11:26-29. Há ocasiões em que nos convém andar com Paulo de Trôade a Assôs!

Questionário:

- 1) Por que se demoraram tanto tempo em Trôade?
- 2) Segundo a sua opinião, por qual motivo Êutico caiu no sono?
- 3) Qual a comparação do Antigo Testamento com a ressurreição de Êutico?

- 4) Êutico estava realmente morto?
- 5) Por que Paulo preferiu andar trinta e cinco quilômetros, em lugar de fazer a viagem por mar?

VI. EM ASSÔS, MITILENE, QUIOS E SAMOS

O navio em que foi feita essa viagem deve ter sido uma embarcação mercante que tinha linha de embarque e desembarque entre vários portos. Assôs era um desses portos, e, quando o navio ali chegou, Paulo estava pronto para tomá-lo, prosseguindo a viagem, por mar, dali por diante.

Mitilene era a principal cidade da ilha de Lesbos. Ficava na costa leste da ilha, cerca de 14 quilômetros da Ásia Menor. Segundo era costumeiro, ancoraram aqui durante a noite.

Quios era uma grande ilha e estava separada da terra firme por um canal de largura variável. O navio de Paulo entrou por esse canal e, ali, ancorou protegido, “defronte” de Quios.

Samos era outra ilha, separada da terra firme por um canal bastante estreito. Nessa ilha, que também era grande, pemoitaram mais uma noite.

VII. EM MILETO (Atos 20:16-38):

Antes de chegamos em Mileto, temos um ponto a considerar. Paulo não parou no porto de Éfeso, por não querer demorar-se ali. Se o fizesse, seus amigos certamente não o deixariam prosseguir viagem, e ele tinha urgência de chegar em Jerusalém, para a festa de Pentecoste, a fim de ter oportunidade de entregar a coleta que fora ofertada pelos irmãos gentios.

Ao chegar em Mileto e, sabendo que não lhe restava tempo para ir até Éfeso, enviou apressadamente uma carta aos irmãos da congregação cristã que ali havia, convidando-os a vir ter com ele o mais urgente possível. Essa viagem era de cinquenta quilômetros. O propósito de Paulo não foi apenas gozar do privilégio de saudar amigos íntimos, mas o de encorajá-los a apascentar fielmente a igreja que deixava sob a direção deles.

A. Paulo Despede-Se Dos Anciãos Da Igreja De Éfeso:

Este discurso é um dos mais belos e excelentes de toda a literatura. Paulo dirigia-se a homens que ele mesmo ganhara para Cristo, a homens que separara para a obra de pastorear o rebanho, a homens com quem trabalhara e sofrera pela causa de Cristo. Derramou seu coração a esses homens congregados, segundo parece, na praia.

Versículo 18 – O homem é verdadeiramente grande, quando pode dizer: “Conheceis a minha vida e por ela podeis julgar-me.” Não se julga uma pessoa pelo conhecimento de apenas uma hora, nem de um dia. Deve-se julgá-la pelo procedimento de toda a sua vida.

Versículo 20 – Paulo não tinha qualquer teoria, nem doutrina de homens a promulgar, mas somente “o conselho de Deus”. Pregava “todo o conselho de Deus”, isto é, o EVANGELHO COMPLETO (versículo 27). Quando Paulo pregava o plano da salvação, proclamava, também, uma vida de vitória sobre o pecado, de crescimento na graça e conhecimento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, e de serviço, revestido do poder do alto.

Observe como o método apostólico de evangelizar não é somente o de pregar publicamente em templos e em todos os lugares, mas, também, de falar pessoalmente, de casa em casa.

Versículos 22, 23 – O apóstolo não se desviava do propósito de ir a Jerusalém; estava constrangido em seu espírito pelo Espírito Santo. Paulo não temia, mas sendo humano, reconhecia estar face a face com a prisão e a morte. Há coisas que o homem interior anela fazer, mas a carne não quer... Mas há gloriosa vitória quando o espírito está constrangido pelo Espírito Santo a fazer o que a alma anela fazer.

Versículo 24 – Paulo não quis dizer que não preservava a sua vida, mas que não a amava tanto como à causa de Cristo. Os soldados que enfrentam a morte para prestar maior serviço à pátria, têm o respeito de todos os homens. Mas o soldado que sai da trincheira, só para mostrar que não teme as balas, deve lembrar-se de que um soldado morto não vale coisa alguma para sua pátria.

B. Todo Crente Tem Uma Carreira Marcada Para Ele, Por Deus. Paulo Tinha E A Completou:

Versículo 26 – Compare com Ezequiel 3:17-21

Versículo 27 – A língua de Paulo jamais ficou “algemada” pelo temor aos homens.

Versículo 30 – Compare com II Timóteo 1:5; 2:17,18.

Versículo 33 – Diz-se que, quando Martinho Lutero estava fazendo o mundo estremecer, o papa ordenou: “Entupi a boca do doido com ouro.” Logo veio a resposta: “O louco não gosta de ouro.” Os que amam o dinheiro não fazem o mundo estremecer.

Versículo 34 – Que recomendações tocantes os discípulos em Éfeso receberam daquelas mãos que trabalharam tanto para que eles tivessem a salvação!

Versículo 35 – O receber alegria a todos, mas o dar, quando é fruto do amor do Espírito Santo, produz ainda maior gozo. Neste versículo, temos o único provérbio de Cristo registrado na Bíblia, mas não incluído na narrativa dos Evangelhos. Estas palavras são a súplica da vida de Jesus.

Uma inscrição antiga, encontrada num túmulo, é uma verdade profunda: “O que guardei, perdi; o que dei, guardei.”

O sentimento da mensagem levou, naturalmente, à oração. Havia verdadeiro amor cristão entre Paulo e os anciãos da congregação cristã de Éfeso. Houve lágrimas e tristeza sincera por causa da separação. Ficaram entristecidos, especialmente pelas palavras de Paulo de que eles não veriam nunca mais o seu rosto. Paulo lhes havia falado, momentos antes, das prisões e aflições que previa estarem a esperá-lo em Jerusalém. Por conseguinte, dizer que nunca mais o veriam partiu o coração de seus ouvintes.

Contudo, o trabalho de Cristo deve prosseguir, apesar dos corações partidos, da separação, da tristeza ou de qualquer outra experiência dolorosa desta vida.

Questionário:

- 1) Por que o apóstolo Paulo não fez parada em Éfeso?
- 2) Qual o tema pregado por Paulo em Éfeso? (veja os versículos

24, 27). Explique o que significa “todo o conselho (desígnio) de Deus”.

- 3) Em que sentido Paulo estava livre do sangue deles?
- 4) Como sabemos que Paulo fabricou tendas em Éfeso?
- 5) Que palavras de Jesus são repetidas por Paulo e que não se encontram registradas nos evangelhos?
- 6) O que causou a profunda tristeza dos superintendentes da igreja cristã de Éfeso?

PAULO EM JERUSALÉM

Atos 21 : 1-40

O assunto principal dos capítulos 21 a 28, é a prisão de Paulo. No presente capítulo, o apóstolo apressa-se a alcançar Jerusalém, sabendo que vai ser preso. Durante toda a história narrada no resto do livro, ele permanece preso. É quase certo que foi libertado depois, mas, foi preso novamente. No fim da sua vida, ele escreveu: "Sofro trabalhos e até prisões, como um malfeitor, mas a palavra de Deus não está presa" (II Timóteo 2:9).

Descobre-se, neste capítulo, três marcas da grandeza de caráter que nos convém almejar (veja Filipenses 4:9).

1. A firme decisão de fazer a vontade de Deus, apesar dos próprios desejos, ou dos rogos se amigos (versículos 1-14).
2. Prontidão para submeter-se a qualquer ponto de crença, a menos que esteja contra uma verdade fundamental (versículos 15-26).
3. Espírito calmo, em meio à grande confusão e violência (versículos 27-40).

I. PAULO CHEGA A TIRO (21: 1-6):

A direção da viagem foi para o sul. Cós é uma ilha de quarenta quilômetros de comprimento, separada da terra firme por um estreito canal. Foi aqui que o navio lançou âncoras, provavelmente perto da grande cidade de Hipócrates.

Rodes era outra célebre ilha, nos dias de Paulo. Aqui ficava a grande estátua, o "Colosso de Rodes", uma das sete maravilhas do mundo. Foi destruída por um terremoto, restando apenas as ruínas do colosso, quando Paulo passou por lá. Aí houve outra parada noturna.

Chegando em Pátara, o navio havia completado sua viagem, ou estava prosseguindo para a Ásia Menor. As palavras de Lucas

parecem sugerir que os viajantes ficaram agradavelmente surpresos de achar um navio ali em Pátara, o qual iria seguir para a Fenícia. Imediatamente, se fizeram a bordo, e o navio logo partiu, fazendo a última etapa da viagem do apóstolo.

Tudo, no relato de Lucas, leva a crer que o vento estava extremamente favorável à viagem; e há uma pitoresca expressão empregada pelo narrador que deixa claro que aquela foi uma rápida viagem. A expressão, na versão em português, que diz “deixando-a à esquerda”, referindo-se à ilha de Chipre; no original grego é uma expressão náutica que significa que a terra apareceu rapidamente, enquanto velejavam na direção do sul.

Enquanto o navio se demorava em Tiro, descarregando, Paulo encontrou alguns seguidores do Camêlito e reuniu-se com eles pelo espaço de sete dias.

Havia profetas entre os santos de Tiro, e esses, por revelação do Espírito Santo, instavam para que Paulo não fosse a Jerusalém. Nenhuma palavra nos diz Lucas sobre a resposta de Paulo, nessa ocasião, porém, as ações de Paulo falam mais alto que suas palavras não registradas. Quando os dias que o navio devia ficar no porto se passaram, se dirigiram a Jerusalém.

II. PAULO EM CESARÉIA (21:7-16)

Em Ptolemaida, houve a oportunidade de falar aos irmãos, contudo a urgência de chegar em Jerusalém fez com que Paulo não se demorasse ali. Pararam os missionários tão somente para saudar os irmãos por um dia, no qual houve uma reunião.

Em Cesaréia, encontramos antigo amigo nosso, “Filipe, o evangelista, que era um dos sete.” Fazia muitos anos que Filipe fugira de Jerusalém, para escapar das mãos de Paulo (Atos 8). Mas, em Cesaréia, o antigo perseguidor hospeda-se com ele.

Falando sobre “velhos amigos”, parece que Ágabo (versículo 10) era o mesmo que profetizou a grande fome (Atos 11:27,21). Ágabo usou um dramático método para entregar sua divina mensagem:

- Tomando um cinturão, que estava perto de si, e que pertencia ao apóstolo Paulo, procurou amarrar seus próprios pés e mãos.

Depois de fazer isso, entregou sua mensagem, com estas palavras. “Isto diz o Espírito Santo: Assim os judeus em Jerusalém farão ao dono deste cinto, e o entregarão nas mãos dos gentios.”

Depois dessa declaração, Lucas e Aristarco ficaram tremendamente preocupados, bem como todos os outros irmãos. Todos eles já haviam aprendido a amar o apóstolo Paulo imensamente. O único recurso era impedir que Paulo fosse a Jerusalém.

Mas um dos fatos salientes nas narrativas que encerram o Livro de Atos é a incomparável coragem do apóstolo, ao encarar as grandes provações que logo haveria de enfrentar.

Há muita razão em concluir que Paulo, neste caso, seguia a direção do Espírito.

1. O propósito de Paulo era puro: também o era o de seus companheiros.
2. Paulo queria a direção do Espírito Santo; também seus companheiros o queriam.
3. O desejo de ser fiel a Deus ardia no coração de Paulo; também ardia no coração de seus companheiros.
4. Paulo estava grandemente comovido (com o coração quebrantado, versículo 13); também, seus companheiros estavam “chorando”.

Comparemos este caso de Paulo ir a Jerusalém com o de Cristo em ir à mesma cidade.

1. Paulo manifestou a firme resolução de ir a Jerusalém (Atos 20:22-24). Jesus também permaneceu firme na determinação de ir a Jerusalém e à cruz (Lucas 9:51).
2. Essa firme resolução, tanto de Paulo como de Cristo, baseava-se na vontade de Deus (Atos 23: 11).
3. Paulo foi profundamente tentado a desviar-se desse alvo (Atos 21:12,13). Cristo foi igualmente tentado a abandonar a viagem a Jerusalém (Mateus 16:22-24).

Paulo sentia e sabia que Deus o queria em Jerusalém, e para Jerusalém é que ele iria. As palavras de Ágabo e dos outros irmãos serviram apenas para preparar seu espírito para a experiência.

O amor e a simpatia de seus amigos irmãos haviam-no tocado, porém, ele tinha um chamado mais alto, ao qual era preciso responder. “Que fazeis, chorando e quebrantando-me o coração? Pois estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus.”

A bagagem já estava pronta, e a curta viagem foi feita até à movimentada cidade. Alguns dos santos de Cesaréia também foram e obtiveram permissão de um certo “Mnasom”, discípulo que possuía uma casa em Jerusalém, para se hospedarem juntamente com ele durante a festa de Pentecoste. Era difícil, nessa ocasião, achar hospedagem em Jerusalém. Conforme os historiadores romanos, não menos que dois milhões de judeus se aglomeravam na Cidade Santa, e em redor, durante o tempo dessas festas.

Assim, terminou a terceira viagem missionária do apóstolo Paulo. A distância percorrida foi de, aproximadamente, cinco mil e seiscentos quilômetros (5.600 km).

Questionário:

- 1) Por quanto tempo Paulo demorou-se em Tiro, e que fez ele?
- 2) Que aviso foi dado em Tiro? E qual foi a resposta de Paulo?
- 3) Que velho amigo encontramos em Cesaréia?
- 4) Onde é que as Escrituras falam de Ágabo, antes dessa ocasião, em Cesaréia?
- 5) Como Ágabo dramatizou sua mensagem de como Paulo seria feito prisioneiro em Jerusalém?
- 6) Qual a interpretação de Lucas e Aristarco sobre as palavras de Ágabo?
- 7) Por que Paulo, apesar das profecias, e até lágrimas derramadas pelos amigos, decidiu ir até Jerusalém?
- 8) Qual o problema imediato que Paulo e seus companheiros teriam que enfrentar em Jerusalém?
- 9) Qual a distância percorrida por Paulo durante a sua terceira viagem missionária?

III. PAULO CHEGA A JERUSALÉM: (20:17-26)

No dia de sua chegada, Paulo e os outros irmãos foram calorosamente recebidos. No dia seguinte, foi necessário tratar de importante assunto. Como Lucas esteve presente à reunião, usou o pronome “nós”, ao discutir o incidente.

Havia real interesse nas coisas que o Senhor Deus havia operado por intermédio do ministério do apóstolo Paulo. Ele não deve ter tomado pouco tempo para relatar “minuciosamente” tudo quanto Deus fizera por seu intermédio - as vitórias do evangelho nos muitos lugares por onde fora pregado. Paulo reconhecia, em todas as ocasiões, que Deus queria fazer a Sua obra, usando Seu servo como um instrumento. Não romperam em ovações ao célebre apóstolo, mas glorificaram Aquele que realmente fizera a obra.

Quando Paulo chegou a Jerusalém da última vez, o número de irmãos entre os judeus elevava-se a “dezenas de milhares”, conforme a palavra no original...

Porém, antes mesmo que Paulo relatasse aos irmãos os triunfos do evangelho, eles tinham alguma coisa clamorosa para revelar. A vinda de Paulo a Jerusalém não era assunto de pouca monta. Paulo tinha reputação. O criticismo de Paulo sempre estivera presente e penetrou em Jerusalém muito antes que ele mesmo. O ódio dos judeus contrários ao Evangelho impossibilitaria qualquer atividade em favor de Cristo, a não ser que fosse tomada alguma providência imediatamente.

Era fato conhecido que o apóstolo pregava entre todos os gentios que eles não precisavam circuncidar seus filhos e que os costumes da lei mosaica não se destinavam a eles. Mas devemos notar que a lei de Moisés era ainda observada pelos crentes judeus, embora os crentes gentios não estivessem obrigados a observá-la. Não foi por causa dos gentios que Tiago e os anciãos aconselharam a Paulo, mas, sim, por causa dos judeus.

Os irmãos de Jerusalém, sabendo que não era pecado para um discípulo entre os judeus observar a lei da Antiga Aliança, aconselharam a Paulo que a guardasse. E ele o fez. Fazer a despesa necessária significava: comprar os animais necessários para o

sacrifício e entrar no templo, a fim de dizer ao sacerdote que os dias de sua purificação tinham se completado (veja I Coríntios 9:19-22).

IV. JUDEUS VINDOS DA ÁSIA PROVOCAM A PRISÃO DE PAULO (21:27-40):

Imagine-se a surpresa de certos judeus da Ásia, ao verem, pelas ruas de Jerusalém, a figura conhecida, mas desprezada, do apóstolo Paulo. Quando o viram, estava ele andando em companhia de um certo gentio chamado “Trófito”. Esse fato apenas avivou seu ódio contra ele e contra seus métodos liberais.

Um dia, então, quando os mesmos judeus se encontravam adorando no templo, viram eles o desprezado “herético”. Começaram então a gritar, ao mesmo tempo, e a clamar contra Paulo. E, para transformar suas palavras numa verdadeira acusação, que fosse capaz de vir a causar-lhe a morte, embora se tratasse de acusação mentirosa, clamaram: “...ainda mais, introduziu até gregos no templo e profanou o recinto sagrado.”

Essa foi uma acusação seríssima, porém, não estava baseada nos fatos, mas tão somente no ódio. Movidos pela ira, supunham que o apóstolo introduzira Trófito no templo.

Lançaram mão do apóstolo, enquanto ele ainda se encontrava no ato mesmo da adoração ao Senhor. Foi puxado e empurrado através do templo, até à porta do sagrado recinto. O espírito da multidão havia tomado conta do povo, e começaram a espancar Paulo, para matá-lo. As autoridades romanas, que sempre mantiveram olho vigilante sobre os tumultos dos judeus, logo que perceberam o ajuntamento, tomaram providências. Quando os desamados judeus viram os soldados romanos se aproximando deles, cessaram de espancar Paulo.

O tribuno logo ordenou que Paulo fosse preso e acorrentado. Paulo era agora prisioneiro do governo romano.

Voltando-se para alguns judeus, dos muitos que ali havia, perguntou Cláudio Lísias: “Quem é ele?” Todos começaram a gritar, falando coisas diferentes. Desgostoso com os barulhentos judeus, Cláudio Lísias ordenou: “Levai-o para a fortaleza.”

Chegando às escadas do castelo, a multidão se aproximou tanto de Paulo, que não tinha espaço para continuar a andar, pelo que os soldados o levantaram aos ombros e, dessa maneira, foi carregado pela escadaria acima. Contudo, o apóstolo não dava a menor atenção a toda aquela confusão. O heroísmo é calmo.

Lísias julgava saber a quem havia aprisionado. Pensava que Paulo era um egípcio, um notório fora da lei, homem perigoso. Mas, quando ouviu Paulo falar grego (versículo 37), percebeu que estava enganado.

Dando-lhe permissão para falar, Paulo, dando um passo em frente, e agindo da melhor maneira que lhe era possível, estando algemado, levantou o braço na posição característica de quem pedia a atenção. Fez-se, então, grande silêncio na multidão. O grande amor do apóstolo por aqueles de sua própria raça é aqui demonstrado. Ele os amava e queria vê-los salvos.

Questionário:

- 1) Qual a reação de Tiago e dos outros irmãos, ao ouvirem as vitórias das boas novas entre os gentios?
- 2) Em que consistiu o problema da vinda de Paulo a Jerusalém, para os líderes cristãos daquela cidade?
- 3) Por que não puderam resolver o problema, simplesmente dizendo que Paulo não se havia esquecido de Moisés?
- 4) Qual a mentira que os judeus asiáticos disseram a respeito de Paulo?
- 5) Por que Lísias ficou surpreendido quando ouviu Paulo falando em grego?

A DEFESA DE PAULO PERANTE OS JUDEUS EM JERUSALÉM

Atos 22:1-35

Os que não conhecem o Senhor de perto podem pensar que o cristianismo é uma religião que serve apenas para os fracos e para aqueles que não têm coragem para enfrentar a luta constante desta vida. Não é verdade que suas doutrinas fazem diminuir a virilidade e o progresso dos homens, deixando-os irresolutos e sem desenvolvimento, cantando “hinos de um mundo que existe só na imaginação deles”. Entre a hoste de homens e mulheres, através dos séculos, cuja vida desmente esta censura, não há outro mais destacado do que Paulo, o apóstolo.

I. PAULO SE DIRIGE À MULTIDÃO JUDAICA:

Que espetáculo mais nobre pode haver do que este de Paulo nessa ocasião? Ali estava ele, aprisionado por duas algemas, pronto para apresentar sua defesa perante o povo. O comandante romano se sentou perto, para impor a ordem com a sua presença. Uma irada população olha lá de baixo. E, todavia, em meio a tantos perigos, como o apóstolo Paulo se sentia tranquilo!

Paulo faz um discurso em sua defesa. Verifica-se que sua “defesa” é a sua vida. A defesa do cristão não é um livro, mas um homem; não é um argumento, mas uma vida.

Quando Paulo falou em hebraico, a multidão guardou ainda maior silêncio. Paulo dirigia-se ao próximo de maneira que ele entendesse facilmente, para poder ganhar logo a sua atenção.

Esboço do discurso:

1. Paulo falou de seu nascimento e de seu treinamento como estrito fariseu, adicionando, como rara cortesia, as palavras: “assim como todos vós o sois no dia de hoje.”
2. Paulo falou das perseguições por ele movidas contra o

Caminho, isto é, os cristãos, o que certamente seus ouvintes se lembravam perfeitamente.

3. Paulo falou-lhes de sua conversão, ocorrida quando ele estava ativamente ocupado na perseguição aos cristãos.
4. Paulo falou-lhes de sua comissão, dada pelo próprio Deus, para pregar a boa-nova aos gentios.

Versículo 15 – Deus salvou Saulo de Tarso para ser uma testemunha aos gentios. Pode Ele te salvar, sem ter um alvo definitivo para a tua vida?

Versículo 21 – “Gentios”: Esta palavra os feriu fundo. É evidente que Paulo não tinha ainda terminado seu discurso, mas com a palavra odiada, “gentios”, a multidão de judeus ficou furiosa de novo.

Vejamos alguns pontos desse discurso, dignos de nota especial:

1. Todos conheciam o ensinamento de Cristo, pois Paulo se refere ao mesmo como “o Caminho”, sem qualquer introdução explicativa.
2. O uso da palavra “irmãos” no versículo cinco. Tanto aqui, como no princípio de seu discurso, parece que Paulo estava ansioso para ganhar a simpatia dos judeus, fazendo todo o possível para consegui-lo.
3. A conexão do batismo com a remissão dos pecados, no versículo 16. A mesma conexão também pode ser observada em 2:38; 8:12; 8:38, 39; 16:33, 34 etc. Paulo se “converteu” na estrada de Damasco, porém, foi salvo quando obedeceu ao evangelho.
4. A visão de Paulo no templo de Jerusalém, a qual não é relatada em qualquer outra passagem (Versículos 17-21).

II. A REAÇÃO DA MULTIDÃO; PAULO É RECOLHIDO À FORTALEZA (Versículos 22-30):

Aquela tal palavra “gentios” funcionou como uma bomba. Até

esse momento, os judeus estavam bem impressionados pelo uso do idioma hebraico; talvez estivessem esperando alguma nova promessa da vinda do Messias. Seria o Messias, segundo criam, que haveria de quebrar o poder romano.

Paulo esperava que, aquilo que o libertara de sua teimosia, também libertaria a seus compatriotas. Contudo, estavam tão enraizados em seus preconceitos que não houve lógica capaz de livrá-los de suas idéias errôneas.

Então, começou um dos espetáculos mais odiosos, de uma multidão oriental endurecida, arrebatada de ira impotente, esbravejando, gritando, gesticulando, rilhando os dentes, sacudindo as vestes azuis e vermelhas, lançando pó para o ar, com toda a gesticulação furiosa de um fanatismo descontrolado.

“Tira tal indivíduo da terra, pois ele contamina a terra com a sua presença.”

O comandante simplesmente repetiu sua ordem anterior, provavelmente desgostoso com a perda de tempo. “Recolham-no ao castelo”. Ao chegarem lá, deveriam examiná-lo sob açoites. “Talvez isso o faça falar direito.”

O tribuno tinha que saber por qual razão tantos gritavam daquela forma contra ele.

Logo os soldados lhe amarraram as mãos, colocando-o na posição apropriada para o interrogatório sob açoites, tortura esta que o Senhor Jesus também sofrera não muito tempo antes.

Por três vezes antes, Paulo sentira os açoites dos soldados romanos em suas costas, já toda marcada; por cinco vezes, as trinta e nove chibatadas dos judeus lhe haviam sido aplicadas. Desta vez, entretanto, seria uma nova forma de agonia - o horrendo “flagelo” - o qual era empregado pelos romanos para forçar, por meio da tortura, a confissão da verdade.

Porém, enquanto ainda estavam lhe apertando as amarras, o apóstolo se voltou para o centurião que estava ali perto observando tudo, e lhe perguntou com uma voz calma: “Ser-vos-á, porventura lícito açoitar um cidadão romano, sem estar condenado?”

A pergunta tinha mais que um propósito, pois não somente era estritamente proibido pela lei romana açoitar um cidadão romano

sem primeiro ser julgado, como também era estritamente proibido algemar ou amarrar tal indivíduo.

A pergunta fez parar tudo por uns momentos, e o centurião imediatamente procurou o tribuno, a fim de dizer-lhe: “Que estás para fazer? Porque este homem é cidadão romano.”

Certamente, Cláudio Lísias, a essa altura dos acontecimentos, estava tremendamente curioso para saber quem era aquele homem, afinal de contas. Primeiro julgou que se tratava de um egípcio, e então, ele falou em grego. Quando lhe foi dada permissão para falar ao povo, falou em hebraico. Quando estava para ser flagelado, declarou-se cidadão romano. Com todos esses pensamentos na mente, o tribuno aproximou-se de Paulo e lhe perguntou:

“Dize-me, és tu romano?” Talvez, ao olhar para a figura bem comum e para as vestes de Paulo, ele tenha percebido que o apóstolo era judeu, e que era espécime bem pobre. Como podia ele ser cidadão romano?

Numa época em que a honra de ser cidadão custava elevada soma, o tribuno bem que teve razão de duvidar.

“Eu sei quanto me custou para adquirir o direito da cidadania romana”, observou ele a Paulo, com voz cheia de suspeita. “Eu, porém, sou cidadão romano por direito de nascimento”, foi a resposta calma do apóstolo, à suspeita de Cláudio Lísias.

As palavras de Paulo foram aceitas, e a flagelação foi suspensa, e os soldados que deveriam aplicar os açoites o deixaram.

Porém, isso só serviu para aumentar as dificuldades do comandante - pois ele havia capturado um homem; e de fato até o havia salvo da morte certa; e o havia algemado. Agora, não podia recuar em sua decisão, mas tinha que ter certeza sobre quem era o prisioneiro e o que ele havia feito.

Alguma coisa devia ser feita. E, visto que os judeus é quem exigiam a sua morte, eles é que deveriam explicar a acusação que pesava contra o prisioneiro.

E, assim, enviou ordem ao Sinédrio para que se reunisse, e, na manhã seguinte, levou Paulo à presença do tribunal religioso dos judeus.

Questionário:

- 1) Como é que Paulo ganhou a atenção da multidão, quando falou-lhe da escada?
- 2) Qual era a maior preocupação de Paulo, enquanto falava à multidão?
- 3) Por que os judeus fizeram tanta objeção por causa de uma só palavra?
- 4) Como sabemos que a doutrina de Cristo já era de conhecimento geral?
- 5) Em que sentido a palavra “irmãos” é empregada no versículo um?
- 6) De que modo o tribuno resolveu saber o que Paulo havia feito?
- 7) Descreva o “interrogatório” pelo qual Paulo estava para passar.
- 8) Como é que o tribuno se havia tomado cidadão romano?
- 9) Qual o motivo pelo qual Cláudio Lísias ficou perplexo, quando soube que Paulo era cidadão romano?
- 10) Que problema Lísias esperava resolver trazendo Paulo à presença do Sinédrio?

PAULO É TRANSFERIDO PARA CESARÉIA

Atos 23:1-35

I. PAULO DIANTE DO SINÉDRIO (Atos 23:1-10):

Depois de passar a noite preso na fortaleza Antônia, Paulo foi levado perante os principais sacerdotes e todo o Sinédrio.

Paulo estava determinado a conseguir simpatia para sua causa, perante as autoridades constituídas. Com esse pensamento no coração é que ele deve ter olhado de frente o Sinédrio.

Paulo simplesmente os chama, aqui, de “irmãos”, possivelmente porque ele mesmo fora também membro desse mesmo grupo. Em primeiro lugar, ele queria deixar claro que não era culpado.

Talvez tivesse sido a familiaridade com que Paulo se dirigiu ao concílio, ou a ousada afirmação de sua inocência, ou a consciência culpada do sumo Sacerdote que o irritou e, num momento de ira, ele gritou para os que estavam perto de Paulo: “Batam-lhe na boca.” Reagindo à pancada, Paulo replicou prontamente: “Deus há de ferir-te, parede branqueada; tu estás aí sentado para me julgar segundo a lei, e, contra a lei, mandas agredir-me?”

Por que será que Paulo respondeu daquela maneira ao sumo sacerdote? Será que ele não sabia quem ocupava a cadeira do ofício de sumo sacerdote? É perfeitamente possível que ele realmente não soubesse, pois os saduceus “passavam a cadeira” com muita frequência. Desde que Paulo se ausentara de Jerusalém, não se informou sobre quem ocupava a cadeira do sumo sacerdote.

Porém, logo que soube a identidade daquele que falava, Paulo retirou suas palavras, pois bem sabia que eram direta violação das Escrituras (Êxodo 22:28).

Paulo, à semelhança de Pedro, João, os doze e Estêvão, sabia que não se podia esperar nem justiça, nem misericórdia do tribunal religioso dos judeus.

O concílio em nada mudara, desde que Paulo deixara de fazer

parte dele. Estava, entretanto, dividido em dois partidos - os sacerdotes e saduceus e os anciãos e escribas fariseus. É evidente que Paulo tinha de enfrentar a oposição, diante do Sinédrio, sem o apoio de qualquer amigo.

Analisando as circunstâncias, o apóstolo julgou melhor apelar para uma estratégia: "Varões, irmãos: Eu sou fariseu, filho de fariseus; no tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado." Afinal de contas, a verdadeira acusação contra ele não foi que pregava contra a lei de Moisés, mas que anunciava a ressurreição de Jesus de Nazaré, e, portanto, que ele é o Messias.

A sua ousada afirmação o colocou, automaticamente, ao lado dos fariseus; o apóstolo tocara em um ponto fraco para ambos os partidos. A afirmação do apóstolo foi, indiretamente, verdadeira, pois a ressurreição de Cristo, já por diversas vezes, fora impugnada pelos saduceus, em especial, e pelos judeus descrentes, em geral. Porém, os escribas dos fariseus não podiam deixar passar oportunidade tão boa para contender pela "verdade". Logo um deles se levantou, declarando: "Não achamos neste homem mal algum; e será que algum espírito ou anjo lhe tenha falado?"

Essa declaração tocou no ponto nervrágico da emoção e do mal-estar. Em poucos minutos, havia discussões generalizadas, todos falando a um só tempo. No meio de toda aquela desordem e confusão, o apóstolo Paulo estava de pé.

Alguns deles o agarraram, sendo que uns eram dos saduceus, e outros, dos fariseus. Ele foi tão puxado e empurrado que esteve a ponto de ser partido ao meio.

Não há dúvida de que, a esta altura dos acontecimentos, Cláudio Lísias devia estar se sentindo confuso e incomodado. Que espécie de gente eram aqueles judeus, então? Ele não podia compreender nem suas palavras, nem suas atitudes.

Por isso, ordenou que os oficiais romanos interferissem e o tirassem do meio da multidão insana.

II. JESUS APARECE A PAULO (Atos 23:11):

Se o apóstolo alguma vez precisou de encorajamento, esse foi

o momento.

Ele viera a Jerusalém voluntariamente, a fim de trazer uma oferta aos irmãos judeus. Viera com uma oração sincera para que o recebessem. Pontificou-se a tentar a reconciliação, por ocasião da purificação no templo. Foi falsamente acusado e procurou ser ouvido na escadaria da fortaleza, preso pelas algemas romanas. Só escapou de cruel espancamento, apelando para seus direitos de cidadão romano. Nada encontrou, senão ódio e insolência da parte do tribunal mais alto de seu próprio povo. Além disso, era prisioneiro das autoridades romanas.

Foi nessa hora negra de sua vida que o Senhor se pôs ao seu lado e lhe falou com as palavras mais maravilhosas e encorajadoras: “Coragem! pois do modo por que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma.”

O Senhor Jesus não lhe prometeu a liberdade, nem fez previsões de vitória, mas simplesmente adiantou que ele viveria e que teria novas oportunidades de testificar a respeito do Messias. Isso foi suficiente para ele.

Foi necessário que o Senhor o animasse. Deus sabe da perseguição de fora e também da mágoa no íntimo do coração. Quando o Senhor está ao nosso lado, o cárcere transforma-se em santuário e as noites em luz dourada.

III. A CONSPIRAÇÃO CONTRA A VIDA DE PAULO E COMO ELE ESCAPOU (Atos 23:12-30):

A noite, com as palavras consoladoras, havia passado, e o apóstolo está face a face com muitas dificuldades graves que se multiplicam. Está, contudo, lembrando constantemente da promessa do Senhor e nunca se mostra irresoluto ou vacilante.

Quando Paulo escapou das mãos do Sinédrio, o ódio deles contra o apóstolo aumentou ainda mais. Foi na manhã seguinte àquela experiência perante o concílio que mais de quarenta homens fizeram o juramento de que não comeriam nem beberiam antes de assassinar a Paulo, e isso sob pena de anátema. Aqueles quarenta homens, à semelhança de Paulo há alguns anos antes, julgavam

estar prestando um serviço a Deus, com uma decisão tão sanguinária

O plano foi traçado em segredo pelos quarenta indivíduos, mas, logo, outros também ouviram falar sobre ele, e, então, a palavra “Paulo” despertou a atenção de um jovem que a ouviu. E o que ouviu fez seu coração saltar - aqueles homens não passavam de assassinos e o seu plano era o de matar seu tio.

Logo que ouviu a história que seu sobrinho lhe contou, Paulo agiu imediatamente, como era de seu temperamento. Chamou um dos dez centuriões que estavam ali por perto, e lhe pediu que levasse o rapaz à presença do tribuno Cláudio Lísias, pois tinha algo para dizer-lhe.

Quando Lísias ouviu a história, percebeu o grande perigo, não somente como uma ameaça à justiça, mas também ao seu próprio ofício. Tão grande era o perigo, que Cláudio Lísias mandou pôr de prontidão quatrocentos e setenta (470) soldados.

O impressionante grupo de soldados romanos seria acompanhado de uma carta que deveria ser entregue ao governador Félix, e que explicava o caso do apóstolo Paulo.

Se lermos cuidadosamente a carta, nos versículos 26-30, descobriremos uma sutil mentira de Cláudio Lísias, a fim de justificar suas precipitadas ações, por ocasião do aprisionamento de Paulo.

Diz ele que livrou o prisioneiro das mãos dos judeus “por saber que ele era romano”. Ora, já sabemos que não foi senão depois de alguns momentos que ele soube que Paulo era cidadão romano, quando já o havia feito entrar na fortaleza e quando já estava para interrogá-lo sob flagelo.

Questionário:

- 1) Por que Paulo foi ferido na boca?
- 2) Por que Paulo chamou o sumo sacerdote de “parede branqueada”, visto que não o conhecia?
- 3) Por que será que Paulo não sabia que dirigia aquelas palavras ao sumo sacerdote?
- 4) Que Escritura fora violada pelas palavras de Paulo?

- 5) Como é que Paulo mostrou seu respeito pelo cargo do sumo sacerdote, mas não pela própria pessoa de Ananias?
- 6) Por que Paulo usou de estratégia no caso de seu julgamento?
- 7) Qual foi o resultado desta estratégia?
- 8) Dê alguns motivos pelos quais Paulo estava precisando de encorajamento:
- 9) Em que sentido a cilada para matar Paulo se assemelhou às prévias perseguições de Saulo contra os cristãos?
- 10) Quem impediu o desastre?
- 11) Cite uma pequena falsidade que Lísias escreveu em sua carta.

O JULGAMENTO DE PAULO DIANTE DO GOVERNADOR FELIX

Atos 24

I. ANANIAS E TÉRTULO ACUSAM PAULO (24:1-9):

Provavelmente, quando foi confirmada a notícia de que Paulo não estava mais em Jerusalém, os 40 judeus se desobrigaram do voto. Não, porém, o sumo sacerdote. Ele não era homem de desistir. Quando os cristãos fugiram de Jerusalém, Saulo os perseguia até em cidades estrangeiras. Desta vez, o próprio sumo sacerdote estava empenhado em uma perseguição. Não contra os cristãos em geral, mas sim, contra o ex-perseguidor.

Ananias estava preparado para aproveitar ao máximo a sua vinda a Cesaréia. Com esse pensamento em mente, trouxera um certo orador romano que melhor compreendia as leis romanas. Naturalmente, esse orador ou advogado fora pago, mas estava determinado a fazer o melhor possível a sua tarefa “mercenária”.

Tértulo foi o primeiro a falar, e seu primeiro esforço foi garantir a boa vontade de Félix. O orador romano disse tudo quanto lhe era possível em favor do governador. Contudo, não foi tanto o que ele disse que pesou, mas sim o que ele deixou de dizer.

1. De fato, pelos esforços de Félix, o país gozava de uma certa paz. Ele chegou a ser chamado de “O Pacificador da Província”. Contudo, havia muita discórdia, e o governador era a causa de tudo.
2. É verdade que foram corrigidos alguns males. Mas, quantos outros males foram promovidos pelo governador? Um dos resultados desses males foi a matança de numerosos judeus.

Tértulo disse que, não somente na presença do governador, mas sempre e por toda parte, a nação reconhecia, com gratidão, as sábias medidas do governador.

As acusações contra Paulo:

1. “É uma peste”. Uma acusação geral, equivalente, mais ou menos, às expressões: “ele é um monstro”, “um caráter desesperado”, “um criminoso perigoso”. Foram palavras usadas tão somente para lançar uma nuvem negra em torno do apóstolo.
2. “Promotor de sedições”, isto é, revolta contra o governo. E não apenas em uma localidade, mas “entre os judeus esparsos por todo o mundo”.
3. De heresia, o “principal defensor dos nazarenos”. Essa expressão “principal agitador” no original é um termo militar aplicado àqueles que se encontravam à frente de um exército – o líder principal da seita. A seita foi mencionada por Tértulo como tratando-se de pessoas de baixa classe.
4. De sacrilégio, “profanar o templo”.

A acusação deles contra Paulo ligava-se à suposição de que ele fizera um gentio penetrar na parte do templo reservada aos judeus. Isso era estritamente proibido, sob pena de morte. E isso o governador romano bem sabia.

A fim de por os judeus em uma posição cômoda, Tértulo insinuou que, se deixados sozinhos, os judeus teriam julgado o caso e feito justiça; Lísias, porém, interferiu e, por isso, tomou-se necessário o comparecimento perante o governador, em Cesaréia.

Naturalmente, é difícil imaginar falsidade maior que esta, pois longe de buscarem julgar a Paulo, os judeus estavam a ponto de assassiná-lo, quando Cláudio Lísias interferiu.

II. PAULO APRESENTA SUA DEFESA (24:10-21):

A própria vida de Paulo dependia da maneira de ele responder às denúncias, cuja causa não lhe fora avisada com antecedência. Tinha de responder sem uma testemunha sequer, para sustentar as suas afirmações. Ananias tinha seu advogado, Tértulo; Paulo tinha,

também, seu Advogado, o Espírito Santo, em quem confiava (Marcos 13:11).

Observe-se quão completamente e quão cuidadosamente Paulo respondeu às acusações falsas feitas contra si, e quão despida de lisonjas foi a sua introdução.

Paulo respondeu às três acusações na mesma ordem em que Tértulo as tinha feito:

1. Um indivíduo pestífero - Essa acusação geral foi desconsiderada por Paulo, como indigna de nota.
2. Promotor de sedições: Versículos 11-13. Nada tinham os judeus que provasse suas acusações.
3. Principal agitador da seita dos nazarenos: Versículos 14-16. Culpado! "Longe de procurar introduzir novo Deus, estou tão somente seguindo a lei e os profetas, os quais falaram dos dias atuais. Tenho a mesma esperança que estes meus acusadores - a esperança da ressurreição, tanto dos justos como dos injustos."
4. Sacrilégio - Um profanador do templo: Versículos 17-21. Relatou os fatos, concluindo: "Hoje sou julgado por vós acerca da ressurreição dos mortos."

III. O ADIAMENTO DA SENTENÇA (24:22, 23):

Se Paulo ou Ananias pensavam que nessa ocasião o governador chegaria a uma decisão, estavam ambos enganados. Félix, à semelhança de outro governador - Pôncio Pilatos, não queria fazer justiça. Félix conhecia perfeitamente a relação entre o cristianismo e o judaísmo.

Ele temia incorrer no desfavor do Sinédrio. Contudo, não podia condenar o inocente Paulo. Usou, então, de um pretexto, a fim de aliviar a tensão.

"Quando descer o comandante Lísias, tomarei inteiro conhecimento do vosso caso."

Muito tempo haveria de se passar até que Lísias viesse a Cesaréia, pois Paulo esteve ali por dois anos.

IV. PAULO FICA PRISIONEIRO EM CESARÉIA, POR DOIS ANOS (24:24-27):

Aqui em Cesaréia, havia ativo trabalho de evangelização dirigido por Filipe. É bem provável, portanto, que Filipe tenha sido um dos muitos que vinham ver ali o apóstolo Paulo. Outros irmãos de Jerusalém também poderiam ter vindo visitar o apóstolo.

Félix e seu irmão, Paulo (ou Palas), eram escravos de Agripina, mãe de Cláudio, o imperador (veja capítulo 18:2). Este enviou Félix para governar uma província. O historiador Tácito escreveu que o ex-escravo “dominava como rei, com toda sorte de crueldade e lascívia e com o temperamento de um escravo.”

Drusila era filha de Herodes Agripa I, que matou o apóstolo Tiago e pereceu, miseravelmente, não muito tempo depois (capítulo 12). O historiador Josefo nos informa que Drusila tinha seis anos de idade, quando seu pai faleceu, no ano 44. Portanto, quando ouviu o discurso de Paulo, tinha vinte anos de idade. Ainda muito nova, casou-se com Azia, rei de Amesa. Mas Félix, enamorado da sua fofura, a levou a abandonar o marido e ficar com ele, pela maquinação de certo mágico chamado Simão

Para falar francamente, Félix era um sensual e Drusila uma hipócrita da melhor têmpera.

Perante tais pessoas é que Paulo foi chamado para falar. Félix solicitou a Paulo que esboçasse a fé cristã. Isso era justamente o que Paulo desejava fazer, e fez, mas também adaptou a mensagem aos demais ouvintes.

Paulo falou da “justiça”, o que Félix não possuía em qualquer grau. O antigo historiador Tácito escreveu que Félix julgava poder cometer todos os crimes impunemente. Paulo falou da justiça a duas pessoas inteiramente destituídas de justiça.

O apóstolo falou de “domínio próprio”. Ali assentado, Félix evidenciava não possuir tal qualidade. Certamente, os dois se lembraram, nesse momento, do seu adultério e do marido abandonado.

O terceiro fato tratado por Paulo foi o do “juízo vindouro”, para o qual Félix se encontrava totalmente despreparado. Pode-se

viver no vício neste mundo, mas não se evita o dia do pagamento. Nem mesmo um governador pode escapar.

De que maneira Paulo desenvolveu esses pensamentos, não o sabemos, porém. Certamente o fez de modo tão real e pessoal que o terror tomou conta do coração do governador, e, antes que a verdade o fizesse ceder, bradou: “Por agora podes retirar-te e, quando eu tiver vagar, chamar-te-ei.”

Nenhuma palavra nos é dada sobre a maneira pela qual a mensagem foi recebida por Drusila.

Lembremo-nos de que Félix ficou atemorizado; não é suficiente levar os ouvintes a tremerem diante de Deus. Devem, também, arrepende-se para com Deus e praticar obras dignas de arrependimento.

Félix, sem dúvida, sabia que Paulo não tinha prata nem ouro, mas ouvira falar na grande oferta que ele tinha levantado para os pobres da Judéia. Se Paulo tivesse achado justo adquirir sua liberdade por dinheiro, teria falado aos irmãos e teria recebido, sem demora, a importância necessária.

Ao se escoarem dois anos, Félix ia de mal a pior, em sua vida pública e política, e foi chamado a Roma, a fim de prestar contas. Foi despedido de seu ofício, e Pórcio Festo tomou-lhe o lugar. O último ato de Félix, como governador foi garantir o favor dos judeus (os quais o estavam acusando perante Roma), deixando Paulo encarcerado.

Questionário:

- 1) Por que o sumo sacerdote trouxe consigo a Tértulo?
- 2) Qual o significado da palavra “sedição”?
- 3) Por que Tértulo chamou os cristãos de “nazarenos”?
- 4) Por que foi mencionada a suposta tentativa de profanação do templo?
- 5) O que motivou a indecisão de Félix?
- 6) Como Félix mostrou que foi impressionado favoravelmente por Paulo?
- 7) Qual a reação de Félix à mensagem de Paulo?

- 8) Por que Félix não livrou Paulo da prisão, antes de deixar seu cargo de governador?

PAULO PERANTE FESTO

Atos 25

I. PAULO APELA PARA CÉSAR (25:1-12):

Festo era homem “equilibrado, honesto e justo em seus negócios”, (contanto que não interferissem em suas vantagens políticas), e era hábil político. Seu primeiro gesto, ao chegar à sua nova posição, foi visitar a cidade de Jerusalém, a fim de verificar como estavam as coisas na capital dos judeus.

Os judeus se alegraram com sua visita, pois ela lhes forneceu nova oportunidade de pressionar suas acusações contra o apóstolo Paulo. Esses opositores do evangelho, como estamos vendo, não desistiam com facilidade. Por esse tempo, a questão deixara de ser um debate doutrinário e se transformara em questão pessoal contra o apóstolo.

Quando Festo chegou em Jerusalém, o mesmo clamor de dois anos passados foi ouvido novamente: “Saulo de Tarso deve ser punido, e isso imediatamente.”

Lucas deixa óbvio em seu relato, que a solicitação para que Paulo fosse punido era ilegal. Festo não os repreendeu, nem os apoiou em sua injusta sugestão. Sua resposta foi perfeitamente justa e tipicamente romana.

E, quando o novo governador, Festo, foi a Jerusalém, os judeus pediram que Paulo fosse trazido de volta a esta cidade. Eles pretendiam matá-lo, assim que fosse transferido. “Paulo está justamente onde deve estar. Estou para voltar a Cesaréia, e, se quereis vê-lo, para acusá-lo de alguma coisa, descei comigo a Cesaréia. Que vossos principais homens retomem na minha companhia, para que haja julgamento na corte romana. Se houver algo de errado nesse homem, será trazido à luz. “Festo recusou trazer Paulo, mas disse que eles poderiam descer a Cesaréia e fazerem suas acusações contra Paulo. Eles assim o fizeram, e, apesar de dizerem muita coisa contra Paulo, eles nada puderam provar.

Festo cumpriu sua palavra. Passaram-se apenas oito ou dez dias até ele voltar a Cesaréia. No dia seguinte mesmo, ouviu o caso de Paulo.

Uma vez mais o apóstolo foi chamado da prisão, a fim de apresentar sua defesa. Note-se que o apóstolo já havia comparecido, dois anos antes, perante:

1. A multidão, na escadaria da fortaleza Antônia.
2. O Sinédrio, em Jerusalém.
3. Félix.
4. Félix novamente, porém, não em caráter oficial.
5. Agora, perante Festo.
6. Porém, ainda teria de comparecer perante o rei Agripa.

Tudo isso lhe deu oportunidades magníficas de pregar a boa nova da salvação, porém, também era um tanto cansativo, e o resultado deve ter sido um tanto ou quanto exasperante.

Dessa vez não houve orador romano. Todos os judeus rodearam o apóstolo Paulo, e, à maneira judaica, começaram a acusá-lo fortemente. Lucas, evidentemente, foi testemunha ocular do julgamento, e adiciona a Palavra que “não podiam provar” aquelas acusações. E quais eram as acusações lançadas contra o apóstolo? Essas podem ser verificadas pelas respostas dadas por Paulo a cada uma delas.

1. Pecado contra a lei (sendo ele um nazareno).
2. Pecado contra os judeus (indivíduo pestífero).
3. Pecado contra o templo (tentativa de profaná-lo).
4. Pecado contra César (provocando sedições).

Eram as mesmas acusações de dois anos antes. Não se haviam esquecido de nenhuma delas. Porém, desta vez, não tinham mais provas que anteriormente. Festo logo percebeu que não havia utilidade alguma em manter Paulo prisioneiro por mais tempo.

Porém, ele talvez pudesse ser usado com vantagens, para seu prestígio político.

A pergunta de Festo só foi formulada para ganhar o apoio dos judeus presentes: “Queres tu subir a Jerusalém, para ser ali julgado por mim, a respeito destas coisas?”

É muito duvidoso que Festo estivesse realmente disposto a levar o apóstolo Paulo a Jerusalém, para ser julgado ali, mas, para agradar aos judeus, disse aquelas palavras, e também, possivelmente, para ouvir a reação do apóstolo. Entretanto, ele não estava preparado para ouvir a réplica do apóstolo. Paulo não estava disposto a ser sacrificado por causa dos desejos de algum egoísta oficial local, especialmente quando havia meios de garantir, pelo menos, alguma justiça.

Paulo disse em essência: “Não, não irei a Jerusalém. Ali só poderia ser julgado por judeus, e nenhum agravo lhes tenho feito, como tu muito bem sabes. Caso, pois, tenha eu praticado algum mal, ou crime digno de morte, estou pronto para morrer; se, pelo contrário, não são verdadeiras as cousas de que me acusam, ninguém, para lhes ser agradável, pode entregar-me a eles. Apelo para César.”

Estas palavras não agradaram a Festo de maneira alguma. Era mal começo para seu governo. Mas foi obrigado a recuar. Era direito de todo cidadão romano apelar para César.

A maneira de Festo responder, dizendo: “Para César irás.” indica que o governador se ressentiu do opróbrio de Paulo retirar o caso de suas mãos, apelando para César. Dá a entender, também, que lhe lançava em rosto tudo que tinha de sofrer por tal decisão. A viagem era tão longa e árdua, a demora, não somente no próprio tribunal do Imperador, mas em chamar as testemunhas de tão longe; era tudo tão demorado que um cidadão romano apelava para César apenas em um caso muito extraordinário.

II. FESTO EXPÕE A AGRIPA O CASO DE PAULO (25:13-22):

Festo não estava ainda muito tempo no ofício de governador, quando recebeu uma visita real, “Agripa o rei, e Berenice”. Esses

vieram para saudá-lo e para parabenizá-lo. É bastante natural que Festo tenha mencionado o extraordinário caso de Paulo aos seus visitantes. Lucas conseguiu pôr as mãos em uma fonte valiosa de informações, para poder escrever as palavras trocadas entre eles (versículos 14-21).

Parece, pelas palavras do versículo 22, que Agripa ouvira falar de Paulo, mesmo antes de Festo falar a seu respeito, dando-lhe os detalhes. O versículo parece sugerir que o rei estivera esperando, ansiosamente, uma oportunidade de ouvir o apóstolo.

III. PAULO PERANTE O REI AGRIPA (25:23-27):

Festo apelou para Agripa, que era mais versado nas leis judaicas, para que formulasse uma desculpa satisfatória, para apresentar ao Imperador, deixando um homem inocente apelar ao tribunal de Roma.

E assim, de acordo com o plano previamente arranjado, na manhã seguinte houve a reunião que, por muito tempo, não seria esquecida. Para o rei, esta foi apenas mais uma oportunidade de divertir-se com o ambiente real. Isso devia ser feito com toda a pompa e ritual. Os generais do exército estavam presentes; todos os homens de posição superior e as autoridades da cidade receberam convites. Berenice e Agripa estavam em suas vestimentas reais. Em meio a todo esse esplendor, foi trazido Paulo da prisão.

Será que Paulo ouviu o carcereiro dizer alguma coisa sobre a próxima reunião? Será que Paulo sabia exatamente o que a ocasionara? Será que ele tinha conhecimento de que estava para falar perante um rei? Não temos respostas para todas estas perguntas; contudo, é interessante especular.

Festo, que havia organizado a reunião, foi quem fez a apresentação do prisioneiro aos presentes. Paulo estava de pé, entre dois soldados, com uma corrente leve presa ao seu braço esquerdo. Festo se pôs defronte de Agripa, e, com um gesto em direção a Paulo começou:

“Rei Agripa e todos vós que estais presentes conosco, vedes este homem, por causa de quem toda a multidão dos judeus recorreu

a mim, tanto em Jerusalém como aqui, clamando que não convinha que ele vivesse mais. Porém, eu achei que ele nada praticara passível de morte; entretanto, tendo ele apelado para o Imperador, resolvi mandá-lo. Contudo, a respeito dele, nada tenho de positivo que escreva ao soberano; por isso eu o trouxe à vossa presença, e momento à tua, ó rei Agripa, para que, feita a arguição, tenha eu alguma coisa que escrever, porque não me parece razoável remeter um preso, sem mencionar ao mesmo tempo as acusações que militam contra ele.” “Não conheço os detalhes do caso. Porém, visto que conheces muito melhor a religião judaica do que eu, poderás apreciar minha posição, que parece completamente irrazoável enviar um prisioneiro sem acusações.”

Assim falou o governador, não sem algum toque de lisonja.

Questionário:

- 1) Qual o primeiro ato do governador Festo?
- 2) Como foi Festo recebido em Jerusalém? E por quê?
- 3) Cite as seis pessoas ou grupos perante os quais Paulo já havia comparecido durante os últimos dois anos:
- 4) Por que Festo perguntou se Paulo queria ser julgado em Jerusalém?
- 5) Paulo teve razão para apelar para César?
- 6) Por que o apelo desagradou a Festo?
- 7) Descreva, em poucas palavras, a assembléia perante a qual Paulo deveria falar.
- 8) Segundo Festo, qual o propósito da reunião?
- 9) Quem se achava na posição de maior autoridade nessa reunião?

PAULO PERANTE O REI AGRIPA

Atos 26

Paulo defende-se novamente, relatando a história da sua conversão. Para ganhar almas, a experiência do nosso encontro com Jesus é a arma predileta. É como Davi disse, com respeito à espada de Golias: “Não há outra semelhante a esta.”

I. PAULO DISCURSA PERANTE O REI AGRIPA (26:1-23):

Perante o augusto auditório, Paulo iniciou seu discurso, perfeitamente calmo, falando sem embaraço e com palavras sinceras.

Paulo julgava-se feliz (versículo 2). Não se comportou de maneira inconveniente, desprezando abertamente o sentimento de grandeza da parte de “Agripa e Berenice. Era a pessoa mais alegre de todas, na reunião. Não queria trocar sua posição pela de ninguém ali presente. Reconhecia que era embaixador do Rei dos reis.

Se Paulo tivesse sido movido por interesse próprio, teria empregado a bajulação para ganhar o favor de Herodes. As suas palavras, porém, são sinceras e solenes, com desejo de pleitear a causa do seu Mestre antes da sua própria. Não ficou acanhado por um só momento, perante toda a pompa real. Estava tão disposto a testificar ao rei como a proclamar a mensagem aos mais humildes.

“... És versado em todos os costumes e questões que há entre os judeus.” – Trata-se de ótima introdução do apóstolo, a fim de atrair a atenção favorável e o interesse do rei e do resto da audiência. E que audiência!

Paulo, então, prossegue, demonstrando, através da história de sua própria vida, que Jesus de Nazaré é, de fato, o Messias, e que ele próprio (Paulo) era inocente de todas as acusações contra ele inventadas.

Versículo 6 – “E agora” – estas palavras certamente sugerem um grande contraste. O que ele fora, e o que ele era, enquanto estava ali perante o rei. Que transformação! Com certeza, suas

palavras também contêm um toque de ironia, pois o apóstolo sugere que as acusações contra ele lançadas se baseavam tão somente no que ele acreditara, no que agora acreditava, e no que os judeus sempre acreditaram.

“A esperança”, aqui referida, certamente se trata da vinda do Messias. Essa esperança estava baseada em uma promessa, dada por Deus a Abraão, a Isaque, a Jacó, a José e a outros mais.

Em outras palavras, o que Paulo quis dizer ao rei Agripa é que as acusações feitas contra ele não se fundamentavam em alguma “perversa vilania”, e sim, eram causadas pela vinda do “rei dos judeus.”

Versículos 20, 21 – A razão de seu aprisionamento no templo foi ele estar a serviço do Messias. Paulo deixa claro que era para benefício de seus ouvintes que Deus estava consigo e aprovava as suas ações, pois, do contrário, não estaria ele ainda ali, depois de tantos dissabores. “Mas, alcançando socorro de Deus, permaneço até ao dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes, nada dizendo senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer, isto é, que o Cristo devia padecer, e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz aos povos e aos gentios.”

Versículo 23 – “Embora aprisionado sob uma acusação falsa, julgado com zombarias e tratado vergonhosamente pelo meu próprio povo, o Senhor sempre esteve ao meu lado e me livrou de tudo. E eis que estou aqui na tua frente, ó rei, e pronto para testificar sobre a mesma mensagem, por causa da qual tenho sido tão maltratado. Essa mensagem não contém outra coisa senão o que Moisés e os profetas predisseram que havia de acontecer. Quero dizer, tanto aos pequenos como aos grandes, que o Messias sofreu e morreu, mas ressuscitou no terceiro dia. Sim, por esse meio Ele é capaz de, depois de Sua ressurreição, proclamar a luz da esperança a todos os povos.”

II. PAULO É INTERROGADO POR FESTO (26:24-29):

Permitiram que Paulo fizesse sua própria defesa (versículo 1),

mas, infelizmente, não toda a sua defesa. Foi interrompido antes de findar uma mensagem de suma importância.

Festo havia alimentado a esperança de, ouvindo Paulo, reunir elementos, algumas coisas que o ajudassem a escrever sua carta ao Imperador, na qual apresentaria Paulo. Estava, porém, totalmente despreparado para ouvir relato tão extraordinário.

Festo não podia deixar de perceber que Paulo falava com inteligência sobre a religião judaica. “Esse homem é, realmente, um sábio nessas coisas, mas as suas especulações sobre o assunto fizeram-no virar a cabeça. Suas palavras não estão servindo para meu propósito – ele não está me dando coisa alguma que eu possa escrever ao Imperador.” Por isso, Festo explodiu em sua interjeição em alta voz: “Estás louco, Paulo.”

Na sua resposta, o que o apóstolo quis deixar claro é que suas palavras nem eram invencionices, nem estavam destituídas de bom senso. Mas sim, justamente o oposto – “palavras de verdade e de bom senso.” E então, para benefício, de seus ouvintes, e especialmente de Festo e do rei Agripa, Paulo faz a seguinte observação:

“O rei sabe que os pensamentos que agora apresento livremente são realidades. Os eventos da vida de Jesus e os da minha própria vida, sem dúvida há muito tempo já são do conhecimento do rei. Pois nenhuma dessas coisas sucedeu secretamente.”

Em seguida, para obter novamente a atenção do rei, que havia sido desviada pela interrupção de Festo, disse Paulo: “Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem sei que acreditas.”

Paulo, provavelmente, chegou à conclusão de que o rei cria em sua mensagem, pela expressão de seu rosto.

Que maravilhosa resposta Paulo dá à observação de Agripa (versículo 28). Ele transforma a rejeição do rei em vantagem definida, ao dizer:

“Quem dera que a vontade de Deus fosse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, mas todos os que hoje me ouvem, se tomassem tais como eu sou – e, levantando as mãos acorrentadas, exceto por estas correntes.”

III. PAULO TERIA SIDO SOLTO, SE NÃO TIVESSE APELADO PARA CÉSAR (26:30-32):

O sinal de que o julgamento e a defesa de Paulo estavam terminados, foi dado, quando o rei se levantou de sua cadeira. Todos os outros também se levantaram e saíram da sala. Paulo foi levado, novamente, ao lugar onde se encontrava aprisionado. Quais seriam os pensamentos do apóstolo, depois que saiu daquela sala, onde apresentara sua defesa? Pelo menos podia sentir que estava livre do sangue de todos - inclusive do próprio rei.

Questionário:

- 1) O que é a “esperança” referida no versículo 6?
- 2) Qual o efeito do testemunho de Paulo, para com Festo?
- 3) Por que Paulo estava tão certo de que o rei Agripa cria?
- 4) Qual a reação de Agripa ao ouvir a mensagem de Paulo?
- 5) Qual a decisão final de Festo e Agripa concemente a Paulo?

PAULO, O NÁUFRAGO

Atos 27

Esta é a mais interessante e completa narração de naufrágio, dos tempos antigos, que existe. A viagem de Paulo a Roma foi, contudo, muito mais que uma extraordinária aventura. Deus dera ao apóstolo a certeza de que ele proclamaria a Mensagem em Roma, o maior centro do mundo conhecido de então. Essa certeza serviu como grande fârol, nas horas do mais negro desespero para seus companheiros descrentes.

I. NO INÍCIO, O MAR ESTÁ CALMO, A VIAGEM FASCINANTE (27:1-8):

Novamente, surge o pronome “nós”. Lucas, evidentemente, estivera com Paulo durante os dois anos de seu aprisionamento em Cesaréia. Mas ele não foi o único a acompanhar o apóstolo na viagem. Aristarco foi também (versículo 2). Veja Atos 19:29, e Colossenses 4: 10.

O oficial, nas mãos de quem foram entregues os prisioneiros, se chamava Júlio. É interessante notar que ele pertencia àquele grupo que servia na “coorte” do Imperador.

O navio, no qual eles velejaram pelas costas da Ásia, era do pequeno porto de Adramítio, que estava localizado na costa da Mísia. Evidentemente, se tratava de algum pequeno navio mercante, e essa era a viagem de regresso da pequena embarcação. A esperança de Júlio era encontrar outra embarcação em algum lugar da costa da Ásia, e que estivesse de viagem para Roma.

Se quisessem alcançar Roma, era necessária uma ação imediata. O tempo de navegar à vela, no mar aberto, estava chegando ao fim. De acordo com os melhores cálculos, comia o mês de agosto, já nos últimos dias, quando partiram do porto de Cesaréia. É provável que a estação, já tardia, tenha sido o motivo que levou Júlio a embarcar num navio que os levaria apenas até certa parte de seu destino.

Versículo 3 – O primeiro dia de viagem cobriu um percurso de cento e dez quilômetros. Talvez porque Júlio fosse um daqueles que ouviram Paulo, quando apresentou sua defesa perante Agripa, ou talvez porque aprendeu sobre o caráter de Paulo pela boca de Lucas e Aristarco, o fato é que deu ao apóstolo permissão especial de ir visitar os santos de Sidom.

Versículo 4 – Mas, tendo chegado à ilha de Chipre, avançaram a sotavento da mesma, o mais próximo que podiam da terra; entretanto, esse avanço era lento, como tinha sido até ali, visto que só podiam navegar em zigue-zague. E, assim, de vez em quando, o barco aproava em direção da Ásia Menor, e, então, podiam ver perfeitamente a cordilheira das montanhas de Tarso.

O vento sudoeste, que no princípio da viagem lhes fora tão favorável, agora fazia com que a viagem se tomasse tão cansativa, desde que dobraram na direção oeste, depois de terem navegado na direção norte por algum tempo; não obstante, acabaram chegando a Mira, próximo porto onde lhes convinha aportar. E podíamos perguntar, o que estava um navio de Alexandria, do Egito, fazendo ali em Mira? (versículo 6). O mesmo vento, que tanta tribulação dera ao navio Adramitino, fizera o grande vaso sair de sua rota.

II. PAULO OS PREVINE DE UM GRANDE TEMPORAL - AÇOITADOS PELA TEMPESTADE PERDEM TODA A ESPERANÇA (27:9-20):

A distância entre Mira e Cnido é de apenas duzentos e dezesseis quilômetros, e, numa ocasião de circunstâncias favoráveis, poderiam ter chegado ao seu destino em vinte e quatro horas. Contudo, os ventos contrários sopraram continuamente durante muitos dias, e assim, para chegarem em Cnido, foram necessários muitos longos e cansativos dias.

Chegar a Salmona foi comparativamente fácil; mas, depois de rodeá-la, tiveram a maior dificuldade em prosseguir, o que só fizeram muito vagarosamente, até que chegaram a um lugar chamado Bons Portos, um pouco a leste do cabo Matala, e não muito longe de uma obscura cidade de nome Laséia.

Porque passaram “tanto tempo” em Bons Portos? Provavelmente, esperando que os ventos mudassem. Mas eles não mudaram. A festa judaica da expiação (15 ou 24 de setembro) chegara e passara, e eles continuavam no porto. Logo seria outubro, quando a navegação se tomava impossível. Algo devia ser feito para que encontrassem um lugar onde invemar. Paulo resolveu dar uma palavra de conselho. Deveriam ficar onde estavam, pois ariscarse a continuar a viagem podia significar perda e avaria tanto da embarcação, como das vidas que havia a bordo. Paulo ofereceu seu conselho a Júlio, visto que ele era o representante imperial e aquele que determinava as ações da viagem. Entretanto, tanto o piloto, como o proprietário do navio tinham idéias contrárias à do apóstolo. E eles tinham argumentos que pesavam na balança:

1. Bons Portos não é lugar para invemar - pois está exposto por quase todos os lados. Além disso, fica à longa distância de qualquer cidade.
2. Fenice fica a apenas cinquenta e três quilômetros da costa. Esse porto de Fenice seria o lugar ideal para invemarem.

O centurião ouviu ambos os lados, mas preferiu dar seu voto ao piloto e ao proprietário do navio. E, de fato, começou a soprar o vento sul, brandamente. Recolheram, então, a âncora e começaram a navegar ao longo da costa de Creta. Não muito depois, entretanto, os marinheiros devem ter observado, alarmados, que o vento começou a mudar de direção, e nuvens negras se juntavam no noroeste; sinais estes que eles mais temiam, a tempestade, o Euro-aquilão ou Nordeste.

Versículos 16-17 – Aqui, o mar não estava tão violento. Sua primeira tentativa foi procurar recolher o bote, o que, conseguiram. Então, passaram à operação chamada de “cingir o navio”, que consistia em passar cordas por baixo dele, a fim de apertar as tábuas umas contra as outras para tomar o navio menos suscetível a vazamentos.

Como conseguiram fazer isto, em meio a tão grande tempestade, não sabemos com certeza, entretanto, o fizeram. Depois dessas precauções, amaram os aparelhos e foram ao léu, isto é,

deixaram que o vento fosse levando o barco à deriva. Essa foi a última precaução – “amaram os aparelhos”. Isso consistia em amarrar todas as velas e amarrar as cordas o mais seguramente possível. Os lemes foram postos de forma a evitar que o navio seguisse o curso que os levaria aos baixos da África do Norte.

Seguindo essas precauções, foi então o navio deixado ao “léu”. Ficaram flutuando por treze dias, fazendo uma média de sessenta quilômetros cada 24 horas - o que totalizou setecentos e oitenta quilômetros.

III. PAULO LHES GARANTE QUE NENHUMA VIDA SE PERDERÁ DENTRE ELES (27:21-27):

No dia posterior, depois que cingiram o navio, começaram a alijar a carga da embarcação, isto é, o trigo, para que esta ficasse mais leve; pois, evidentemente, apesar de terem-no cingido, descobriram algum vazamento no navio. No terceiro dia, lançaram ao mar tudo quanto puderam da “amação do navio”. A despeito de tudo, tiveram que lutar tremendamente contra a tempestade. Dissipara-se toda a esperança de que seriam salvos. Talvez tenha sido no quinto dia, ou no sexto, ou no sétimo dia que, em meio a toda aflição, levantou-se o apóstolo Paulo, reuniu alguns marinheiros e dirigiu-lhes palavras de grande encorajamento e esperança.

Durante todo aquele tempo, não se haviam alimentado, e a maior parte das provisões já haviam sido lançadas ao mar, ao mesmo tempo que o balanço do navio tomava quase impossível preparar qualquer alimento.

Não devemos esquecer que o historiador Lucas estava a bordo desse navio e que nos está dando o relato de uma testemunha ocular.

IV. LANÇAM QUATRO ÂNCORAS E ORAM PARA QUE ROMPA O DIA (27:28-32):

Na décima quarta noite foi ouvido um ruído diferente, ouvido acima do barulho do vento e da chuva. Os marinheiros imediatamente reconheceram que se tratava do ruído das ondas em

terras baixas. Foi lançado o prumo e achados quarenta metros de profundidade. Adiante, foi lançado o prumo novamente, e foram achados vinte e sete metros. A terra se aproximava rapidamente. E, a fim de não serem lançados contra possíveis rochas, foram jogadas âncoras da popa. Ninguém sabia onde o navio se encontrava, nem o que seria feito deles. A atitude de seu coração é bem expressa na frase que se segue ao relato do lançamento das âncoras: “e oravam para que rompesse dia.”

Paulo se encontrava no convés, e com olho experiente observava todas as ações de bordo. Os marinheiros dificilmente podem ser acusados por causa de sua tentativa de fuga, em vista das circunstâncias e de seu passado. Para eles, tratava-se de uma questão de “cada qual por si mesmo”. Voltando-se para o centurião e para os soldados, que também estavam ali, fazendo um gesto na direção dos marinheiros que estavam areando o bote, clamou: “Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos.”

Todas as mãos seriam necessárias na emergência que estava para chegar. Se os marinheiros partissem, os outros sofreriam. Os soldados imediatamente se adiantaram, para evitar a consumação do plano dos marinheiros. A pequena embarcação já havia sido amada e se encontrava flutuando no mar. Então, um dos soldados puxou de sua curta espada e, debruçando-se sobre a amurada do navio, cortou a corda e deixou o barco ir-se.

V. O NAVIO É DESPEDAÇADO, MAS TODOS SE SALVAM EM TERRA (27:33-44):

Dentro em pouco, as brumosas luzes da aurora começaram a aparecer no céu. Quando houve luz bastante para que todos pudessem ver, o apóstolo Paulo reuniu os homens pela segunda vez no convés do navio e lhes falou desta maneira:

“Hoje é o décimo-quarto dia em que, esperando, estais sem comer, nada tendo provado. Eu vos rogo que comais alguma coisa; porque disto depende a vossa segurança; pois nenhum de vós perderá nem mesmo um fio de cabelo.”

E, assim dizendo, Paulo tomou um pedaço de pão nas mãos e

o partiu. Então fez algo bastante incomum. Ali no convés do navio, em meio a mais de duzentos pagãos, baixou a cabeça e deu graças ao Pai Celestial, em voz alta: Então, vendo o exemplo bravo e confiante de Paulo, os outros se encorajaram e também começaram a comer.

Depois de terem comido suficientemente, começaram a fazer o que podiam pelo barco, já meio invadido pelas águas. E, assim, mais trigo foi lançado ao mar.

Quando a luz do dia que se aproximou e se tomou forte o bastante para que pudessem ver as coisas, perceberam terra — porém, não sabiam que terra era aquela. As correntes ou cordas da âncora foram soltas. Os ferros que mantinham o grande leme foram soltos; o leme tinha que ser usado com toda a precisão, caso quisessem chegar à terra. Pequena vela foi amada na proa do barco, e a grande embarcação começou a mover-se.

De acordo com os que têm investigado aquelas paragens, ali há uma argila muito pesada e pegajosa. Foi nessa argila que a proa da embarcação se enterrou com grande força. E o navio ficou preso, imóvel. Mas, ao fazê-lo, as grandes ondas que vinham do largo, começaram a despedaçar-se de encontro à popa do barco. Dentro de instantes, conforme todos podiam perceber, a embarcação seria despedaçada pelas ondas. Então, cada qual começou a pensar em sua própria segurança. Que aconteceria a eles em tais circunstâncias? Com característica da crueldade romana, os soldados sugeriram que os prisioneiros fossem mortos, pois havia a possibilidade de eles escaparem, e os soldados seriam responsabilizados por isso. Porém, as palavras de Paulo, de que todos seriam salvos, se cumpriram.

O centurião, desejando salvar Paulo da morte, provavelmente por causa de tudo quanto o apóstolo fizera e dissera, resolveu que nenhum dos prisioneiros seria ferido, mas que todos quantos pudessem nadar se lançassem do navio, procurando chegar imediatamente à praia, a nado. E os que não pudessem nadar, que procurassem alguma tábua ou destroço em que se agarrar, para chegarem com segurança à terra. Isso foi logo obedecido, e, assim, as duzentas e setenta e seis pessoas chegaram, molhadas, mas

salvas, à praia de Malta, naquela fria manhã de novembro.

Questionário:

- 1) Por que havia urgência de fazer a viagem até Roma?
- 2) Como foi possível encontrar um navio do Egito em Mira?
- 3) Que desapontamento tiveram em Cnido?
- 4) Quais os argumentos do piloto e do proprietário da embarcação, para que se fizessem à vela até Fenice?
- 5) Por que jogaram no mar a maior parte do trigo e das armações do navio?
- 6) Por que os soldados sugeriram que todos os prisioneiros fossem mortos?

PAULO EM MALTA E EM ROMA

Atos 28

I. EM MALTA, PAULO É MORDIDO POR UMA VÍBORA:

Os nativos da ilha, sem dúvida, estavam tão atentos ao que poderia vir do mar como os náufragos estavam atentos sobre o que existiria na ilha. Assim que o primeiro náufrago pôs os pés em terra, logo os nativos começaram a ajuntar gravetos e a fazer uma fogueira. Fazia frio, e aqueles estranhos estavam todos molhados. E, assim, dentro de alguns instantes crepitava o fogo e os sobreviventes se ajuntaram em tomo do mesmo, procurando aquecer-se.

Novamente, Paulo mostra sua humildade e seu espírito de colaboração. O apóstolo também entrou no bosque, apanhou uma braçada de gravetos e os trouxe para o fogo, mas, ao fazê-lo, viu que havia apanhado mais que simplesmente gravetos. Por causa do calor, a cobra que estava escondida entre os mesmos, saltou. Saltou na mão de Paulo e o mordeu. Os nativos sussurraram entre si: “Certamente este homem é assassino, porque, salvo do mar, a justiça não o deixa viver.”

Então os “bárbaros” (isto é, eram incultos e não falavam nem grego nem latim) prestaram ainda maior atenção ao apóstolo, esperando vê-lo inchar e morrer envenenado. Paulo, contudo, nem inchou nem veio a morrer. Ele, pela fé nas promessas do Senhor Jesus (Marcos 16:18), nada sofreu.

II. A CURA DO PAI DE PÚBLIO (28:7-10):

Depois do episódio na praia, foram levados à casa do governador da ilha, homem chamado Públio. O feito extraordinário do apóstolo Paulo certamente já fora propagado pela ilha inteira. Logo que chegaram à casa do governador, souberam que o pai deste jazia acamado, severamente enfermo de disenteria e febre. Sem dúvida, Paulo viu nessa enfermidade a oportunidade de devolver as

amabilidades recebidas, e, ao mesmo tempo, era uma chance de anunciar Jesus, o Salvador. O pai de Públio foi curado. Esse excitante e maravilhoso incidente logo foi espalhado pela ilha inteira. E logo Paulo ficou ocupado no negócio de curas. Os bárbaros não deixaram de sentir gratidão por isso. Paulo, Lucas, Aristarco e outros foram alvo de muitas honrarias. E, ao embarcarem, os nativos puseram a bordo todas as coisas e alimentos que julgaram necessários.

III. DE MALTA A ROMA (28:11-15):

Paulo deu início à sua viagem para Roma, em um navio de Alexandria, Egito. Malta ficava a 143 quilômetros de Siracusa. Esse porto era composto de cinco cidades, e foi chamada “gloriosa Siracusa, a maior das cidades gregas, e a mais bela de todas as cidades.” Ela era colônia de Corinto.”

Em Siracusa, pararam por três dias. Não há registro de que Paulo tenha pregado nessa ocasião: porém, mais tarde, forte trabalho cristão se estabeleceu ali.

Dali rodaram até Régio: Um dia depois, um vento sul começou a soprar e, por isso, no dia seguinte chegaram a Potéoli. Potéoli ficava treze quilômetros a noroeste de Nápoles, o maior porto da Itália.

Na multidão que veio às docas ver o navio chegar, havia alguns seguidores do Caminho. Estes rogaram ao apóstolo que ficasse com eles por sete dias. Júlio, evidentemente, concordou com este pedido.

Os irmãos de Roma tinham sabido que estavam chegando e foram encontrar-se com Paulo e os outros, no Fórum da Via Ápia, a 60 ou 70 quilômetros de Roma. Outros se juntaram a eles em Três Vendas, 56 quilômetros de Roma. Por isso, Paulo sentiu-se animado. Mesmo os mais experimentados e mais desenvolvidos crentes precisam da inspiração e edificação que recebem da convivência entre seus irmãos. Paulo sem dúvida, já conhecia pessoalmente alguns dos irmãos desse grupo.

IV. EM ROMA (28:16-31):

“Importa-me ver também Roma.” Agora Paulo veria cumprido o seu desejo. Contudo, de maneira muito diferente daquela que imaginara chegar ali. Quantos grandes homens entraram em Roma, coroados e triunfantes, e que eram uma verdadeira praga para a sua geração? Mas Paulo, que era uma das maiores bênçãos para sua geração, entrou desprezado, como um pobre cativo.

A Paulo foi concedida boa dose de liberdade - tinha sua própria casa alugada - tudo o que o lembrava de sua situação de prisioneiro eram a corrente e o soldado romano. Que acúmulo de ocorrências cansativas, desde que o apóstolo clamou: “Apelo para César!” Que viagem longa e maçante aquela! Porém, apenas três dias depois de sua chegada em Roma, o embaixador em cadeias, incansável, enviou palavras dizendo que desejava falar com os líderes dos judeus na capital imperial. Paulo estava especialmente interessado em expor os verdadeiros fatos perante aqueles homens. Ele queria esclarecer que não estava prisioneiro porque fizera algo contra os líderes judeus ou a nação judaica. Paulo responsabiliza os judeus por seu aprisionamento. De fato, pelos romanos, ele teria sido posto em liberdade. Mas os judeus entrevistaram, e o apóstolo se viu obrigado a apelar para César; e, assim, Paulo explicou como se achava prisioneiro ali em Roma.

Os judeus afirmaram não haver recebido qualquer notícia a seu respeito. Não obstante, declararam haver ouvido de uma nova seita, à qual o apóstolo aludira, e que gostariam de ouvir mais a respeito. Esses judeus, para começar, já se achavam prisioneiros de preconceitos, pois só tinham ouvido falar mal do Caminho. Certamente, contudo, o apóstolo deve ter-se alegrado por eles estarem, pelo menos, interessados em ouvi-lo. Na data marcada, vieram os judeus, em grande número, a fim de ouvir o estranho prisioneiro.

A divisão, que sempre resultou da pregação da verdade de Deus, se fez também presente nessa ocasião, lado a lado: a convicção sincera, com a indiferença mundana.

Depois que eles haviam discutido contra e a favor entre si,

retiraram-se com esta palavra final de Paulo soando nos seus ouvidos: “Bem falou o Espírito Santo a vossos pais, por intermédio do profeta Isaías (6:9,10), quando disse: Vai a este povo e dize-lhe: De ouvido ouvireis, e não entendereis; vendo vereis, e não perceberéis. Porquanto, o coração deste povo se tornou endurecido; com os ouvidos ouviram tardiamente, e fecharam os seus olhos, para que jamais vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, para que não entendam com o coração, e se convertam, e por mim sejam curados.”

E arrematou Paulo: “Tomai, pois, conhecimento de que esta salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão.”

NOTA:

Conforme a tradição, Paulo foi libertado, depois de passar dois anos preso. Continuou a evangelizar, talvez até a Espanha; foi novamente preso, provavelmente depois do incêndio de Roma, no ano 64, e foi degolado, no ano 67 ou 68.

Esta tradição tem confirmação, só em parte, com as referências de II Timóteo e Tito, escritas durante o seu segundo encarceramento. (Leia I Timóteo 1:15-18, 1:13; Filipenses 1:24,25). Na primeira prisão, escreveu as cartas aos Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. Na segunda, escreveu II Timóteo e Tito. Quanto a igreja de Deus deve ao encarceramento de Paulo, só no lar eterno saberemos!

Questionário:

- 1) Qual o primeiro ato de bondade por parte dos nativos da ilha?
- 2) Que promessa de Jesus Paulo reivindicou, no caso da víbora?
- 3) Como foi que Paulo pagou a amabilidade dos nativos e do governador, ao mesmo tempo em que abriu uma porta à pregação do Evangelho?
- 4) Como foi que Paulo mostrou sua grande humildade, logo que chegou na ilha?
- 5) Que espécie de cidade era Siracusa?
- 6) Por quanto tempo Paulo e seus companheiros se demoraram em Potéoli?

- 7) Na sua opinião, por que Júlio permitiu que eles ficassem?
- 8) Qual a distância percorrida pelos cristãos para irem saudar Paulo?
- 9) A quem culpou Paulo pelo seu aprisionamento?
- 10) Qual o privilégio especial que foi concedido a Paulo?
- 11) Quais algumas das Epístolas escritas por Paulo na prisão?